

E, NO ENTANTO, OS MORTOS VIVEM

Hans-Jörg Ronsdorf



A imortalidade da alma

Hans-Jörg Ronsdorf

E, no entanto, os mortos vivem

A imortalidade da alma

Christliche Literatur-Verbreitung

Postfach 11 01 35 • 33661 Bielefeld

Tradução bíblica utilizada: Überarbeitete Elberfelder (tradução alemã da Bíblia), 1999, CSV, Hückeswagen

1ª edição 1992

2ª edição 1994

3ª edição revista e ampliada 2004

© 1992 by

CLV • Christliche Literatur-Verbreitung

Postfach 110135 • 33661 Bielefeld

CLV na internet: www.clv.de

Composição: CLV

Capa: Dieter Otten, Gummersbach

Impressão e encadernação: Ebner & Spiegel, Ulm

ISBN 3-89397-227-7

Sumário

Prefácio

1 Introdução	12
1.1 Importância e alcance do tema	13
1.2 Motivo e desafio	14
1.3 Estrutura e divisão	15
1.4 A ordem dos acontecimentos futuros – o calendário profético	16
1.5 A revelação da Bíblia no Antigo e no Novo Testamento	17
1.5.1 A revelação do Novo Testamento	18
1.5.2 A revelação do Antigo Testamento	19
1.5.3 Também há luz no Antigo Testamento	20
1.6 Origem e efeito da morte	22
1.7 O que acontece ao morrer?	24
1.7.1 O espírito do homem e a morte	25
1.7.2 A alma no morrer	26
1.7.3 Espírito e alma	27
1.8 Diferentes aspectos da morte	27
1.9 A vitória sobre a morte	27
1.9.1 Morte e pecado	28
1.9.2 A morte e o diabo	30
2 O que vem depois da morte?	32
2.1 Lázaro e o rico	32
2.1.1 Trata-se aqui da vida após a morte?	33
2.1.2 O sentido da história	34
2.1.3 Uma parábola?	34
2.1.4 Antes da morte	35
2.1.5 A ideia do além entre os judeus	36
2.1.6 O seio de Abraão	37
2.1.7 Como Lázaro foi para o seio de Abraão?	37
2.1.8 O Hades	38
2.1.9 O Hades em Lucas 16	41

2.1.10 O Sheol	43
2.1.11 O levantar dos olhos	44
2.1.12 De longe	45
2.1.13 O grande abismo	46
2.2 O Deus dos vivos	47
2.2.1 Os saduceus	
2.2.2 Moisés e Elias no monte da transfiguração	49
2.2.3 A relação entre a vida após a morte e a ressurreição	50
2.2.4 A imagem do grão de semente	51
2.3 O malfeitor na cruz	51
2.3.1 O paraíso	52
2.3.2 O paraíso na tradição judaica	53
2.3.3 O paraíso no Novo Testamento	54
2.3.4 É possível outra interpretação de Lucas 23:43?	57
2.4 Glória eterna – esperança diante da morte	58
2.4.1 O homem exterior	61
2.4.2 O homem interior	61
2.4.3 O tabernáculo terrestre	62
2.4.4 O revestimento	64
2.4.5 A viagem e a pátria	67
2.4.6 Outras interpretações	69
2.5 Morrer é lucro	71
2.5.1 Outras explicações	73
2.5.1.1 Trata-se da volta de Cristo?	73
2.5.1.2 Partir	74
2.5.1.3 Sono da alma?	74
2.5.1.4 Um direito só de Paulo?	75
2.5.2 Encontrar-se com Ele!	75
2.6 Os que dormem	76
2.6.1 Os que dormem estão no sono da alma?	77
2.6.2 A que se refere o sono?	77
2.6.3 O exemplo da morte de Estêvão	78
2.6.4 Os que dormem no arrebatamento	79

2.6.5 Os que dormem antes do arrebatamento	80
2.6.6 Conclusão	80
2.7 Cristo – Senhor de vivos e de mortos	81
2.8 As almas debaixo do altar	85
2.8.1 As almas dos mártires	85
2.8.2 Debaixo do altar	87
2.8.3 Em que tempo se dá esse acontecimento?	89
2.8.4 O clamor por vingança	89
2.9 A vida eterna	90
2.9.1 O que é a vida eterna?	91
2.9.2 Vida eterna e imortalidade	92
2.9.3 Como um ser humano pode receber a vida de Deus?	92
2.9.4 Como os crentes possuem a vida eterna?	93
2.9.5 A vida eterna e a morte	94
2.9.6 Os crentes falecidos	94
2.9.7 Os crentes vivos	95
2.9.8 A forma futura da vida eterna	96
2.9.9 O Espírito Santo	97
2.9.10 Conclusão	97
2.10 Os espíritos em prisão	98
2.10.1 A intenção de Pedro	98
2.10.2 Minha explicação do texto	99
2.10.3 Morto na carne – vivificado no Espírito	100
2.10.4 A pregação aos espíritos em prisão	101
2.10.5 O conteúdo da pregação	101
2.10.6 Almas e espíritos	103
2.10.7 Os espíritos são anjos caídos?	103
2.10.8 Espíritos – pessoas falecidas	104
2.10.9 A prisão	106
2.10.10 A libertação dos crentes do Antigo Testamento do Sheol?	107
2.10.11 Uma descida de Jesus ao inferno?	108
2.10.12 Conclusão	109
2.11 Experiências de morte e experiências de quase morte	109

2.11.1 O que há de verdade nesses relatos?	111
2.11.2 Experiências de morte na Bíblia?	111
2.11.3 Os apóstolos Paulo e João	113
2.11.4 Experiências de morte – céu e inferno	114
2.11.5 A sedução das trevas	115
2.11.6 Os necromantes são abominação para o Senhor	116
2.11.7 Saul e Samuel	117
2.11.8 A sedução anticristã no tempo do fim	118
2.11.9 Conclusão	
3 A visão bíblica do ser humano	121
3.1 De que se compõe o ser humano?	122
3.2 O espírito do homem	124
3.2.1 O fôlego de vida	124
3.2.2 O espírito vindo de Deus e o espírito do homem	125
3.2.3 Resumo	128
3.3 A alma do homem	128
3.3.1 Resumo	130
3.4 O corpo do homem	131
3.5 Conclusão	132
4 A imortalidade da alma	134
4.1 Vida eterna e imortalidade da alma	135
4.2 A imortalidade no Novo Testamento	136
4.3 Entre a morte e a ressurreição	137
4.3.1 A consciência da alma sem o corpo	138
4.3.2 A alma ainda precisa de um corpo?	138
4.4 A imortalidade na Bíblia e na filosofia grega	139
4.4.1 O dualismo	140
4.4.2 A ressurreição	140
4.4.3 A imortalidade da alma não é o estado final	141
4.4.4 A personalidade	141
4.5 Conclusão	142
4.6 O significado desta verdade	143
5 O futuro dos mortos	144

5.1 A ressurreição	144
5.1.1 A ressurreição no Antigo Testamento	146
5.1.2 A ressurreição da vida	147
5.1.3 O corpo na ressurreição	150
5.1.4 O momento da ressurreição	152
5.1.5 A ressurreição do juízo	154
6 O ser humano na eternidade	157
6.1 Os crentes na eternidade	158
6.2 Os incrédulos na eternidade	159
6.2.1 O inferno (Geena)	160
6.2.2 O lago de fogo	162
6.2.3 A segunda morte	163
6.3 Quanto tempo dura o castigo?	163
6.3.1 “Eternidade” e “eterno” no Novo Testamento	165
6.3.2 “Perdição”	166
6.3.3 Resumo	168
6.3.4 A justiça e a santidade de Deus	168
6.3.5 A cruz do Gólgota	170
7 Apêndice	173
7.1 O que a Sagrada Escritura ensina sobre o Sheol e o Hades?	173
7.2 Tabela com os diferentes termos	178
8 Bibliografia	181
Notas	185

Prefácio à primeira edição

Elaborar este tema difícil e complexo não foi uma tarefa fácil. O que o leitor tem agora em mãos não é, portanto, um tratamento exaustivo do assunto, como também se pode perceber sem dificuldade pela bibliografia, que mostra a grande quantidade de livros sobre esse tema.

Este livro não teria surgido nesta forma sem a colaboração do meu amigo Matthias Piel, a quem expresso aqui também o meu agradecimento especial. Agradeço igualmente a Martin Heide pela sua ajuda. E não por último agradeço à minha esposa, que teve de abrir mão de mim por muitas horas e, apesar disso, não deixou de me encorajar a concluir este trabalho.

Que o Deus fiel abençoe este livro para a Sua glória! Sou grato a todo leitor por críticas que sejam apresentadas com base na Bíblia.

Hans-Jörg Ronsdorf

Prefácio à terceira edição

Este livro não foi escrito para os teólogos. Para eles existem trabalhos que tratam essa problemática de forma mais extensa e profunda. O meu desejo – sobretudo quando se constata quanto a compreensão da Escritura ainda precisa melhorar, também nas igrejas fiéis à Bíblia – é colocar nas mãos do crente um livro que o familiarize com essas verdades de modo simples e compreensível.

Em alguns lugares cito a língua original. Mas é minha profunda convicção que, com uma boa tradução, é possível uma compreensão correta das questões tratadas neste livro.

O título do livro, “A imortalidade da alma”, é provocador para alguns cristãos, em parte com boa razão. Quero, porém, fazer a tentativa de examinar o seu conteúdo à luz da verdade bíblica e chego à conclusão de que ele tem, sim, a sua legitimidade, desde que o entendamos e o usemos de forma bíblica.

Depois da publicação da 1ª e da 2ª edição houve muitíssimas cartas. Houve muito apoio, mas também a mesma quantidade de rejeição. Incorporei muitos pontos nesta edição, aliás também correções que fiz em alguns lugares. Sou grato por essas observações. O nosso conhecimento é imperfeito.

Como neste livro trato de forma sistemática todas as passagens bíblicas relevantes para o tema (assim espero), ele pode ser visto também como obra de consulta. Por isso ocorrem inevitavelmente repetições com frequência, já que cada capítulo pode ser lido por si só.

Também nesta edição, que se tornou uma revisão completa com muitos acréscimos, sou muito grato pela colaboração e pelo apoio, especialmente de Werner Mücher, de Gummersbach, e de Wolfgang Klöckner, de Obergünzburg / Allgäu, que incluiu as perguntas para aprofundamento. Eles ajudaram a tornar os pensamentos mais claros e mais compreensíveis.

No contexto de um trabalho como este, percebo também quanto me é útil hoje o fundamento espiritual que foi lançado na minha juventude. Por isso sou grato também àqueles que se deram ao trabalho de lançar esse fundamento.

A minha oração é que muitos filhos de Deus tirem proveito deste livro e obtenham uma visão ainda mais clara da grandeza do Senhor Jesus Cristo na Sua vitória sobre a morte e da bênção que daí resultou para nós.

Hans-Jörg Ronsdorf, Kempten im Allgäu, dezembro de 2003

1 Introdução

Existe realmente uma existência, uma continuação da vida depois da morte? Se existe, como devemos imaginar essa existência? É assim, ou de modo parecido, que soam as perguntas feitas sempre de novo. Deus pôs a eternidade no coração do ser humano, e isso o faz pressentir que a morte não é o fim:

“Tudo fez formoso a seu tempo; também pôs a eternidade no coração deles, sem que o homem possa compreender a obra que Deus fez, desde o princípio até o fim”
(Eclesiastes 3:11).

Se essa palavra em si já não significa que o coração – na Bíblia, o mais íntimo e essencial do ser humano – está voltado para a eternidade, ela afirma pelo menos que o ser humano percebe – como confirmam todas as religiões mundiais e também as religiões tribais de tempos antigos e mais recentes – que existe algo além do horizonte do nosso conhecimento, a saber, uma vida depois desta vida. O próprio Criador deu ao ser humano a consciência da Sua existência acima do tempo.¹

No mesmo fôlego, porém, essa palavra do Pregador menciona o limite do conhecimento. Sobre a morte e o futuro não há conhecimento *debaixo do sol*. “*Debaixo do sol*” é, para o Pregador, uma visão do mundo a partir do ponto de vista do ser humano que não conhece a revelação de Deus. E, graças a Deus, temos em nossas mãos, por meio da Bíblia, a revelação de Deus. Ela vem do Deus que está acima do sol, para continuar na linguagem do Pregador.

Com todas as disciplinas disponíveis da ciência e da pseudociência, tenta-se resolver essa última pergunta. Embora o limite do conhecimento não possa ser suprimido, oferecem-se soluções que interpretam a morte e o que vem depois dela de um modo – do ponto de vista bíblico – sedutor e funesto! Uns dizem que a morte é, para todos os seres humanos, a passagem para o paraíso. Outros afirmam que depois da morte não vem absolutamente nada. Ou se pensa que, depois de uma existência limitada no tempo, vem o fim definitivo para uns e a vida eterna para outros.

1. Isso não muda em nada, ainda que essa consciência muitas vezes se manifeste de formas muito diferentes e muitos neguem uma vida depois da morte.

Essas explicações são funestas porque levam ao erro e não entendem a morte como aquilo que ela realmente é: o salário do pecado (Romanos 6:23) e a separação de Deus.

O que nós, cristãos, temos a dizer sobre isso? Fundamentamos a nossa visão nesta questão na Palavra de Deus, e estamos dispostos e em condições de dar razão da esperança (1 Pedro 3:15)² que temos no nosso coração?

Não precisamos nem devemos nos esconder, pois, diante de todas as tentativas de interpretar a morte ao nosso redor, ficará evidente sempre de novo que a visão bíblica sobre a morte e o que vem depois – e, com isso, sobre o futuro do ser humano – é única. Em nenhum outro lugar existe essa esperança grandiosa e um futuro tão maravilhoso. No entanto, há dois destinos que estão no fim de um caminho largo e de um caminho estreito (Mateus 7:13-14).

1.1 Importância e alcance do tema

O tema deste livro trata de questões-limite do conhecimento humano no campo da vida e da morte. Dependemos exclusivamente daquilo que Deus nos diz em Sua Palavra sobre esse tema. Embora a Bíblia tenha coisas essenciais a dizer sobre esses assuntos, não devemos enfatizar demais o tema nem lhe atribuir um valor que a Escritura não lhe dá. Não queremos, portanto, dizer demais sobre ele, mas também não de menos. Onde a Escritura se cala, queremos também nos calar! Sobre o futuro, a Bíblia diz muitíssimo – sobre o tempo entre a morte e a ressurreição, relativamente pouco, já que se trata apenas de uma fase intermediária que um dia terminará para sempre.

À primeira vista, a vida entre a morte e a ressurreição não parece ter a ver diretamente com o fundamento da fé (por exemplo, a pessoa e a obra de Jesus Cristo, a inspiração da Bíblia). Que alguém esteja convencido de que, depois da morte, até a ressurreição, cai num sono inconsciente talvez não seja uma heresia.³ Mas quando – e isso se encontra com frequência – se conclui daí que na eternidade também haverá esse estado inconsciente ou um término da existência, por exemplo a aniquilação dos ímpios, então os fundamentos da fé cristã estão sendo atacados.

2. A nossa esperança não se esgota numa vida depois da morte. O tempo entre a morte e a ressurreição é “apenas” algo passageiro. A nossa esperança e o nosso futuro é a vida eterna na ressurreição.

3. Considero essa visão um falso ensino que, em si mesmo, talvez não tenha grande efeito; mas o passo para a heresia, isto é, para um ensino que leva as pessoas ao erro e à perdição (Deuteronômio 27:18; Ezequiel 13:10), está muito próximo e também foi dado por não poucos.

Então também, como veremos, a natureza de Deus, o Seu amor, a Sua santidade e a Sua justiça são atingidos. Talvez um ou outro leitor se admire dessa relação. Mas trata-se, de fato, da validade e dos efeitos da obra da redenção do Senhor Jesus Cristo.

Numa consideração abrangente deste tema, a saber, o futuro do ser humano, veremos como o círculo se fecha. Trata-se de mais do que apenas uma vida entre a morte e a ressurreição.

1.2 Motivo e desafio

Há algum tempo fui confrontado com uma visão que nega que a alma continue a existir depois da morte. Essa convicção se encontra em diversas seitas ou heresias (entre outras, entre os adventistas⁴ e as Testemunhas de Jeová⁵); ela afirma mais ou menos o seguinte:

O ser humano não tem, desde o nascimento, uma alma imortal. Pelo pecado ele está sujeito à mortalidade. A imortalidade ele só a obtém, e exclusivamente, por meio de Cristo. Essa é a vida eterna que recebem todos os que creem em Cristo. Consequentemente, todos os que não têm vida em Cristo não viverão eternamente, mas um dia deixarão de existir, isto é, serão aniquilados no inferno; a sua existência será apagada.

Como a alma do ser humano não é imortal, mas mortal, também não existe vida depois da morte. Na morte, a alma morre, o ser humano inteiro perece, toda e qualquer função – também de natureza espiritual e anímica – se extingue. Numa variante dessa visão, esse estado de “não existência” também é chamado de sono da alma, na medida em que se refere ao estado depois da morte e antes da ressurreição.

*Durante esse sono da alma não há consciência.*⁶

Nessa concepção, vê-se o ser humano como uma unidade indivisível. Ou o ser humano vive (no corpo), ou está morto. Entre essas duas formas de existência não há estado intermediário. O ser humano, criado como unidade, só voltará a

4. Por exemplo, Tobler, G., *Wann beginnt das ewige Leben*, (Advent-Verlag, Zürich). Tomasi, M., *Tod und Auferstehung, Himmel und Hölle*, (Advent Verlag, Zürich). *77 Fragen an die Gemeinschaft der Siebenten-Tags-Adventisten*, (Union Verlag Berlin), 1988.

5. Essas duas seitas certamente devem ser consideradas de forma diferenciada; neste ponto, porém, não há diferenças essenciais entre elas: ambas defendem um falso ensino.

6. Essa concepção é conhecida pelo termo “condicionalismo”, embora menos nos países de língua alemã. O termo (do latim *conditio*, condição) significa que a imortalidade do ser humano depende da condição de ele possuir ou não vida em Cristo.

ter consciência na ressurreição. Nessa visão, não existe alma nem espírito sem o corpo ou fora dele.

Não me interessa aqui uma discussão com a visão ateuista e materialista sobre a morte e a imortalidade da alma. Interessa-me, antes, responder a uma concepção que é defendida com base na Bíblia.

Este livro, porém, não se destina apenas àqueles que lidam com a problemática específica do condicionalismo ou do sono da alma, mas a todos os que desejam ocupar-se com este tema também de forma fundamental.

1.3 Estrutura e divisão

Em primeiro lugar, é necessário chegar a uma avaliação equilibrada das afirmações bíblicas a respeito do nosso tema: o que pensavam os profetas no Antigo Testamento e os apóstolos no Novo Testamento sobre as coisas do além?

Em seguida, trata-se de examinar a morte quanto à sua origem e ao seu modo de agir. À vitória sobre a morte por meio de nosso Senhor Jesus Cristo deverá então ser dada atenção especial.

Depois desse trabalho preparatório, vou me ocupar daquilo que vem imediatamente após a morte. Para isso, recorro a todas as passagens essenciais do Novo Testamento que fazem alguma afirmação sobre isso. Esses textos são a parte mais importante para o tema propriamente dito, porque neles o tempo entre a morte e a ressurreição é abordado diretamente por diversos autores. Um autor apenas toca o tema, outro trata dele de forma concreta. Não se pode falar de passagens bíblicas de menos.

Isso, por sua vez, toca a pergunta sobre o que é, afinal, o ser humano. Trata-se aí especialmente da constituição e da imortalidade da alma. Ali está também a raiz das ideias em que se baseia o condicionalismo. Como o estado intermediário depois da morte é apenas limitado no tempo, chegamos então ao grande acontecimento que põe fim a esse estado: a ressurreição. Num capítulo seguinte vou me ocupar do estado eterno, examinando especialmente o destino dos ímpios. Sempre de novo surge a pergunta se pode realmente existir – diante do amor de Deus – um inferno eterno.

1.4 A ordem dos acontecimentos futuros – o calendário profético

Não importa que livro se leia sobre este tema: na base de todos os livros está uma determinada visão da escatologia, a doutrina dos acontecimentos futuros. Também neste livro não é diferente. Quero esclarecer de antemão a minha convicção sobre a ordem dos acontecimentos proféticos e as suas ênfases, para assim possibilitar ao leitor uma melhor compreensão das relações. Em poucas palavras e sem maior fundamentação neste ponto, apresento a minha convicção.⁷

Creio que todos os cristãos, todos os filhos de Deus, serão muito em breve arrebatados para junto de Jesus Cristo no céu. Nessa ocasião, todos os crentes falecidos até então ressuscitarão e serão arrebatados junto com os vivos. Depois virá um tempo de grandes juízos, no qual o Anticristo aparecerá e seduzirá muitas pessoas. O ponto focal da história da salvação de Deus será então, sobretudo, a terra e o povo de Israel. Deus, Javé, cumprirá todas as promessas que deu ao Seu antigo povo Israel. Então Cristo (hebraico: *Messias*) aparecerá para o juízo dos vivos e fundará o Seu reino. Não serão os cristãos que construirão esse reino de poder e glória, mas Cristo, quando vier para reinar. Depois desse reino haverá mais uma vez uma grande sedução por parte de Satanás. Só então virá o juízo final de todos os seres humanos, que geralmente se chama o “último dia”. Então a terra e o céu serão dissolvidos e criados de novo.

A compreensão diferente da cronologia profética, porém, não significa necessariamente que se chegue a conclusões diferentes em todos os pontos que dizem respeito ao nosso tema. Há, por exemplo, no tema da ressurreição, grande concordância quanto à sua forma e ao seu modo, mas não quanto ao seu momento e quanto à questão de haver uma ou várias ressurreições.

O gráfico ao lado mostra a ordem das ressurreições e dos juízos. Peço ao leitor que leia as passagens bíblicas indicadas.

- Inferno¹¹ · Novo céu e nova terra¹⁰ · Casa do Pai¹²
- **O estado eterno**⁹

7. Uma discussão detalhada das diferentes visões encontra-se, entre outros, na introdução ao comentário sobre o Apocalipse: W.J. Ouwenel, *Das Buch der Offenbarung*, Bielefeld (CLV) 1995, e: J.D. Pentecost, *Bibel und Zukunft*, Dillenburg (CVD) 1993.

- □ Juízo dos **mortos** diante do grande trono branco no fim da história do mundo⁸
- ▲ Ressurreição de todos os injustos para o juízo depois do Reino Milenar, diante do grande trono branco⁷
- ▲ **1ª ressurreição** fase B⁵ mártires da tribulação
- □ Manifestação de Cristo para o juízo dos **vivos** no início do Reino Milenar na terra⁶
- □ Tribunal de Cristo para os crentes glorificados no céu⁴
- ▲ **1ª ressurreição** fase A² arrebatamento da igreja para o céu y³
- **Morte e ressurreição de Jesus Cristo**¹

□ = juízo · : = tempo · ▲ = ressurreição

¹ 1 Coríntios 15:1-23; Atos 17:31; ² + ³ 1 Tessalonicenses 4:13-17; 1 Coríntios 15:51-54; ⁴ 2 Coríntios 5:10; 1 Coríntios 3:13-15; 4:4-5; ⁵ Apocalipse 20:4-6; ⁶ Mateus 25:31-46; ⁷ Apocalipse 20:5; João 5:29; Jó 14:10-12; ⁸ Apocalipse 20:11-15; 1 Coríntios 15:24; ⁹ 2 Pedro 3:13; 1 Coríntios 15:24; ¹⁰ Apocalipse 21:1-8; ¹¹ Mateus 18:8; Judas 7, 13; Apocalipse 14:11; 20:10; ¹² João 14:2-3; 17:24; 1 Tessalonicenses 4:17

1.5 A revelação da Bíblia no Antigo e no Novo Testamento

Quando se examina toda a Sagrada Escritura quanto à pergunta sobre como é o estado do ser humano depois da morte e na eternidade, chamam a atenção grandes diferenças entre o Antigo e o Novo Testamento. A diferença essencial está no grau da revelação, isto é, em que medida Deus falou sobre essas coisas, por um lado no Antigo Testamento e, por outro, no Novo Testamento. Só o Novo Testamento responde de forma abrangente e definitiva à pergunta sobre o além e a imortalidade do ser humano.

Isso não significa que se encontre pouco sobre esse tema no Antigo Testamento. Não, há até mais afirmações no Antigo Testamento sobre a morte e o Sheol do que no Novo Testamento. Mas as afirmações das pessoas no Antigo Testamento são muitas vezes marcadas por incerteza e desconhecimento a respeito da morte, também por dúvidas e até por medo. Isso se deve ao fato de que a essas pessoas tinha sido revelado muito pouco sobre a vida depois da

morte e de que elas não tinham a certeza da paz com Deus e de uma redenção eterna.

Nos crentes do Novo Testamento, ao contrário, encontramos uma atitude completamente diferente. A morte já não é para eles aquilo que era para muitos crentes do Antigo Testamento. Para eles não existe mais essa incerteza e esse desconhecimento, nem dúvidas ou medo. Compare-se, por exemplo, as afirmações de Jó com as do apóstolo Paulo.

Jó disse: “... antes que eu vá (e não volte) para a terra das trevas e da sombra da morte, para a terra sombria como a escuridão, a terra da sombra da morte e da desordem, onde a claridade é como a escuridão!” (Jó 10:21).⁸

Paulo, porém, pôde dizer: “... seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras: tudo é vosso” (1 Coríntios 3:22).⁹

Pela ressurreição de Jesus Cristo, a atitude dos crentes diante da morte mudou fundamentalmente. Os cristãos conhecem a vitória e o Vencedor sobre a morte. Essa vitória não se manifesta apenas na ressurreição, mas também no estado imediatamente após a morte.

1.5.1 A revelação do Novo Testamento

Por que o Novo Testamento nos revela mais sobre o além? Porque, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, a morte foi vencida e destruída e, com isso, aconteceu uma ruptura radical que, na sua dimensão, muda tudo. Essa ruptura é a mensagem do evangelho:

“... que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade [ou: incorruptibilidade], mediante o evangelho” (2 Timóteo 1:9-10).

De modo semelhante, Lucas o formulou em Atos dos Apóstolos:

“... isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios” (26:23).

8. Ver também Jó 14:12; 30:23; 38:17.

9. Ver também Filipenses 1:23; 1 Coríntios 15:54-56; 2 Coríntios 4:7–5:10.

Os autores do Antigo Testamento procuravam clareza nas coisas que só podiam vir em consequência da obra de Jesus Cristo. Para eles, a morte – pelo menos subjetivamente – ainda não tinha sido destruída pela obra de Cristo.¹⁰ Eles contemplavam a morte antes que a vida e a incorruptibilidade tivessem sido trazidas à luz. Não era apenas uma questão de revelação, pois teria sido coisa pequena para Deus levantar o véu. Tratava-se da revelação dessas coisas em ligação com a morte e a ressurreição de Jesus.

A revelação completa das coisas do além tinha de esperar a vinda do Filho de Deus. Antes disso havia apenas poucas promessas ou revelações de coisas do além, em comparação com aquilo que hoje, depois da vinda do Senhor Jesus, conhecemos pelos escritos do Novo Testamento (João 3:11-13; Efésios 1:3ss.; Filipenses 3:20).

1.5.2 A revelação do Antigo Testamento

Encontramos no Antigo Testamento os mais diversos autores e, com isso, também diferentes formas de texto¹¹. Há os livros históricos, que documentam os caminhos de Deus com o Seu povo. Depois há os livros proféticos, nos quais Deus falou por meio dos Seus profetas sobre o estado moral do Seu povo e de outros povos, bem como sobre o futuro deles.

Além disso, há também livros poéticos, como por exemplo Jó, os Salmos e Eclesiastes, que expressam de modo especial pensamentos, sentimentos e emoções humanas.¹² Nos três livros mencionados por último encontramos a maior parte das afirmações que nos interessam no âmbito deste tema.

O Pregador tenta explicar o sentido da vida e do mundo, por vezes, a partir de uma perspectiva puramente horizontal: o seu horizonte não vai além daquilo que ele vê “debaixo do sol” (1:3; 2:11, 18, 22). Uma das suas respostas à pergunta pelo sentido diz:

“Porque o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o

10. Ainda assim, todos os crentes da Antiga Aliança foram, depois da morte, para o paraíso celestial, como veremos mais adiante. Isso não lhes era conhecido antes da sua morte, isto é, não lhes tinha sido revelado.

11. Historiografia, poesia, provérbios etc.

12. Quando digo aqui que esses livros têm como conteúdo pensamentos humanos, eles são, mesmo assim, como todos os outros livros da Bíblia, inspirados pelo Espírito Santo e registrados para nós com propósito divino.

mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão. Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?” (Eclesiastes 3:19-21).

O Pregador chega a conclusões que só são verdadeiras a partir de uma perspectiva deste mundo. Por isso, esse livro não pode tornar-se uma testemunha principal sobre as coisas do além, ou mesmo sobre as coisas eternas. Nos Salmos encontramos algumas afirmações muito parecidas com as do Pregador (por exemplo, Salmos 49:12; 103:15-16). Também essas afirmações não nos dão o esclarecimento último sobre o além.¹³

Quando se considera o Antigo Testamento isolado do Novo Testamento, pode-se ter a impressão de estar lidando com contradições. Mas essa impressão só pode surgir quando se esquece que as coisas do além, no tempo do Antigo Testamento, só tinham sido parcialmente reveladas. Uma argumentação na qual as afirmações do Antigo Testamento são os argumentos mais fortes não pode apresentar toda a verdade.

1.5.3 Também há luz no Antigo Testamento

Mas com isso não se diz que não tenha havido absolutamente nenhuma luz em relação ao nosso tema. Até o Antigo Testamento nos dá indicações suficientes de que com a morte nem tudo acaba.

- “Reunido ao seu povo”.¹⁴ Em regra, “ser reunido” significa, também no nosso uso da língua, juntar várias pessoas num lugar, num assunto que diz respeito a todos os presentes. Quando essa expressão é usada também para o morrer, há nela pelo menos uma indicação de que os mortos são reunidos num lugar, ou seja, no reino dos mortos – no Antigo Testamento, o Sheol.¹⁵ Chama a atenção que o enterro ou o sepultamento é distinguido do “ser reunido”.¹⁶ Já no início da história existem, portanto, termos que têm a ver com o além.

13. Os Salmos têm um caráter diferente. Em grande parte são de natureza profética. O especial neles é que essas profecias muitas vezes se expressam nos pensamentos e sentimentos de pessoas. Os sofrimentos dos quais, por exemplo, Davi fala assumem, sob a direção do Espírito de Deus, uma forma que, em última análise, só podia cumprir-se nos sofrimentos de Cristo.

14. Gênesis 25:8, 17; 35:28-29; ver também Gênesis 37:35; Juízes 2:10.

15. Gênesis 37:35; 42:38; 44:31; Números 16:30; 1 Samuel 2:6.

16. Gênesis 35:29; 2 Reis 22:20; 2 Crônicas 34:28.

- A adivinha de En-Dor e o espírito de Samuel (1 Samuel 28). Em Israel se partia do princípio de que necromantes podiam fazer aparecer o espírito de um morto. Isso pressupõe que o espírito do morto tinha de existir de algum modo e em algum lugar; pelo menos se supunha que esses espíritos dos mortos existiam. Além disso, Deus havia proibido, sob pena máxima, consultar os espíritos dos mortos por meio de necromantes ocultistas.¹⁷
- O arrebatamento de Enoque (Gênesis 5:24) e de Elias (2 Reis 2). Embora aquilo que aconteceu com essas pessoas seja uma exceção, podemos perguntar onde essas pessoas ficaram depois da sua ascensão ao céu.¹⁸ Elias e Moisés – Moisés morreu de morte natural – apareceram ambos no monte da transfiguração e conversaram com Jesus.¹⁹
- Davi e o seu filho morto (2 Samuel 12:23). Davi disse: “Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim.”

A comunhão dos crentes com Deus e a sua confiança em Deus não é interrompida nem mesmo na sua morte. Ao lado das afirmações em que se expressa medo da morte, há também algumas em que encontramos confiança, paz e expectativa: Salmos 16:9-11; 17:6; 31:5; 49:14-15; 73:24-26; 116:15.

Em resumo, constatamos que o Antigo Testamento nos dá informação sobre o além apenas até certo ponto. Se, por isso, tentássemos derivar dele afirmações definitivas sobre a vida depois da morte, escureceríamos a luz que se encontra sobre isso no Novo Testamento. Só se examinarmos as afirmações do Antigo Testamento com base no Novo Testamento e as interpretarmos à sua luz, as entenderemos corretamente. O Novo Testamento é sempre a chave para o Antigo Testamento, e não o contrário.

O que é dito no versículo seguinte sobre a salvação poderia valer, em sentido semelhante, também para o futuro do ser humano. Muitas coisas os profetas viram e escreveram, mas era um buscar e investigar; o conhecimento pleno não lhes foi concedido:

“... a respeito dessa salvação, os profetas, que profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, buscaram e investigaram, investigando atentamente qual a ocasião ou

17. Levítico 19:31; 20:6, 27; Deuteronômio 18:11.

18. Cf. seção 2.2.

19. Mateus 17:3; Marcos 9:4; Lucas 9:30.

quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam” (1 Pedro 1:10-11).

A relação entre o Antigo e o Novo Testamento nesta questão poderia ser ilustrada por um princípio da Lei Fundamental alemã, artigo 31: “O direito federal prevalece sobre o direito estadual” (alemão: *Bundesrecht bricht Landesrecht*), isto é, o direito federal tem prioridade quando dispositivos sobre o mesmo assunto têm conteúdos diferentes.

Perguntas para aprofundamento

- Resuma o que foi revelado no Antigo Testamento sobre uma “vida depois da morte”!
- Qual é a diferença na revelação entre o Antigo e o Novo Testamento?
- Por que o Antigo Testamento não pode ser usado como base para a doutrina sobre o futuro do ser humano?

1.6 Origem e efeito da morte

Da mão do Deus eterno,²⁰ o único que possui imortalidade,²¹ havia saído uma criação na qual nada poderia ter sido melhor nem mais belo (Gênesis 1:31; Eclesiastes 3:11). O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26-27; Tiago 3:9) e, assim, centro da criação visível, estava destinado a viver em comunhão com o seu Criador. Ele morava num jardim maravilhoso, o ambiente mais favorável para cumprir esse destino. No meio do jardim estava a árvore da vida (Gênesis 2:9, 16; 3:22). A vida, na sua força e diversidade, caracterizava a criação. A vida, e isso sem nenhum limite de tempo, era o que de mais elevado Deus tinha dado ao ser humano. Ele podia comer a qualquer momento do fruto da árvore da vida. O ser humano estava, desde o início, destinado a uma vida sem fim. Só isso correspondia à natureza e à vontade de Deus.

20. “Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Salmos 90:2). “... segundo o mandamento do Deus eterno” (Romanos 16:26).

21. “... a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis [lit. daqueles que são reis] e Senhor dos senhores [lit. daqueles que dominam]; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!” (1 Timóteo 6:15-16).

Tanto mais impressionante é então a ameaça da morte para o caso de o ser humano sair, por desobediência, da dependência e da comunhão com o seu Criador (Gênesis 2:17). Nessa esfera permeada pela vida, a ameaça da morte era a advertência mais terrível que podia haver. A morte significava para o ser humano que ele teria de deixar a criação que lhe era visível – isto é, o seu âmbito terreno – e, com isso, também o Criador que ele tinha conhecido dentro dessa criação (visível). Do pó ele tinha sido formado (Gênesis 2:7), e ao pó tornaria:

“No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra [lit. ao solo], pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás!” (Gênesis 3:19).

O ser humano, criado para a vida, pereceria e perderia a sua vida terrena, tornando-se insignificante como o pó. Poderia o contraste ser maior!?

O ser humano, seduzido pela serpente, o diabo, decidiu-se pela desobediência e, com isso, pela morte (Gênesis 3:1-7). O pecado abriu a porta para a morte, para que ela começasse a sua obra terrível nesta criação (Romanos 5:12ss.). A morte é o salário do pecado (Romanos 6:23). Ela é a consequência terrível do afastamento de Deus. Essa é a afirmação fundamental da Bíblia sobre a morte. O pecado é a causa, e a morte é a consequência inevitável. Pelo pecado, o ser humano sai da dependência de Deus e abandona, assim, aquele que tem e dá a vida.²²

Por isso, a morte não é nem um término natural nem um término misericordioso da vida. Não há nada de bom na morte. A morte põe fim à vida, da qual o ser humano não quer abrir mão. Ela é definitiva e irrevogável, irreversível. A impossibilidade de o ser humano voltar da morte (2 Samuel 12:23; 14:14) é o destino terrível do ser humano que se tornou pecador. Com essas perspectivas sombrias começa o curso da história. Toda a criação ficou sob a sentença da morte e da transitoriedade. Mas há esperança, pois o descendente da mulher um dia esmagaria a cabeça da serpente e abriria, assim, o caminho para a libertação de toda a criação (Gênesis 3:15):

“Porque a ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade [ou: transitoriedade, futilidade] (não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou), na esperança de que a própria criação será

22. João 1:4; ver também Provérbios 14:27; 19:23.

libertada do cativo da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Romanos 8:19-22).

A morte irrompeu na criação como algo antinatural, e isso como um inimigo invencível para os seres humanos, que faz a sua obra de forma cruel e impiedosa. É assim também que o ser humano, em regra, sente a morte. O ser humano que vive sem Deus sofre com o medo da morte, porque não sabe o que o espera e porque também é acusado pela sua consciência, que o condena e lhe infunde medo do Deus vivo (Hebreus 2:15).

Depois que Adão e Eva pecaram, Deus os vestiu com vestes de peles (Gênesis 3:21), para cobrir a sua nudez. Pela primeira vez foram confrontados com a morte. Um animal teve de morrer para que essas vestes fossem feitas. Muito mais terrível ainda foi para eles quando olharam para o seu filho morto, que tinha sido assassinado pelo seu irmão (Gênesis 4:8). A morte se revela como inimigo destruidor e invencível. Irresistivelmente, ela inicia a sua marcha triunfal (Oseias 13:14; 1 Coríntios 15:54). Embora Adão tenha vivido muito tempo (Gênesis 5:5), confirmou-se que ele tinha de morrer e voltar ao pó.

Perguntas para aprofundamento

- De onde vem a morte?
- O que a morte causou?

1.7 O que acontece ao morrer?

Trata-se aqui da morte física, que, como consequência do pecado, põe fim à vida terrena do ser humano. Mas o que acontece na morte? Já indicamos que a morte provoca uma separação e rasga aquilo que pertence junto. A morte é o fim de uma unidade, a saber, da integridade do ser humano.

O ser humano, embora seja uma unidade, tem muitos aspectos que constituem a sua existência. Em ligação com a morte, fala-se do espírito, da alma e do corpo.²³ A morte provoca a separação do corpo em relação ao

23. Ver sobre isso, em detalhe, o ponto 3.

espírito e à alma, a separação do homem interior em relação ao homem exterior (2 Coríntios 4:16ss.). Isso a Palavra de Deus atesta muitas vezes.²⁴

1.7.1 O espírito do homem e a morte

O espírito do ser humano, na sua morte, volta a Deus, que o deu. Isso diz até o Pregador, que responde a muitas perguntas a partir da perspectiva deste mundo:

“... e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Eclesiastes 12:7).

Isso também é mencionado por Lucas no seu relato sobre a ressurreição da filha de Jairo:

“Ele [Jesus], porém, tomando-a pela mão, disse em voz alta: Menina, levanta-te! Voltou-lhe o espírito, ela imediatamente se levantou, e ele mandou que lhe dessem de comer” (Lucas 8:54-55).

O espírito da menina, que tinha saído dela quando a morte ocorreu, voltou. Quando um ser humano morre, o espírito deixa o corpo (Salmos 146:4). É o que diz também Tiago: “Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2:26).

Na criação do ser humano, Deus lhe deu o espírito (Gênesis 2:7). Quando um ser humano morre, Deus toma de volta o espírito:

“Fala o SENHOR, o que estendeu o céu, fundou a terra e formou o espírito do homem dentro dele” (Zacarias 12:1).

“Escondes o rosto, e eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito [lit. sopro (ou: espírito)], eles são criados, e, assim, renovas a face da terra” (Salmos 104:29-30).

Morrer é o espírito ser recebido nas mãos de Deus (Salmos 31:5). Isso disse também o Senhor Jesus Cristo quando morreu na cruz. Os evangelistas mencionam isso expressamente:²⁵

24. Não me interessa neste ponto ver o ser humano numa divisão em duas ou em três partes. Os termos *espírito* e *alma* são muitas vezes usados de forma intercambiável. Importante é que eles são a parte do ser humano que sobrevive à morte e conserva a personalidade do ser humano para além da morte. Também o coração do ser humano ocupa na Escritura um lugar igualmente importante quando se trata da natureza do ser humano.

25. Jesus entregou o espírito, isto é, Ele mesmo determinou o momento dessa entrega. Nisso Ele é único. Ele tinha autoridade para entregar a Sua vida (João 10:18). O ser humano, como criatura, não tem isso.

Mateus: “E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito” (Mateus 27:50).

Lucas: “Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou” (Lucas 23:46).

João: “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (João 19:30).

Como Criador, Ele soprou no início o fôlego de vida no ser humano; mas na cruz, porque era inteiramente homem, entregou o Seu espírito nas mãos de Seu Pai (Salmos 31:5). Ele era homem segundo o espírito (Marcos 8:12), a alma (Marcos 14:34) e o corpo, no qual sofreu e morreu.

Estêvão orou ao morrer: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito!” (Atos 7:59).

1.7.2 A alma no morrer

Quando Raquel morreu no parto de Benjamim, a sua alma saiu (Gênesis 35:18). Elias orou para que a alma do menino morto da viúva de Sarepta voltasse: “O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu” (1 Reis 17:22).

Às vezes, no Antigo Testamento, também se fala do morrer da alma (por exemplo, Números 23:10; Juizes 16:30). Com isso, porém, não se quer dizer a morte da alma, mas a do corpo. Trata-se da saída da alma do corpo. Isso fica claro nas palavras do Elias “cansado da vida”, quando se sentou debaixo do zimbro e não desejava nada mais ardentemente do que a sua alma poder morrer (1 Reis 19:4). Ele pediu ao Senhor que tirasse a sua alma.

Jonas orou para que o SENHOR tirasse a sua alma, porque para ele seria melhor morrer do que viver (Jonas 4:3).

Tanto no caso de Ananias e Safira como no do rei Herodes, a morte ocorreu quando eles “expiraram a alma” (Atos 5:5, 10; 12:23).²⁶

Deus exigiu do rico fazendeiro não apenas a vida, mas também a sua alma (Lucas 12:20).

Morrer é, portanto, a retirada da alma (não apenas da vida biológica!) para junto de Deus, e nunca a sua dissolução ou aniquilação. A Sagrada Escritura deixa claro, sem nenhuma dúvida, que a alma do ser humano não perece na morte, mas continua a viver.

26. A palavra grega *ek-pnycho*, traduzida por “expirar”, significa literalmente “des-amar” (fazer sair a alma).

1.7.3 Espírito e alma

Tanto o espírito como a alma representam, nas passagens citadas, aquilo que na morte deixa o ser humano para ir a outro lugar ou para existir num estado “sem corpo”. Os dois termos “espírito” e “alma” são muitas vezes usados como sinônimos; frequentemente significam uma e a mesma coisa. Por isso, quando no decorrer deste livro eu falar do espírito e da alma do ser humano, vou combinar os termos. Usarei o termo “espírito-alma”. Esse termo não se encontra na Escritura, mas simplifica a compreensão.

Perguntas para aprofundamento

- Descreva o que acontece na morte ou no morrer!
- Por que as pessoas têm medo da morte?
- Explique a relação entre morte e pecado!
- Mostre que papel desempenham, por um lado, o diabo e, por outro, o Senhor Jesus em relação à morte!

1.8 Diferentes aspectos da morte

A morte não se refere apenas ao corpo do ser humano. O Novo Testamento fala também de uma morte espiritual, na qual todo ser humano se encontra por causa do seu pecado.²⁷ A morte espiritual não é a “não existência” do espírito humano, nem muito menos a sua aniquilação, mas a separação do seu espírito em relação a Deus.

O Novo Testamento fala também de uma “segunda morte”.²⁸ A “primeira morte” designa a morte física do ser humano, quando ele deixa o mundo visível. Para os incrédulos, depois da sua ressurreição, segue-se a segunda morte. É como um segundo morrer, depois de terem ressuscitado, que nunca terminará. A segunda morte não é a aniquilação definitiva do ser humano, mas a separação definitiva de Deus, sem nenhum retorno à comunhão com Deus.

1.9 A vitória sobre a morte

Pelo pecado do ser humano, a morte iniciou a sua marcha triunfal no mundo. Separado de Deus, só existe a morte. A morte é o juízo de Deus sobre o pecado. Mas é vontade de Deus que a morte mantenha o poder e que o ser

27. Lucas 15:32; João 5:25; Efésios 2:1-10; Colossenses 2:13; 1 João 3:14; Judas 12; Apocalipse 3:1.

28. Apocalipse 2:11; 20:6, 14; 21:8.

humano permaneça sujeito à morte espiritual, física e, por fim, à morte eterna? Não, a Escritura diz sobre isso:

“Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Timóteo 2:3-4); e: “Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? – diz o SENHOR Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?” (Ezequiel 18:23).

1.9.1 Morte e pecado

Para dar vida, era preciso resolver o problema da morte. Deus, o Salvador, que buscava a salvação do ser humano entregue à morte e ao pecado (Tito 2:11; 3:4), encontrou um caminho. O Deus eterno (Romanos 16:26), que tem vida em si mesmo (João 5:26), que é luz (1 João 1:5) e amor (1 João 4:8), resplandece na pessoa de Jesus Cristo com a luz da vida (João 1:4; 8:12) na terra da morte:

“O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceram-lhes a luz” (Mateus 4:16; citação de Isaías 9:2).

Embora esse texto descreva o povo de Israel, ele vale, em princípio, para todos os seres humanos. Deus enviou o Seu Filho quando chegou a plenitude do tempo (Gálatas 4:4; Hebreus 1:1), para vencer a morte. O Filho de Deus alcançou a vitória. Ele disse, depois de consumada a obra na cruz e depois da Sua ressurreição: “Eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do Hades” (Apocalipse 1:17-18). Nessas palavras se reconhece que o próprio Deus está falando, pois somente a Deus se aplicam essas palavras (Apocalipse 1:8; 2:8; 22:13). É o mesmo Deus que se revelou no Antigo Testamento (Isaías 41:4; 44:6; 48:12).

O Senhor Jesus, como homem na terra, tinha poder sobre a morte. Pela ressurreição de Lázaro (João 11), do jovem de Naim (Lucas 7:11-14) e da filha de Jairo (Lucas 8:49-56), Ele o comprovou. As Suas ressurreições de mortos foram a prova de que Ele é o Autor da vida (Atos 3:15) e, portanto, o próprio Deus.

De importância igualmente grande quanto a divindade de Cristo é o fato de Ele ser homem. Ele se tornou homem para poder morrer em lugar dos pecadores. Ele morreu como sacrifício pelo pecado. Foi colocado num sepulcro. Depois de três dias, foi ressuscitado por Deus. Na ressurreição, Ele possui

agora, como homem, uma vida indissolúvel (Hebreus 7:16). Como homem ressuscitado e glorificado, Ele tem, por isso, as chaves da morte e do Hades. A chave é uma imagem de autoridade.²⁹ O homem Jesus Cristo tem autoridade sobre a morte e o Hades, o reino dos mortos. A morte já não tem domínio sobre Ele (Romanos 6:9-10). Por isso, a morte também já não tem domínio sobre aqueles que estão unidos a Ele. São aqueles que se converteram a Ele e possuem a Sua vida, a vida do Ressuscitado.

Para poder libertar os seres humanos da morte para sempre, o próprio Deus teve de se tornar homem e morrer. Com isso, tanto a questão do pecado foi resolvida como a morte foi vencida pela ressurreição. Que triunfo divino!

Jesus Cristo, o Filho de Deus, era o Santo, isto é, gerado pelo próprio Deus, o Espírito Santo (Lucas 1:35). Na Sua vida, consequentemente, não havia pecado (1 João 3:5), nem em palavras, nem em pensamentos ou atos (2 Coríntios 5:21; 1 Pedro 2:22). Para Ele, portanto, não valia o que vale para todos os outros seres humanos: Ele não precisava morrer. Quando morreu, morreu voluntariamente. Ele tinha autoridade para entregar a Sua vida, mas também tinha autoridade para reavê-la da morte (João 10:17-18).

Isso nos leva de volta à relação entre morte e pecado. O pecado causou a morte. O problema da morte é, ao mesmo tempo, o problema do pecado. Por isso, essa causa tinha de ser tratada primeiro. No início foi mencionado que Deus é luz, isto é, que Ele é absolutamente santo. Ele não pode ver o pecado (Habacuque 1:13) nem deixá-lo impune. Deus não pode aceitar o pecador com o seu pecado e dar-lhe a vida sem que seja feita a expiação pelos seus pecados. Por isso morreu Cristo, o Cordeiro de Deus (João 1:29). Ele levou a ira de Deus sobre o pecado em lugar do pecador (2 Coríntios 5:21). As exigências de Deus foram satisfeitas pela morte de Cristo. A Sua santidade foi plenamente atendida.

A morte de Cristo, que realizou a expiação, não foi a morte de um homem comum. A morte de Cristo foi o juízo de Deus sobre o pecado. Ele, o Santo, foi feito pecado. Ele sofreu da parte de Deus pelo pecado. O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele. Deus castigou o Inocente pelos nossos pecados. A morte que o ser humano recebe como salário do pecado, portanto, não é apenas a morte física, mas, em última análise, também a morte eterna. O castigo que consiste na morte eterna, na separação eterna de Deus, Cristo o experimentou na cruz, para nos libertar disso para sempre, a nós, os que cremos.

29. Cf. Apocalipse 3:7; 9:1; 20:1; Mateus 16:19; 18:18; Isaías 22:22.

Quando Cristo ressuscitou depois de três dias, quebrou, com o Seu próprio poder divino, as cadeias da morte. Cristo ressuscitou, o pecado foi expiado e a morte foi vencida. Ele quebrou o poder do pecado e da morte (Romanos 5:12-21). Esse é o centro da mensagem da ressurreição. Esse é o fim do domínio da morte!

Essa vitória, porém, não significa que a morte já tenha sido abolida e tirada do mundo. A morte continua reinando no mundo. Também os crentes, que têm a vida de ressurreição de Cristo, ainda morrem. Para os crentes, porém, a morte já foi destituída do seu poder. “Destruir” significa “tornar ineficaz” e “tirar a força”. No mundo, a morte continua reinando por meio do pecado, mas o crente está livre do poder da morte. A morte já não significa para ele juízo, mas a entrada na glória. Hebreus 2:14-15 resume esses pensamentos:

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.”

1.9.2 A morte e o diabo

O que significa que o diabo tem o poder da morte? O diabo pode matar pessoas segundo a sua vontade? Ele pode dispor da morte? Isso é impossível, pois Deus tem a vida de todos os seres humanos em Sua mão e a toma de volta quando quer. Isso o diabo não pode, mas ele tem o poder da morte do seu lado como aliado. O diabo, pela sua tentação astuta, induziu o ser humano ao pecado e, com isso, o colocou sob o poder da morte. Esse era o seu objetivo.

Assim o diabo ganhou influência sobre o ser humano. Ele se tornou o deus deste século (2 Coríntios 4:4) e o príncipe deste mundo (João 12:31; 14:30; 16:11). O poder da morte e das trevas reina neste mundo, e o diabo é homicida desde o princípio (João 8:44; 1 João 3:8). Mais uma vez: ele não tem poder para matar, mas mata como sedutor traiçoeiro, afastando o ser humano de Deus, a fonte da vida. Esse veneno da sedução o mata espiritual e fisicamente, e isso para sempre. Todo ser humano que morre sem Deus é para sempre a sua presa. Nesse sentido, a morte trabalha para o diabo e apoia as suas intenções corrompidas.

Mas Cristo destruiu o diabo, entrando no seu domínio, a morte, e alcançando a vitória pela Sua ressurreição. A Sua morte na cruz é a vitória sobre o diabo

(Colossenses 2:15).

O diabo, é verdade, não foi aniquilado, mas teve de sofrer uma derrota aniquiladora. Ele ainda vive e continua atuando, como no início. O fim do diabo e da morte, porém, já está firmemente decidido.

A vitória de Jesus vale agora apenas para aqueles que estão unidos a Cristo. Eles estão livres do medo da morte, pois a morte é para eles um inimigo vencido. Segundo as palavras do apóstolo Paulo (1 Coríntios 3:22), a morte agora até lhes pertence, pois os leva para junto de Cristo no paraíso. Quando se diz que para os crentes todas as coisas cooperam para o bem (Romanos 8:28), nem mesmo a morte fica excluída disso.

Para todos os que não conhecem o Vencedor da morte, o medo da morte pode significar escravidão durante toda a vida. O medo da morte é maior nas pessoas, diante da morte, quando a sua consciência despertou para a culpa não expiada e as acusa. Assim, o autor, nos versículos de Hebreus 2:14-15, deve ter pensado especialmente naqueles que estavam sob a escravidão da lei e não tinham certeza do perdão dos seus pecados.

A vitória de Jesus Cristo quebrou a escravidão da morte e do medo da morte. O pecado, a morte e o diabo foram vencidos pela morte expiatória e pela ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Esse é o fundamento para que em breve o pecado seja tirado do cosmos (João 1:29; Hebreus 9:26) e a morte, como o último inimigo, seja destruída (Apocalipse 20:14).

“O último inimigo a ser destruído é a morte” (1 Coríntios 15:26).

“E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: ‘Tragada foi a morte pela vitória’. ‘Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?’” (1 Coríntios 15:54-55; cf. Isaías 25:8; Oseias 13:14).

“Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1 João 3:8).

Ele realmente o fez e o levará à plenitude! Louvado seja o Senhor!

2 O que vem depois da morte?

Sobre o estado do ser humano depois da morte até a ressurreição, a Sagrada Escritura não diz muita coisa. Ela orienta, antes, a nossa expectativa para o dia da consumação. A esperança dos cristãos está voltada para a vinda do Senhor Jesus Cristo, para conduzir o Seu povo à pátria celestial. A vida entre a morte e a ressurreição passa para o segundo plano diante dessa bendita esperança.

Nem pode ser diferente, já que a nossa esperança não se cumpre com a morte. Não é pela morte que alcançamos o nosso destino final, mas só no momento da ressurreição. O estado intermediário, porém, é a última etapa antes do destino final, e isso é um conhecimento bem-aventurado, que já contém um antegozo da consumação.

Quando se trata da vida depois da morte, falamos de um estado intermediário limitado no tempo. A pergunta que quero investigar a seguir é: como é o estado de consciência do ser humano depois da morte? Para isso, vou me confrontar algumas vezes com a visão que nega toda consciência depois da morte e um além em geral.

Vou investigar agora essas perguntas em 11 pontos, tratando para isso das passagens essenciais do Novo Testamento. Cada capítulo é, em si, tão detalhado que pode ser usado por si só. Por isso pode haver uma ou outra repetição.

2.1 Lázaro e o rico

É certamente nessa conhecida história que muitos pensam primeiro quando se trata da vida depois da morte. Nesse sentido ela também sempre foi entendida. E, no entanto, há tentativas de interpretação que separam essa história inteiramente da vida depois da morte, como se ela nada tivesse a dizer sobre isso. Vou, por um lado, destacar o seu sentido, mas, por outro, também me posicionar diante de explicações erradas.

“Havia um certo homem rico, que se vestia de púrpura e de linho fino e vivia todos os dias alegremente e com esplendor. E um certo pobre, chamado Lázaro, jazia à porta dele, cheio de feridas, e desejava saciar-se do que caía da mesa do rico; e até os cães vinham lamber-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. E no Hades, erguendo

os olhos, estando em tormentos, vê Abraão de longe e Lázaro no seu seio. Então clamou e disse: Pai Abraão, tem compaixão de mim e manda Lázaro molhar na água a ponta do dedo e refrescar-me a língua, porque sofro dores nesta chama. Abraão, porém, disse: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens durante a tua vida, e Lázaro igualmente os males; agora, porém, aqui ele é consolado, e tu sofres dores. E, além de tudo isso, está posto um grande abismo entre nós e vós, para que os que querem passar daqui para vós não possam, nem os de lá possam passar para nós. Ele disse então: Peço-te, pois, pai, que o mandes à casa de meu pai, porque tenho cinco irmãos, para que os adverta seriamente, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento. Mas Abraão lhe diz: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Ele, porém, disse: Não, pai Abraão; mas, se alguém dentre os mortos for ter com eles, eles se arrependerão. Abraão, porém, lhe disse: Se não ouvem Moisés e os Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que alguém ressuscite dentre os mortos” (Lucas 16:19-31; traduzido da versão alemã Elberfelder).

2.1.1 Trata-se aqui da vida após a morte?

As seguintes razões falam claramente a favor de que se trata aqui de uma vida depois da morte:

- A maior parte dessa história, que constitui mais de dois terços, descreve coisas que acontecem “depois” da morte das duas pessoas. Não se fala de uma ressurreição das duas pessoas.
- Tanto o “Hades”, onde o homem rico ergue os olhos depois da sua morte, como o “seio de Abraão”, para onde o pobre é levado depois da sua morte, designam lugares ou estados além da morte. Esses termos não podem ser explicados de outra forma.
- Os judeus estavam familiarizados com esses termos. Na sua tradição, essas ou semelhantes descrições do além lhes eram conhecidas.
- O rico se encontrava no estado da morte enquanto os seus irmãos ainda viviam. Os irmãos existem ao mesmo tempo, uns na terra, o outro no Hades.³⁰

O Filho de Deus afasta aqui a cortina e revela algo que até então não tinha sido revelado nos escritos do Antigo Testamento.

30. Portanto, também não ocorreu nenhuma mudança no curso deste mundo, como, por exemplo, o início do reino de Deus ou também a ressurreição.

2.1.2 O sentido da história

Quando dizemos que nessa história se trata do estado imediatamente após a morte, não desconsideramos com isso nem o contexto (outras parábolas) nem as pessoas – os fariseus – a quem essa história se dirige diretamente. Nessa história, Jesus apresenta a ostentação e o egoísmo do homem rico em toda a sua assustadora dimensão. O rico não é apresentado como um transgressor declarado da lei, pois nisso não estava nem o seu pecado nem o pecado dos fariseus. O pecado deles, a saber, o amor ao dinheiro, estava escondido sob o manto hipócrita da piedade (Lucas 16:14). O amor ao dinheiro (1 Timóteo 6:10) tem consequências para a eternidade, e elas começam já imediatamente após a morte. Esse é o tema da história.

Os fariseus tinham ouvido a história do administrador injusto, que era destinada aos discípulos do Senhor (Lucas 16:1), a alguma

distância (Lucas 16:14). Como eles, em seguida, zombaram do Senhor, Ele se dirigiu diretamente a eles. Eles receberam uma lição especialmente séria e inequívoca. Jesus falou a eles por meio do comportamento do homem rico.

Esse ensino não se limita a repreender o amor ao dinheiro dos fariseus. A advertência também não se esgota no fato de que todos os seres humanos, ricos ou pobres, um dia terão de morrer; ela se dirige sobretudo àquilo que vem depois. A parte claramente mais extensa trata, por isso, dos acontecimentos além da morte, em especial do destino do rico. Os acontecimentos depois da morte dos dois não formam uma moldura sem importância na qual é colocado um ensino sobre o dinheiro; eles são o conteúdo principal dessa história.

2.1.3 Uma parábola?

Muito se disse sobre a pergunta se essa história é ou não uma parábola. Alguns enfatizam que ela é uma parábola, que não serve para fazer afirmações doutrinárias nem para revelar coisas que antes não eram conhecidas. Também não se poderia interpretar cada detalhe de uma parábola, já que ela contém apenas um pensamento central. Esse consistiria aqui em repreender a ganância dos fariseus e o mau uso do dinheiro. Isso, e não a vida depois da morte, seria a afirmação central.

Lucas não chama essa história de parábola. Talvez esperássemos isso dele, porque ele fala de parábolas não menos que onze vezes no seu evangelho. O

argumento mais forte para o fato de que não é uma parábola consiste em que se usa um nome próprio, a saber, Lázaro, o que nas parábolas normalmente não acontece. O nome próprio – Lázaro era um nome conhecido (ver João 11) – indica que se trata de um acontecimento que realmente ocorreu.

Por que Jesus usa termos que eram usados explicitamente para o além? Com isso Ele atingiu os fariseus exatamente nas suas ideias, naquilo que eles criam a respeito do além; mas eles não aplicavam a si mesmos a seriedade do assunto.

2.1.4 Antes da morte

Só os três primeiros versículos descrevem a vida terrena (Lucas 16:19-21) e contêm exatamente aquilo que foi decisivo para a vida das duas pessoas depois da morte. O rico, cujo nome não é mencionado, vivia no egoísmo. As suas roupas eram das mais finas. Embora talvez entendesse a sua riqueza como bênção de Deus, faltava na sua vida Deus, o Doador de todos os dons. Ele parecia não conhecer o amor ao próximo, o que fica claro pelo seu comportamento em relação ao pobre. O pobre partilhava a sorte dos cães no portão de entrada da casa do rico, onde levava uma existência miserável de mendigo e vivia dos restos do rico. Não era a riqueza o pecado do rico, mas o seu egoísmo, no qual ele não dava atenção ao pobre, embora talvez o visse todos os dias. Os cães, ao que parece, mostravam mais compaixão por Lázaro do que o homem rico.

O nome do pobre é mencionado, ao contrário do nome do rico. *Lázaro* significa “Deus é auxílio”. Nesse nome está a chave para a atitude de vida do pobre. Ele encontrou auxílio em Deus, a quem fora lançado na sua pobreza. Mas não foi a sua pobreza que o levou, depois da morte, para o seio de Abraão, e sim a sua confiança em Deus.

Como para todo ser humano, também para esses dois chegou o dia em que tiveram de se despedir da terra. Ambos morreram a mesma morte. O rico teve um sepultamento; o do pobre não é mencionado. Com a sua morte, porém, as coisas de repente são vistas sob outra luz.

Quando um ser humano morre, chega a hora da verdade, na qual se torna manifesto para ele o que realmente conta e permanece para além da morte. Então já não há autoengano nem incredulidade; o

ser humano já não pede as provas que sempre exigiu na sua vida quando lhe falavam da vida depois da morte.

Jesus constata que a diferença entre os dois depois da sua morte é muito maior do que era na sua vida terrena. A situação se inverteu, pois o pobre se encontra no lugar da bênção e não precisa lamentar a sua despedida da vida terrena. Anjos, que são espíritos ministradores a favor dos que hão de herdar a salvação (Hebreus 1:14), levam Lázaro, no instante da sua morte, para o seio de Abraão.

2.1.5 A ideia do além entre os judeus

É geralmente reconhecido que o Senhor Jesus se liga aqui à ideia dos Seus ouvintes, que Ele mesmo, como judeu, conhecia. Por isso é útil explicar brevemente a ideia que se tinha então sobre o além.

Os judeus criam que as almas ou os espíritos dos mortos iam para o Sheol. Esse é o reino dos mortos, que, na expectativa da ressurreição, é apenas um lugar provisório de permanência. Eles criam também – e isso ia além do testemunho bíblico do Antigo Testamento – que ali havia uma separação entre justos e injustos. Uns estavam em bem-aventurança, e os outros recebiam castigo e retribuição. Por isso também não havia dúvida para eles de que os mortos conservavam plena consciência, porque, do contrário, bênção e castigo não teriam significado.

O historiador Josefo descreve a fé dos fariseus assim: “Eles creem também que as almas são imortais e que estas, conforme o ser humano tenha sido virtuoso ou vicioso, recebem debaixo da terra recompensa ou castigo, de modo que os viciosos teriam de definhir em prisão eterna.”³¹ Com esse pano de fundo, não era difícil para os fariseus entender essa história. Jesus falou da vida e da existência do

ser humano depois da morte, e de como essa existência é determinada pela vida na terra.

Não é minha intenção examinar como os fariseus chegaram a essa visão, que vai além do Antigo Testamento. Importante é que essa fé não está em contradição com o Antigo Testamento. O Senhor Jesus também não condena nem corrige essa visão, mas se liga ao pensamento básico³² dessa ideia, revelando ao mesmo tempo, em onisciência divina, o que vem depois da morte.

31. Flávio Josefo, *Jüdische Altertümer*, livro 18, cap. 1.3., Wiesbaden (Fourier Verlag), 1985, p. 506, 507.

32. Falo expressamente do “pensamento básico”, porque no mundo de ideias daquela época havia uma fantasia muito desenvolvida que não é confirmada por Lucas 16.

O Filho de Deus deixa claro aqui, e isso sem influência da filosofia judaica ou grega, que existe uma vida depois da morte, tanto em alegria como em tormento. Quem reconhece Jesus Cristo não pode reinterpretar essas palavras sem, com isso, pôr em dúvida a Sua pessoa.

2.1.6 O seio de Abraão

O seio de Abraão é uma expressão tipicamente judaica. Os ouvintes a conheciam. Na Bíblia, essa expressão ocorre apenas uma vez. O seio de Abraão era o lugar da bênção para onde o justo era recebido depois da sua morte. Também a expressão “seio dos justos” designava, para os judeus, um lugar além da morte. Abraão, o amigo de Deus, está aqui no centro. Que Abraão continuava vivendo depois da sua morte não era questão para os judeus (Lucas 20:27-40). O seio de Abraão era para o judeu um lugar de honra que ele queria a todo custo ocupar depois da sua morte. Esse lugar aponta para comunhão, proximidade e alegria (João 1:18; 13:23).

O ensino do Senhor Jesus Cristo não vale apenas para judeus, ainda que Ele se tenha ligado à ideia deles; em concordância com outras palavras do Novo Testamento, ele se estende, em princípio, a todos os seres humanos. Por isso o “seio de Abraão” também pode ser chamado de “paraíso”. Também esse pensamento não era estranho aos judeus. Ele ressoa, por exemplo, no “Targum de Cânticos”,³³ onde se diz que as almas dos justos falecidos são levadas pelos anjos para o paraíso.

O seio de Abraão não é, como às vezes se afirma, o futuro reino de Deus. Em outro lugar se fala, é verdade, de uma refeição com os patriarcas nesse reino (Mateus 8:11), mas ela acontecerá na terra. Não é disso, porém, que se trata aqui. Nessa história vemos que Lázaro e o rico não se encontram na terra, mas fora do mundo visível. Ao mesmo tempo, os cinco irmãos do rico ainda viviam na terra naquele tempo. O rico queria, afinal, que alguém dentre os mortos fosse enviado para adverti-los, já que eles evidentemente viviam como ele tinha vivido outrora.

2.1.7 Como Lázaro foi para o seio de Abraão?

Quando um ser humano morre, o seu espírito-alma continua a viver, enquanto o corpo se decompõe. Nessa história, porém, Lázaro é apresentado como ser

33. Livro apócrifo do tempo entre os dois Testamentos.

humano inteiro, que foi levado para o seio de Abraão. Não se diz que apenas o seu espírito-alma foi levado para lá. Isso não é contradição, pois das almas que partiram sempre se fala como se elas estivessem no estado da vida corporal. As sensações e manifestações de vida dos que partiram não podem ser descritas, em linguagem ou em imagens, de outro modo do que o Senhor Jesus faz aqui e do que corresponde à realidade da vida corporal.

A descrição dos acontecimentos que se seguem à morte dos dois não se diferencia da descrição da sua vida antes da morte. A morte, evidentemente, nada mudou aqui no que diz respeito à consciência e à percepção dos dois. A personalidade do ser humano, a percepção consciente do seu ambiente e a memória permanecem depois da morte sem nenhuma restrição.

2.1.8 O Hades

O rico abre os olhos no Hades e se encontra em tormentos. O Hades era um termo conhecido do mundo grego. Ali era o deus do mundo subterrâneo e também o lugar dos mortos.

O Hades não pode ser confundido com o inferno. Infelizmente, em algumas traduções da Bíblia (por exemplo, na de Lutero) a palavra grega “Hades”, usada aqui, é traduzida por “inferno” (alemão: *Hölle*), de modo que se poderia supor que os dois termos designam a mesma coisa. Trata-se, porém, de duas coisas diferentes, como ainda vou explicar mais adiante. Antes de nos ocuparmos mais de perto com o Hades em Lucas 16, vamos considerar – para não chegarmos a uma explicação “isolada” e, portanto, errada – todas as 10 passagens do Novo Testamento em que o Hades é mencionado.

1. e 3. ocorrência: “Tu, Cafarnaum, que foste elevada até ao céu, até ao Hades serás precipitada” (Mateus 11:23; Lucas 10:15).

O “Hades” está aqui em contraste com o “céu”. Cafarnaum foi elevada até ao céu porque o Messias tinha realizado nessa cidade a maior parte dos Seus milagres (Mateus 9:1). Aqui a profunda queda de Cafarnaum no dia do juízo é mostrada pelo grande contraste entre o lugar “mais alto” e o “mais baixo”. Nesse sentido se fala muitas vezes de “em cima” e “embaixo”.³⁴ O Hades é aqui o lugar do juízo, que está inalcançavelmente distante do céu, o lugar da bênção.

2. ocorrência: “e sobre esta pedra edificarei a minha assembleia [ou: igreja], e as portas do Hades não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18).

34. Cf. João 8:23; 1 Timóteo 6:9; 2 Pedro 2:4; Judas 6; Apocalipse 20:1; Provérbios 9:18; 15:24.

O Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo, é o fundamento incontestável e inabalável sobre o qual Ele edificaria a Sua igreja. Edificada sobre essa pedra, nem mesmo o Hades pode prevalecer contra a igreja. O Hades tem poder, o que é expresso simbolicamente nas portas. Por trás do Hades se esconde o poder da morte. O Hades e o poder da morte não podem vencer e “conquistar” a igreja, porque ela está fundada sobre Aquele que é a vida e venceu a morte. O Hades é um poder maligno, que se apresenta aqui como inimigo da igreja.

4. ocorrência: “E, no Hades, abrindo os olhos, estando em tormentos, viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio” (Lucas 16:23).

5. e 6. ocorrência: Pedro disse do Senhor Jesus, citando o Salmo 16: “porque não abandonarás a minha alma ao Hades, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Atos 2:27; ver também v. 31).

Essas palavras Davi tinha pronunciado séculos antes (Salmos 16:10). Pedro as cita na sua pregação no dia de Pentecostes como uma profecia sobre a morte e a ressurreição do Messias. O Hades estendia, por assim dizer, as mãos para a alma santa do Salvador, a fim de arrebatá-la para si e tomá-la em posse. Mas o Hades não pôde se apoderar da Sua alma, porque Ele era o Santo de Deus.³⁵ Quando Ele morreu, não caiu no Hades, mas foi para o paraíso. O Seu corpo foi posto no sepulcro, mas não viu a corrupção, porque Ele foi ressuscitado.

Aqui fica claro que o Hades é o lugar onde estão as almas dos injustos. O corpo, a carne, está em relação com o sepulcro e a corrupção. A alma está, aqui e em todas as outras passagens, em relação com o Hades. Aqui o sepulcro e o Hades são claramente separados um do outro. Não são uma e a mesma coisa.

7. ocorrência: “... estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do Hades” (Apocalipse 1:18).

Essas são as palavras do Senhor Jesus como o Ressuscitado. Porque Ele morreu e ressuscitou, tem o poder sobre a morte e o Hades. Tanto a morte (em

35. A maioria das traduções traz aqui: “não deixarás a minha alma no Hades” ou algo semelhante. Com essa redação, o Senhor teria estado no Hades. Nesse caso, o Hades, tal como o Sheol, é de modo geral o lugar dos mortos, sem distinção entre justos e injustos. Isso corresponde às afirmações do Antigo Testamento. Ver a esse respeito C. Briem, *Ein Volk für seinen Namen*, parte 2, Hückeswagen (CSV), 1983, p. 100-103. Não compartilho essa opinião, porque justamente Lucas, o autor de Atos, é o único que, no seu evangelho, por um lado contrapõe em Lucas 16 o Hades e o seio de Abraão (isto é, o seio de Abraão não está no Hades nem é parte dele) e, por outro lado, cita o Senhor dizendo que, quando morresse, iria para o paraíso. Além disso, no tempo de Jesus já existia a opinião de que o lugar dos bem-aventurados está no céu e o lugar dos injustos, no Sheol. Considero o Hades no Novo Testamento, do começo ao fim, como o lugar dos injustos, que estão debaixo do poder da morte. Ali Cristo não esteve (ver a esse respeito o Apêndice).

relação ao corpo) como o Hades (em relação à alma) tiveram de se curvar diante do Filho de Deus. Tudo Lhe está sujeito! O reino dos mortos e todos os que ali estão estão submetidos à Sua autoridade, pois “foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos” (Romanos 14:9). Os crentes já não precisam ter medo!

O Seu poder consiste também em ressuscitar os mortos, abrindo o Hades com a chave e conduzindo para fora as almas, a fim de uni-las ao corpo na ressurreição.

8. ocorrência: “E eu [João] vi: e eis um cavalo amarelo, e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Hades o seguia” (Apocalipse 6:8).

A morte e o Hades estão em estreita relação um com o outro, pois realizam uma obra comum.³⁶ Em que consiste a sua cooperação? A morte se apodera do corpo, e o Hades, da alma. Nesse sentido, o Hades segue a morte para receber as almas, nas quais a morte não pode tocar (Mateus 10:28).

A expressão “Hades” pode significar, segundo a história da língua, “aquele que tudo recebe”. O Hades devora com fome insaciável os mortos. Nisso há uma semelhança com o Sheol (o Hades no Antigo Testamento), que, na consciência linguística hebraica, era relacionado com “exigir” (cf. Atos 2:27, 31).³⁷

9. e 10. ocorrência: “e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o Hades foram lançados para dentro do lago de fogo” (Apocalipse 20:13-14).

Os mortos se encontram no Hades. Ao lado da história de Lucas 16, essa é a indicação mais clara sobre a natureza do Hades. O Hades é o lugar dos mortos que não creram no evangelho. Somente estes comparecem diante do grande trono branco.

Aqui encontramos o fim da morte física. A morte é lançada no lago de fogo, isto é, no inferno. Como nesse momento todos os mortos terão ressuscitado, já não haverá almas ou espíritos de mortos que pudessem estar no Hades. Isso é, necessariamente, também o fim do Hades. Os perdidos são lançados no inferno

36. Cf. 2 Samuel 22:6; Isaías 28:15, 18; Oseias 13:14; Habacuque 2:5.

37. Provérbios 1:12; 27:20; 30:16; Isaías 5:14.

com o seu corpo, que receberam na ressurreição. Por isso o Hades já não é necessário e encontra, como a morte, o seu fim no inferno.

Resumo: O Hades recebe as almas dos falecidos, que pela morte são separadas do corpo. O Hades está em relação com o poder da morte. A essa morte, que conduz à perdição eterna, estão sujeitos somente os incrédulos. Assim, o Hades também é somente o lugar de permanência daqueles mortos que morreram sem Cristo. O Hades é o lugar de passagem e de permanência dos ímpios até a ressurreição.

2.1.9 O Hades em Lucas 16

O significado do Hades em Lucas 16 corresponde exatamente ao que ficou claro nas passagens examinadas. Além disso, encontram-se ainda outros pormenores que só são mencionados aqui.

O rico foi sepultado. O seu espírito-alma, ao contrário, não se encontrava no sepulcro, mas no Hades. A primeira coisa que se diz dele é que estava “em tormentos”. Ele, portanto, não tinha perdido a sua sensibilidade pela morte. Mas não tinha conservado apenas a sua sensibilidade, e sim também a sua plena consciência para além da morte: ele fala, expressa os seus pensamentos e consegue se lembrar. Além disso, consegue perceber com os seus olhos o ambiente, que é marcado por tormento e sofrimento. Esse ambiente é chamado pelo próprio rico de “lugar” de tormento (v. 28). O Hades, portanto, não é apenas um estado, mas também um lugar real de permanência.

O tormento sentido pelo rico e o calor da chama parecem pressupor uma corporeidade de carne e sangue. Esta, porém, o ser humano já não tem depois da morte, até a sua ressurreição. Por isso entendemos essa descrição dos sofrimentos como descrição figurada de uma realidade que nos é estranha, a nós que ainda estamos no corpo, e cuja profundidade e extensão só entende quem a suporta pessoalmente. Essa imagem, que encontramos de forma semelhante em relação ao inferno, é necessária para nos apresentar os sofrimentos do Hades de modo que também possamos entendê-los.

Hermann Cremer descreve esses sofrimentos: “[A alma] se assemelha, na morte, ao pobre que tem demais para morrer e de menos para viver – um estado terrível, esse ficar suspenso e angustiado entre a vida e a morte, esse morrer sem fim! Enquanto a morte ainda não abriu os olhos do ser humano a esse respeito, alguém pode se enganar e se entregar à ilusão de que nada falta à

sua alma. Podemos escapar de todas as sensações e necessidades da nossa alma enquanto somos senhores do nosso corpo e podemos lidar com o mundo que nos cerca no trabalho ou na distração. Com a morte, porém, essa possibilidade cessa, e a impotência da alma se torna manifesta numa enfermidade sem fim. Arrancada de Deus, em alienação de Deus, ela também está alienada da vida que vem de Deus. ... eternamente sem força, impedida e presa, a sua imortalidade não é para ela algo melhor do que a morte, mas algo muito mais miserável e pior, uma eterna luta pela existência, uma eterna privação de toda satisfação, um consumir-se sem fim sob a oposição do Deus santo contra tudo o que é ímpio e alienado de Deus. A imortalidade não é para o ser humano pecador e não redimido outra coisa senão morte eterna, não um raio de luz que ilumina a noite, mas apenas sombra da luz.”³⁸

Isso é, naturalmente, tudo menos um sono da alma ou mesmo uma não existência depois da morte. Essa história prova exatamente o contrário. Para manter o falso ensino do sono da alma, é necessária uma interpretação totalmente diferente dessa história, segundo a qual o Hades não é outra coisa senão o sepulcro em que o cadáver do rico foi enterrado. Para isso se apela a leituras que, por meio de outra pontuação,³⁹ mudam o sentido da frase. Com isso, o Hades se torna o sepulcro no qual o rico foi colocado. Lê-se então assim: “O rico morreu e foi sepultado no Hades. Quando levantou os olhos no tormento ...” Para essa divisão do texto não existem nem sequer duas ou três testemunhas textuais gregas. Essa divisão também não se encontra em nenhuma das traduções da Bíblia hoje reconhecidas como confiáveis.

O contexto do texto, bem como a concordância de conteúdo com todo o Novo Testamento, é decisivo para a pontuação de uma frase. Como já vimos, nenhuma passagem do Novo Testamento confirma que o Hades seja idêntico ao sepulcro.

Segundo a história da língua, a palavra “Hades” tem também o significado de “o invisível” e “o imperceptível”.⁴⁰ Também por isso não é possível que a expressão “Hades” se refira a um sepulcro.

Pode ser que a ideia de que Hades e sepulcro são a mesma coisa tenha surgido pelo fato de que “Hades” é de fato a tradução grega do hebraico

38. Hermann Cremer, *Jenseits des Grabes*, Gießen (Brunnen-Verlag), s.d., p. 31, 32.

39. Chama-se pontuação aos sinais de pontuação, que não existiam no texto original e só foram acrescentados alguns séculos mais tarde.

40. Dictionary of New Testament Theology, Vol. 2 (Paternoster Press) 1981, p. 206

“Sheol”; mas a palavra “Sheol” tem no Antigo Testamento um significado mais amplo, como veremos na próxima seção.

2.1.10 O Sheol

Pela citação de Salmos 16:10 em Atos 2:27 se vê que “Hades” é a tradução da palavra hebraica “Sheol”. Na Septuaginta, a palavra “Sheol” é traduzida por “Hades”, às vezes, porém, também por “morte”. No Antigo Testamento, “Sheol” ocorre 65 vezes. Mais da metade dessas ocorrências se encontra nos livros de Jó, Salmos e Provérbios.

Que significado tem o Sheol no Antigo Testamento? Podemos reconhecer vários significados dessa palavra no Antigo Testamento. De modo geral, o Sheol tem a ver com o âmbito da morte, ao qual pertencem também o medo da morte, o sepulcro, o abismo e o reino dos mortos.

- O Sheol como sepulcro ou cova: Gênesis 37:35; 42:38; 44:29; Números 16:30; Deuteronômio 32:22; 1 Samuel 2:6; Jó 7:9; Salmos 139:8; Eclesiastes 9:10; Ezequiel 31:16.
- O Sheol como sepulcro ou cova, mas com uma alusão a uma vida consciente depois da morte: 2 Samuel 22:6; 1 Reis 2:6-9; Jó 17:13-16; Amós 9:2.
- O Sheol como reino dos mortos, o lugar de permanência das almas: Salmos 16:10; Provérbios 15:11; 27:20; Isaías 14:9-15.
- O Sheol em sentido simbólico, como poder da morte, do mal, do medo, da aflição e do cativeiro: Salmos 116:3; Isaías 28:15; 57:9; Jonas 2:2.

Essas passagens bíblicas deixam claro que a palavra “Sheol” tem vários significados. Seria errado dizer que o Sheol é sempre o sepulcro ou a cova. Igualmente errado é, portanto, transferir esse significado para o Hades no Novo Testamento.

A ideia que os judeus tinham do Sheol na época em que Jesus contou essa história correspondia, no essencial, à descrição do Sheol, ou do Hades, em Lucas 16.

Strack & Billerbeck escrevem: “Os diversos pontos de contato entre Enoque 22 e Lucas 16:19ss. tornam provável que a ideia do Sheol representada por Enoque 22 tinha encontrado certa difusão no povo judeu e representava, nos dias de Jesus, a opinião popular média.”⁴¹

41. De *Kommentar zu Talmud und Midrasch IV*.

Em diversos escritos dos judeus (como, por exemplo, Enoque), o Hades era o lugar de permanência dos espíritos ou das almas dos falecidos. Ao lado disso, estava difundida também a ideia de que o Sheol tinha divisões para os justos e para os injustos. Os justos teriam ali alegria; os injustos, tormento.

Ainda que o Sheol muitas vezes seja o sepulcro, Sheol e sepulcro são dois termos diferentes, que nem sempre são usados como sinônimos. O sepulcro, que, ao contrário do Sheol, também ocorre no plural, é cavado (por exemplo, Gênesis 50:5), pertence a determinadas pessoas (por exemplo, 1 Reis 13:30; 2 Crônicas 34:28), e nele é colocado o cadáver.⁴² Essas características não valem para o Sheol. O rei Ezequias menciona numa só frase três termos que ele distinguia e que, por isso, não podem significar o mesmo: “Porque o Sheol não te louva, a morte não te glorifica; os que descem à cova não esperam na tua fidelidade” (Isaías 38:18).

Quanto ao “Sheol” em relação com o “Hades” no Novo Testamento, resta, por isso, constatar o seguinte:

No Antigo Testamento, as coisas para além do sepulcro não tinham sido reveladas de modo algum, ou apenas de forma alusiva. Por isso, do ponto de vista do Antigo Testamento, não se pode dizer muito sobre o Sheol. Não é legítimo transferir apenas *um* dos significados do Sheol mencionados acima (por exemplo, o de sepulcro) para o Hades no Novo Testamento.

2.1.11 O levantar dos olhos

Lemos que o rico, no Hades, abriu os olhos (Lucas 16:23). O “abrir dos olhos” faz pensar numa pessoa que acorda do sono. Jesus usa essa expressão para descrever com ela a surpresa, o espanto e, ao mesmo tempo, o horror do rico. Ele percebe de repente um ambiente e um estado completamente diferentes daqueles a que estava acostumado até então. Isso ele não esperava, sendo descendente de Abraão.

O “abrir dos olhos” é explicado como ressurreição por aqueles que tentam ver nessa história o ensino do sono da alma. E não resta outra explicação quando se diz que o Hades é o sepulcro. No sepulcro, os olhos não se abrem. À primeira vista, essa explicação não parece de todo absurda, porque a relação entre o sono da morte e o despertar em ligação com a ressurreição é evidente. E, no entanto, essa explicação é questionável, porque nessa história, nos

42. Por exemplo, 2 Reis 13:21; Salmos 88:5; Jeremias 26:23.

versículos 30 e 31, se fala literalmente de uma ressurreição. É incomum que a ressurreição seja mencionada uma vez de forma literal e outra vez apenas de forma figurada.

A palavra “levantar” (grego: *epairo*) ocorre com frequência em ligação com os “olhos” e o “ver”.⁴³ Nunca o Novo Testamento descreve com essa expressão o processo de acordar do sono, ou mesmo a ressurreição. Quando os injustos ressuscitarem, serão imediatamente depois julgados diante do grande trono branco e lançados no lago de fogo, que é o inferno (Apocalipse 20:11-15). O juízo definitivo não está contido nessa história. No Hades, o rico ainda não é levado diante do juiz. Não o Hades é o estado final, mas o lago de fogo. O Hades não pode ser confundido com o inferno, ainda que já ali haja tormento e sofrimento. Quando os pecadores forem lançados no inferno, o Hades, que serviu de lugar de permanência dos injustos, já não será necessário (ver acima).

2.1.12 De longe

O rico vê Lázaro de longe no seio de Abraão. A expressão “de longe” deixa clara a inacessibilidade desse lugar e a situação irremediavelmente perdida e imutável. Em certo sentido, essa distância já existia na vida dos dois homens. Agora essa distância é muito maior e já não pode ser removida. Não é isso também uma indicação de que o afastamento de Deus, que os ímpios suportarão como castigo eterno no inferno (2 Tessalonicenses 1:9), de certo modo já começa logo depois da morte?

O rico se dirige a Abraão para conseguir alívio dos seus tormentos. Ele pede que Lázaro molhe a ponta do dedo em água para lhe refrescar a língua. O rico entendeu a sua situação, pois esse pedido é tão pequeno e já não corresponde ao seu comportamento habitual, como se conhecia da sua vida. Não corresponde a gota de água que cai do dedo às migalhas pelas quais o pobre tinha ansiado em vão? Nem mesmo esse pedido é atendido. Também Abraão já não pode mudar nada no estado do rico.

Disso fica claro que qualquer influência sobre os mortos – seja ela boa ou má, aconteça ela por meio de pessoas ou das suas orações, ou então por meio de anjos e demônios – está totalmente excluída. Depois da morte, o ser humano está única e exclusivamente nas mãos de Deus (Hebreus 10:31). A Sagrada Escritura não conhece nem intercessão nem orações pelos falecidos.

43. Por exemplo, Mateus 17:8; Lucas 6:20; 18:13; João 4:35; 6:5; 17:1.

2.1.13 O grande abismo

Entre o Hades e o seio de Abraão está posto um grande abismo, que não pode ser transposto. Dificilmente há uma descrição mais impressionante do fato de que, depois da morte, já não se pode mudar o próprio lugar de permanência. Já não há possibilidade de arrependimento. O abismo não pode ser superado nem pela compaixão nem pelo arbítrio. O próprio rico vê que para ele já não existe nenhuma possibilidade de escapar desse lugar.

Depois da morte já não há misericórdia, porque a vida terrena do ser humano oferece possibilidades e tempo suficientes para receber a graça de Deus em Jesus Cristo (Romanos 2:4; 2 Coríntios 6:2). O Senhor Jesus adverte seriamente os Seus ouvintes de que a vida terrena decide a eternidade.

Quem apela para uma possibilidade de arrependimento depois da morte – como segunda chance – e também a anuncia é como uma estrela errante que aponta um caminho para as trevas (Judas 13). É fatal esperar uma segunda chance depois da morte. Essa possibilidade, por mais que o ser humano gostasse de tê-la, não existe.

Para o rico já não há salvação, mas ele pensa nos seus irmãos. O que ele ainda pode fazer para adverti-los? Ocorre-lhe a ideia de que talvez eles dessem ouvidos a alguém que esteve morto e pode testemunhar o que vem depois da morte. Mas Abraão responde que os irmãos do rico também não dariam ouvidos a alguém que voltasse dentre os mortos. Para aqueles que rejeitam a Palavra de Deus nos dias de hoje, nem mesmo um testemunho tão espetacular bastaria para mover o seu coração ao arrependimento.

Algum tempo depois, o Senhor chama outro Lázaro de volta dentre os mortos (João 11). Esse Lázaro era alguém como o rico exigia. Mas no caso de Lázaro se confirma a resposta de Abraão. Em vez de aceitarem o Seu testemunho, os judeus chegam ao ponto de deliberar sobre como matar o Senhor da vida e da morte, para silenciar esse testemunho da Sua onipotência.

O próprio Senhor Jesus voltou dentre os mortos. Embora a Sua ressurreição tenha sido provada por testemunhas oculares e os Seus discípulos tenham levado adiante essa mensagem, não se quis aceitar esse testemunho. Os corações corrompidos dos seres humanos não quiseram se curvar diante da verdade.

É verdade que o pecador não é levado a Deus por provas, mas somente por um coração arrependido e uma consciência iluminada.

Perguntas para aprofundamento

- Explique por que a narrativa de Lucas 16 não é uma parábola!
- Resuma o que significam os termos “Hades” no Novo Testamento e “Sheol” no Antigo Testamento!
- Por meio de que fica claro em Lucas 16 que depois da morte já não pode haver uma segunda chance?

2.2 O Deus dos vivos

No conhecido debate dos saduceus com Jesus no templo em Jerusalém, trata-se da ressurreição dos mortos. Os saduceus eram conhecidos por não crerem numa ressurreição. Isso os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas mencionam unanimemente.

“Aproximaram-se, então, alguns dos saduceus, os quais objetam que não há ressurreição, e lhe perguntaram, dizendo: Mestre, Moisés nos escreveu: Se morrer o irmão de alguém, tendo mulher, e este ficar sem filhos, que o seu irmão a tome por mulher e suscite descendência ao seu irmão. Ora, havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem filhos; e o segundo e o terceiro a tomaram; e do mesmo modo todos os sete: não deixaram filhos e morreram. Por fim, morreu também a mulher. Essa mulher, pois, de qual deles será esposa na ressurreição, já que os sete a tiveram por mulher? E Jesus lhes disse: Os filhos deste mundo casam-se e são dados em casamento; mas os que são julgados dignos de alcançar aquele mundo e a ressurreição dentre os mortos não se casam, nem são dados em casamento; pois também já não podem morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. E que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou ‘na sarça’, quando chama o Senhor ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’. Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem. Então, alguns dos escribas responderam e disseram: Mestre, falaste bem. Pois já não ousavam perguntar-lhe coisa alguma” (Lucas 20:27-40, cf. Marcos 12:18-27; Mateus 22:23-33; traduzido da versão alemã Elberfelder).

Vamos olhar um pouco mais de perto o grupo dos saduceus e a sua concepção.

2.2.1 Os saduceus⁴⁴

Antes de examinarmos alguns pormenores desse texto, vamos dar a palavra mais uma vez ao evangelista Lucas, desta vez em Atos: “Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito” (capítulo 23:8; cf. Atos 4:2). O ensino dos saduceus era coerente e consequente em si mesmo. Se não havia ressurreição, então também não havia existência de espíritos, isto é, espíritos de falecidos,⁴⁵ separados do corpo (Hebreus 12:23; 1 Pedro 3:19).

O testemunho extrabíblico do historiador Josefo confirma isso, quando escreve que os saduceus negavam a imortalidade da alma, bem como castigos e recompensas no mundo subterrâneo.⁴⁶

Aqui se indica que a ressurreição e uma existência do espírito-alma fora do corpo depois da morte estão em relação direta e dependem uma da outra. Os saduceus sabiam que a ressurreição e o espírito-alma separado do corpo não se contradizem, mas estão tão estreitamente ligados que um não pode existir sem o outro. Por isso negavam ambos.⁴⁷

A resposta do Senhor Jesus a essa argumentação capciosa é que Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos, porque para Ele todos vivem (v. 38). Esse fato o Senhor deduz das palavras de Javé a Moisés na sarça ardente: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (Êxodo 3:6; ver também v. 14-15). Os ouvintes sabiam que nenhum dos três patriarcas ainda vivia no momento em que Javé disse essas palavras. Todos tinham morrido. Se a morte significa a extinção e a não existência total ou apenas temporária, como pode Javé dizer que é o Deus deles? Então Deus seria de fato um Deus dos mortos. Mas Deus não é o Deus de algo que não existe. Os ouvintes

44. Os saduceus (talvez chamados assim por causa do sumo sacerdote Zadoque, do tempo de Salomão) tinham surgido de uma antiga aristocracia sacerdotal e formavam, no período de cerca de 150 a.C. a 70 d.C., um partido conservador e favorável aos romanos dentro da linhagem sacerdotal judaica. Ao contrário dos fariseus, de quem eram adversários “tradicionais”, os saduceus negavam a continuação da vida da alma e a existência de anjos e espíritos. Também não criam em intervenções divinas nos assuntos humanos. Além disso, como adversários dos fariseus, rejeitavam a Torá oral e davam à providência de Deus primazia sobre o livre-arbítrio humano. Reconheciam apenas os cinco livros de Moisés como revelação, mas rejeitavam as esperanças de ressurreição e a crença em anjos (Atos 23:8). Como os saduceus não dispunham de amplo apoio no povo, desapareceram como grupo política e religiosamente atuante.

45. Nesse versículo se distinguem anjos e espíritos, o que prova que os espíritos aqui são os espíritos de falecidos. Em outras passagens, os anjos também são chamados de espíritos (por exemplo, Hebreus 1:14).

46. *Geschichte des Jüdischen Krieges*, livro 2, capítulo 8.14.

47. Em contrapartida, essas doutrinas faziam parte da convicção dos fariseus (cf. Atos 23:6-7).

entenderam isso, pois alguns dos escribas disseram que Ele tinha falado bem. Os saduceus não puderam responder nada a essa sabedoria divina⁴⁸ – Ele os tinha feito calar, porque eles erravam muito (Mateus 22:34).

Alguns explicam isso dizendo que os patriarcas viveriam na memória ou no propósito de Deus, porque um dia serão ressuscitados. Mas esse versículo não permite outra conclusão senão a de que os patriarcas, no momento em que Deus falou da sarça, tinham de viver de algum modo (portanto, não apenas como pensamento na lembrança). Não se diz que Deus “era” o Deus dos patriarcas ou que o “será” com vistas à ressurreição, mas que Ele o “é”, e isso até hoje. Também não se diz que eles “viviam” para Ele, mas que “vivem”.

Somente Lucas relata que o Senhor Jesus estende a todos os seres humanos o fato de que os mortos vivem, pois Ele diz: “porque para ele *todos* vivem” (portanto, não apenas os patriarcas). Isso inclui claramente também aqueles que – como os patriarcas – morreram há muito tempo.

2.2.2 Moisés e Elias no monte da transfiguração

Os próprios evangelistas dão um exemplo de dois crentes do tempo do Antigo Testamento que viviam depois da sua morte. Na glorificação de Jesus⁴⁹ no monte da transfiguração apareceram Moisés e Elias. Elias não tinha morrido, mas tinha sido levado ao céu (2 Reis 2:11), assim como Enoque (Gênesis 5:24).

Ainda se pode entender que Elias tenha aparecido ali pessoalmente, porque não tinha morrido. Mas o que dizer de Moisés? Ele morreu (Deuteronômio 34:6; cf. Judas 9). De onde veio então Moisés, se depois da morte já não vivia? Será que já tinha ressuscitado? Disso a Bíblia nada diz, e isso também não pode ser, porque não Moisés, mas Cristo é as primícias dos que dormem (1 Coríntios 15:20, 23), e a ressurreição dos crentes ainda não aconteceu.

O Deus eterno (Romanos 16:26) é o Deus dos vivos. Por isso também Moisés vive agora, depois da sua morte e antes da sua ressurreição. Deus não ressuscitou Moisés e Elias para essa aparição e depois os pôs para dormir de novo. E não é concebível que somente eles – e não todos os crentes – se

48. Curiosamente, Jesus tinha citado Êxodo, já que os saduceus reconheciam apenas os 5 livros de Moisés como Palavra de Deus. Nas Suas afirmações sobre a ressurreição, a existência de anjos e a imortalidade (pois os anjos não morrem), Ele refutou de uma só vez vários aspectos dos saduceus.

49. Mateus 17:1-8; Marcos 9:2-8; Lucas 9:28-36.

encontrem num estado consciente e bem-aventurado. Os crentes de todos os tempos estão agora todos no paraíso.⁵⁰

Assim fica claro, tanto pela aparição de Moisés e Elias como pelas palavras do Senhor quando respondeu aos saduceus, bem como pelo contexto de toda a Sagrada Escritura, que todos os que morreram vivem.

Para muitos judeus (com exceção dos saduceus) era evidente que os falecidos viviam. Eles criam, por exemplo, que Abraão, Isaque e Jacó estavam agora num lugar para onde também ia o judeu fiel, para ali ser recebido pelos patriarcas.⁵¹

O próprio Deus é o mantenedor da vida não só para os seres humanos que vivem na terra, mas também para os falecidos, porque eles e tudo o que de algum modo vive dependem dEle. Nesse sentido, a imortalidade da alma não é uma imortalidade em si mesma, mas depende de Deus como a fonte da vida.

Quando o Senhor Jesus falou dos patriarcas, não se tratava do estado depois da morte, mas da ressurreição. Mas Ele disse que uma prova da ressurreição era o fato de que os patriarcas viviam naquele tempo. Isso é extremamente importante e diz, em resumo: porque as almas dos falecidos vivem, tem de haver uma ressurreição. Por que é assim?

2.2.3 A relação entre a vida após a morte e a ressurreição

A morte, que entrou no mundo por meio do pecado, frustrou o plano da criação de Deus com respeito ao ser humano. A morte põe fim à vida física, à existência corporal do ser humano na terra, enquanto o ser humano, porém, continua a viver como personalidade de espírito-alma. Uma personalidade de espírito-alma sem corpo, no entanto, não era a intenção de Deus quando Ele criou o ser humano.⁵² Como os Seus propósitos e planos são irrevogáveis (Romanos 11:29), o corpo tem de ser ressuscitado, para que se cumpram os planos que Deus tinha desde o princípio e o ser humano seja restaurado na sua “integridade”. A morte não fica com a última palavra. Almas sem corpo, se esse fosse o seu estado eterno, provariam que a morte teria vencido. Em contraste com isso estava a crença grega, que considerava a morte como libertação permanente do corpo. A ressurreição restaura o ser humano na unidade desejada por Deus.

50. Cf. seção 2.3.

51. Apócrifo 4 Macabeus 13:16.

52. Cf. seção 3.4.

2.2.4 A imagem do grão de semente

Em concordância com o fato de que *todos* vivem está também a imagem que Paulo usa para ilustrar a ressurreição. Ele fala do grão de semente, que primeiro é posto na terra antes de dar fruto. Ele o compara com o corpo morto do crente falecido, que um dia ressuscitará (1 Coríntios 15:35-44; cf. João 12:24).

É interessante que o grão de semente na terra, na verdade, não morre realmente no sentido de que o processo orgânico seja encerrado por completo. Se o grão de semente se desfizesse e se dissolvesse completamente, jamais surgiria um fruto. Do germe, porém, que permanece vivo, surge uma nova planta. O germe traz em si todas as informações genéticas que são determinantes para a planta que deve crescer. O invólucro ou a casca da semente, que envolve o germe, cai e se desfaz. Em sentido literal, portanto, só essa parte morre.

Esse processo é mais uma indicação do fato de que o ser humano (em 1 Coríntios 15 trata-se de um crente) continua a viver depois da sua morte. O invólucro exterior do grão é comparado com o corpo, que se desfaz. O germe pode ser comparado com o homem interior (2 Coríntios 4:16), o espírito-alma. Essa parte do ser humano continua a viver depois da morte. Essa é, ao mesmo tempo, a razão pela qual o corpo é ressuscitado, assim como o germe produz um novo fruto.

Chamamos a atenção para o fato de que a semeadura do grão na terra é chamada expressamente de “morrer”, embora evidentemente uma parte dele continue a viver. Isso não é contradição, porque na Bíblia a morte do ser humano nunca significa o seu fim completo, mas a separação do espírito-alma do corpo.

Perguntas para aprofundamento

- Que relação existe entre a vida após a morte e a ressurreição?
- Por que tem de haver uma ressurreição?
- Em que medida a imagem do grão de semente não é apenas uma imagem da ressurreição, mas também de uma vida após a morte?

2.3 O malfeitor na cruz

As palavras do Senhor Jesus Cristo a um dos malfeitores mostram claramente que existe uma vida após a morte. Ele diz ali: “Em verdade te digo que hoje

estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43).

A cena no Gólgota é comovente. Para os dois malfeitores à direita e à esquerda de Jesus, o fim tinha chegado. Eles recebiam aquilo que os seus atos mereciam. Já não havia para eles o menor vislumbre de esperança. No seu desespero, um dos malfeitores, arrependido da sua culpa, se dirige ao homem do meio – essa era a única coisa que ele ainda podia fazer. Ele disse: “Senhor, lembra-te de mim quando vieres no teu reino!” (Lucas 23:42). O malfeitor pressente que o homem ao seu lado, de cuja inocência está convencido, tem de ser o Messias e Rei prometido por Deus. Se, portanto, ainda havia de algum modo uma esperança para ele, então seria junto daquele que um dia, como Rei sobre tudo, teria a última palavra.

O malfeitor pensava nesses momentos no futuro, no tempo em que o Messias viria para assumir o Seu domínio. Para isso estava voltada a esperança do judeu. Pelo Antigo Testamento se sabia muito sobre o Messias: o Seu domínio, o Seu reino, a Sua grandeza e o Seu poder.⁵³ O malfeitor conhecia a ressurreição na manifestação do Messias, no início do Seu reino (Daniel 12:2; Isaías 26:19). Ele Lhe pediu que se lembrasse dele, para que pudesse participar do Seu reino.

O Senhor Jesus dá uma resposta notável: “Hoje estarás comigo no paraíso”. A resposta parece tão notável porque o Salvador, nas Suas palavras, na verdade não atende ao pedido do malfeitor. O malfeitor pensa no reino futuro, mas o Salvador fala do paraíso. Ele não fala do futuro, mas de um “hoje”.

Acontecia que o Senhor Jesus às vezes aparentemente não respondia diretamente às perguntas que Lhe eram feitas. Mas, olhando com mais atenção, percebe-se como as Suas respostas são maravilhosas, porque revelam muito mais do que as perguntas sequer pretendiam (cf. João 2:19-22). Assim é também aqui, pois evidentemente paraíso e reino não significam o mesmo.

Vamos examinar, por isso, o que se deve entender na Escritura pelo termo *paraíso* e que ideia o malfeitor, ou o judeu em geral, tinha do paraíso.

2.3.1 O paraíso

A palavra vem provavelmente do persa e significa algo como “cercado ou muralha circular”, “parque”. Era usada naquele tempo para os jardins suntuosos dos reis persas. De modo semelhante era usada também no Antigo

53. Por exemplo, Salmos 2; 8; 24; Isaías 4; 9; 11; 53; Daniel 2; 7; Miquias 5, entre outros.

Testamento.⁵⁴ Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, é usada para o jardim do Éden, o paraíso terrestre,⁵⁵ ou simplesmente para um jardim.⁵⁶ Pelos primeiros capítulos da Bíblia reconhecemos que lugar belo era o paraíso terrestre. Deus o tinha preparado como morada para o ser humano. Depois da Queda, o ser humano foi expulso do paraíso e também já não podia entrar nele. Depois disso, já não ouvimos falar desse paraíso. O paraíso original e terrestre no Éden já não existe. Com isso está claro que o Senhor Jesus não se referia a esse paraíso.

Como as informações do Antigo Testamento se limitam ao paraíso no Éden e em nenhum lugar do Antigo Testamento se fala de outro paraíso, recorremos à tradição judaica como fonte extrabíblica de informação, para descobrir o que se entendia por *paraíso* no tempo de Jesus.

2.3.2 O paraíso na tradição judaica

A tradição judaica, ou a antiga sinagoga, conhecia no tempo de Jesus o paraíso em três formas diferentes.⁵⁷

- O paraíso original e terrestre, que era determinante para todas as demais ideias de paraíso.
- O paraíso das almas, que serve de lugar de permanência para as almas dos justos que adormeceram durante o estado intermediário. Cria-se num paraíso celestial das almas. Para lá, segundo essa ideia, tinham sido levados Enoque e Elias, mas também os patriarcas.
- O paraíso do tempo do fim na terra, cujo centro será Israel e Jerusalém sob o Messias, e que será entregue aos bem-aventurados depois da ressurreição e do juízo final.

Como Deus tinha fechado o paraíso terrestre e o tinha retirado da terra, chegou-se à convicção de que ele agora estava no céu e, ao mesmo tempo, apareceria de novo como o reino paradisíaco de paz. O paraíso terrestre se torna o modelo do paraíso do além e do futuro.

Outras designações conhecidas do judaísmo para o lugar celestial de permanência dos bem-aventurados são:

54. Neemias 2:8; Eclesiastes 2:5; Cantares 4:13.

55. Gênesis 2:8; 13:10; Isaías 51:3; Ezequiel 31:8.

56. Números 24:6; Isaías 1:30; Ezequiel 31:8.

57. Strack & Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, München (C.H. Beck).

- “Terra dos vivos” – com base em Salmos 116:9: “Andarei na presença do SENHOR, na terra dos vivos.”
- “O feixe dos que vivem” (1 Samuel 25:29) – o feixe dos que vivem, atado junto ao Senhor, era muitas vezes entendido como lugar dos bem-aventurados.
- “Casa do tesouro”⁵⁸ – “que a tua alma seja guardada na casa do tesouro da vida eterna.”
- “debaixo do trono de Deus” – as almas dos justos são guardadas debaixo do trono da glória.⁵⁹
- “Céu” – as almas permanecem no céu até que, na ressurreição, sejam unidas de novo ao corpo.

Esses testemunhos deixam claro que no tempo de Jesus existia uma compreensão, ou uma ideia, do além que ia claramente além da revelação do Antigo Testamento. De onde vinha essa compreensão é difícil de determinar. Decisivo é que Jesus, nesse contexto, usa os termos “paraíso” (Lucas 23:43), “inferno”⁶⁰ e “Hades” (por exemplo, Lucas 16:23), que descreviam a fé dos judeus daquela época no além, especialmente a dos fariseus. Paulo era fariseu, e também ele cria na continuação da vida da alma depois da morte e na ressurreição. Esses termos, portanto, não eram novos para os judeus. Com isso o Senhor Jesus Cristo sanciona a afirmação central dessa fé, que continha certo grau de verdade.⁶¹ Esse pano de fundo é útil para a nossa compreensão. Mas o critério para julgar o que é verdade divina continua sendo sempre e exclusivamente a Bíblia, a Palavra inspirada de Deus.

2.3.3 O paraíso no Novo Testamento

É evidente que o Senhor Jesus se liga à ideia daquela época, segundo a qual o paraíso é o lugar onde estão as almas dos justos que partiram. Isso resulta necessariamente da situação. No dia da sua morte na cruz, eles iriam para o paraíso. O Salvador diz, em substância: “Você não precisa esperar até que Eu apareça no Meu reinado; não, você já pode Me seguir hoje para o paraíso.” O

58. Ibid.

59. Cf. Apocalipse 6:9.

60. Grego: *Geena* (por exemplo, Mateus 5:22).

61. Ver a esse respeito “Facts and Theories as to a future State” em F.W. Grant, *Old Testament Shadows*, Charlotte, North Carolina (Books for Christians), 1972, p. 246ss.

Salvador morreu nesse dia e entregou o Seu espírito nas mãos do Pai. O malfeitor morreu pouco depois dEle. Quando o Senhor morreu, foi para o paraíso, e o malfeitor O seguiu para lá como pecador agraciado.

A palavra “paraíso” ocorre no Novo Testamento, além de Lucas 23:43, apenas mais duas vezes. Paulo relata sobre o paraíso e sobre a experiência extraordinária do seu arrebatamento até lá:

“Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que esse homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras indizíveis, as quais não é lícito ao homem referir” (2 Coríntios 12:2-4).

Paulo chama o paraíso de terceiro céu. Essa designação ocorre apenas nesse contexto e mostra claramente que se trata de um paraíso celestial. O termo “terceiro céu” como sinônimo de paraíso pode ser explicado assim: o primeiro céu é a atmosfera em que vivemos; o segundo céu, o espaço das estrelas; e o terceiro céu, o paraíso, onde Deus habita.

Um paralelo útil encontramos em Hebreus 9:23 (cf. 8:5). Ali se diz que o tabernáculo e o culto ligado a ele no Antigo Testamento são uma figura das coisas celestiais. O “terceiro céu” indica uma sequência e gradação como também se pode reconhecer no tabernáculo. Pelo átrio (1) passava-se pelo santuário (2) até o Santo dos Santos (3). Ali estava a arca da aliança, o trono de Deus. Ali Deus habitava. O tabernáculo era a casa de Deus, a habitação de Deus na terra.⁶²

O termo “terceiro céu” sugere, portanto, o pensamento da habitação de Deus. Essa é uma característica essencial do paraíso. Ali está, por conseguinte, como outrora no tabernáculo, a glória de Deus. Ela é contemplada agora na face de Cristo (2 Coríntios 4:4-6), pois Ele está assentado ali à direita de Deus (1 Pedro 3:22).

Para Paulo era impossível contar em palavras humanas essa glória avassaladora. Aquilo que ele viu e ouviu ali ultrapassava a capacidade de imaginação humana, como se pode depreender das suas palavras.

Já constatamos que o Senhor Jesus, quando se dirigiu ao malfeitor, se ligou à ideia judaica do paraíso como lugar de permanência das almas depois da morte.

62. Os crentes têm agora, com base na obra consumada de Cristo, de modo espiritual e pela fé, livre acesso à presença de Deus, à Sua proximidade imediata (Hebreus 4:16; 10:19ss.; Efésios 2:18).

Em 2 Coríntios 12:2, porém, não se pode encontrar esse significado. Daí resulta, como também a terceira passagem ainda vai mostrar, que não podemos limitar o termo “paraíso” apenas ao lugar de permanência dos crentes que adormeceram. O paraíso não foi “instalado” para esse fim e para um tempo limitado. Certamente não era a intenção de Deus familiarizar Paulo com o estado dos crentes que adormeceram no paraíso. Não; o que Ele queria era mostrar-lhe glórias celestiais, cujo centro é o Cristo glorificado,⁶³ e isso como encorajamento e preparo para o seu serviço posterior.

E, no entanto, de 2 Coríntios 12 resulta um fato fundamental que é determinante para o estado intermediário. Paulo menciona duas vezes (versículos 2-3) que não sabia se tinha sido arrebatado ao paraíso no corpo ou fora do corpo. Portanto, era possível para ele estar fora do corpo no paraíso. Exatamente isso acontece também quando um crente morre. O seu corpo se desfaz e se decompõe, enquanto o espírito-alma vai para o paraíso. Essa é uma prova clara de que existe uma existência consciente fora do corpo, ou sem o corpo.

Em Apocalipse 2:7, o paraíso é mencionado pela terceira vez:

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.”

Aqui também se menciona o paraíso celestial. A descrição se liga à descrição do jardim no Éden. Pois também aqui se fala da árvore da vida. Ela estava naquele tempo no meio do jardim (Gênesis 2:9), assim como Cristo, desde a Sua ascensão, é como Homem glorificado o centro do paraíso celestial. Cristo é visto na árvore da vida como a verdadeira fonte da vida (João 14:6; Atos 3:15).

Aos vencedores é prometido que comerão da árvore da vida que está no paraíso de Deus. Essa promessa, que em princípio vale para todos os crentes, não se limita ao tempo depois da morte até a ressurreição, mas será a bênção dos crentes por toda a eternidade. Por isso encontramos a árvore da vida também ainda na nova criação (Apocalipse 22:2, 14, 19).

Também aqui o termo “paraíso” não se limita a um estado intermediário temporalmente limitado e ao lugar de permanência das almas que partiram. Aqui é o paraíso do reino de paz e da nova criação, no qual então as nações e os santos ressuscitados desfrutarão da árvore da vida.

63. Efésios 1:3; 2:6; Colossenses 3:1-4; Filipenses 3:20.

Desta consideração concluímos que o paraíso celestial é (e sempre foi) o lugar onde Deus, o Pai, habita. O Senhor foi para o Pai quando, na cruz, entregou o Seu espírito nas Suas mãos. Esse lugar da proximidade imediata de Deus está cheio da glória de Deus, que agora é contemplada em Cristo. Para lá vão os santos de todos os tempos quando adormecem. Eles vão para casa, pois o céu é a sua pátria (2 Coríntios 5:8; Filipenses 3:20). Ali permanecem (isto é, o seu espírito-alma) até o dia da ressurreição. Ali desfrutam do descanso das suas fadigas (Apocalipse 14:13) na presença do seu Redentor (Filipenses 1:23).

2.3.4 É possível outra interpretação de Lucas 23:43?

Quando se parte do pressuposto de que não existe vida após a morte, o paraíso naturalmente não pode ser o lugar das almas que partiram. Por isso se tenta argumentar que o paraíso aqui é o reino futuro. Mas a tradição judaica (ver acima) refuta esse pensamento. Isso fica claro não por último pelas palavras do Senhor na cruz: “Hoje [não no futuro] estarás comigo no paraíso.” O Senhor falou de “hoje” porque, no dia da Sua morte, Ele foi para o paraíso.

O “hoje” representa um problema para a opinião de que reino e paraíso são idênticos, porque o reino em poder até agora ainda não existe. Esse problema se tentou resolver colocando a vírgula, ou os dois-pontos, não antes de “hoje”, mas depois de “hoje”. Então “hoje” já não se refere ao momento da entrada no paraíso, mas ao momento da declaração de Jesus.

Em princípio, deve-se observar que os escritores do Novo Testamento não conheciam pontuação. Os sinais de pontuação e as separações entre as palavras só foram inseridos posteriormente, por volta do século 4 d.C. Mas apenas um único(!) manuscrito liga o “hoje”, pela pontuação, ao momento da declaração⁶⁴ e não à entrada no paraíso.⁶⁵ Isso também estaria em total contraste com o uso linguístico de Lucas, como mostram as passagens Lucas 2:11; 4:21; 19:5, 9; 22:34.

O mesmo vale também para Tiago 4:13 e Hebreus 3:7. Nesses versículos encontramos uma construção de frase comparável. Também aqui o “hoje” não está para indicar o momento da declaração, mas para destacar o momento do

64. Manuscrito siríaco, Siríaco Curetoniano, século 5.

65. Esse versículo também foi alterado ou ampliado nas cópias. Pode-se reconhecer em alguns manuscritos que partes de frase como “Tem, pois, bom ânimo”, “jardim do Éden” em vez de “paraíso”, “Crês realmente” foram acrescentadas posteriormente. Ver Bruce Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, London (United Bible Societies), 1975, p. 181, 182.

acontecimento. O significado da palavra “hoje” é inequívoco. Em Lucas haveria, além disso, uma duplicação supérflua, já que as palavras “te digo” já estão no presente. Será que para o malfeitor não estava claro quando ouvia as palavras do Senhor? Não.

O Senhor Jesus, na Sua resposta, atende à verdadeira necessidade do malfeitor. Ela consistia naquilo que aconteceria com ele no dia da sua morte, no “hoje” da cruz. Para onde ele iria do outro lado da morte? A essa pergunta essencial e, naqueles momentos, decisiva o Senhor Jesus responde, mesmo que o próprio malfeitor não a tivesse feito. Assim, nas horas da morte, a expectativa e a esperança do malfeitor são mais do que cumpridas. Elas são de longe superadas, pois ele pode seguir a Cristo, imediatamente depois da sua morte, para o paraíso celestial.

Com isso nos é dada uma palavra divina de consolo, a saber, que também para nós vale o que foi concedido ao malfeitor. O nosso estado era exatamente o do malfeitor. Estávamos sem esperança e, pela culpa do pecado, entregues à sentença de morte. Mas a Sua graça anulou a sentença, porque Ele morreu na cruz. E por isso também nós, se morrermos antes da Sua vinda, podemos ir para o paraíso. Talvez não sejamos poupados do morrer, assim como também o malfeitor não foi poupado. Mas a morte nos leva para junto do nosso Senhor.

Depois que o ser humano, pela sua desobediência, perdeu ele mesmo o acesso ao paraíso, é Cristo quem, pela Sua graça, nos abre o caminho para o paraíso, e isso não apenas na nova criação, mas já quando morremos.

Perguntas para aprofundamento

- O que significa “paraíso”
- no Antigo Testamento?
- em Jesus Cristo, em Lucas 23?
- em Paulo, em 2 Coríntios 12?
- Quem se encontra ali?
- Que significado tem o paraíso para o ser humano em geral?

2.4 Glória eterna – esperança diante da morte

Talvez o texto da segunda carta de Paulo aos Coríntios seja a passagem mais detalhada e esclarecedora sobre o nosso tema que encontramos nas cartas do Novo Testamento. O confronto constante com a morte, por causa dos sofrimentos por amor de Cristo, leva o apóstolo Paulo a escrever sobre a morte,

a ressurreição e o tempo entre as duas. Esses versículos contêm um consolo imenso e divino (2 Coríntios 1:3; 2 Tessalonicenses 2:16), que o mundo não conhece (1 Tessalonicenses 4:13).

Na verdade, se poderia pensar que os coríntios já tinham sido instruídos detalhadamente sobre esse tema em 1 Coríntios 15. Ali se tratava de enfrentar uma heresia que negava a ressurreição (v. 12). Isso levou Paulo a escrever coisas fundamentais sobre a ressurreição. Aqui se trata de como essa esperança atua na aflição da vida diária, que encorajamento, que consolo e que confiança ela pode dar. Por causa do contexto, citamos o texto de 2 Coríntios 4:16 até 5:10 (traduzido da versão alemã Elberfelder):

“Por isso não desanimamos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o nosso homem interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve tribulação, que passa depressa, produz para nós um peso eterno de glória que ultrapassa toda medida, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que não se veem; porque as que se veem são temporais, e as que não se veem são eternas.

Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre, o tabernáculo [ou: a tenda], se desfizer, temos de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso, neste, de fato, gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Pois, de fato, nós, que estamos neste tabernáculo, gememos angustiados, porque não queremos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi Deus quem nos preparou para isso mesmo, o qual nos deu o penhor do Espírito. Por isso estamos sempre de bom ânimo e sabemos que, enquanto habitamos no corpo, estamos ausentes do Senhor (pois andamos por fé, e não pelo que vemos); mas estamos de bom ânimo e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor. Por isso também nos esforçamos, quer em casa, quer ausentes, para lhe ser agradáveis. Porque importa que todos nós compareçamos manifestos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito no corpo, de acordo com o que praticou, seja o bem, seja o mal.”

Nessa palavra da Escritura são contrapostas as coisas temporais e passageiras e as coisas eternas e celestiais. Na balança da fé, a tribulação não pesa nada em comparação com o peso da glória eterna. Pela fé olhamos já agora para a glória futura, para a qual fomos chamados (1 Pedro 5:10; 1 Tessalonicenses 2:12), sim, que já agora é posse da nossa fé. É o esforço constante do Espírito Santo

manter viva nos nossos corações a esperança da glória (Colossenses 1:27; Tito 2:13; 1 Pedro 4:14). Isso é absolutamente necessário, pois temos a tendência de orientar a nossa vida pelas coisas visíveis e de nos deixar determinar por elas (4:18).

Paulo escreve sobre a glória eterna quando pensa nos sofrimentos causados pelo seu serviço incansável para Cristo. Quantas vezes ele encarou a morte (2 Coríntios 4:7-15; 11:23-28)! Existia a possibilidade de que ele sofresse a morte por amor de Cristo. Paulo parece já não excluir que poderia morrer antes da volta de Cristo.

Nesse texto se trata do morrer, do estado depois da morte até a ressurreição, e da ressurreição e transformação do corpo mortal. Para explicar isso de forma ilustrativa, Paulo usa três imagens da vida diária. São imagens que nos aproximam das coisas futuras. Nenhum dos escritores do Novo Testamento conseguiu descrever esse estado intermediário ou o corpo da ressurreição em glória de modo que pudéssemos entendê-lo.⁶⁶ Não; para nós permanece uma grande e expectante tensão quanto a quão glorioso será um dia.

Paulo usa as seguintes imagens nos primeiros 10 versículos do capítulo 5:

- O tabernáculo terrestre
- O revestimento
- A viagem e a pátria

Antes de olharmos mais de perto a primeira imagem, vamos examinar 2 Coríntios 4:16, onde encontramos uma chave para a compreensão dessas imagens.

“Por isso não desanimamos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o nosso homem interior, contudo, se renova de dia em dia.”

Aqui são mencionados dois termos essenciais que são importantes com respeito à existência do ser humano depois da morte: o homem exterior e o homem interior.

66. Paulo, é verdade, tinha sido arrebatado ao paraíso, mas também não pôde relatar o que tinha ouvido, visto e vivido ali.

2.4.1 O homem exterior

O homem exterior é o ser humano passageiro e mortal, cujo processo de decadência se desenrola diante dos nossos olhos. O homem exterior é descrito nos capítulos 4 e 5 também com as seguintes expressões:

- vaso de barro (4:7)
- corpo (4:10)
- carne mortal (4:11)
- tabernáculo terrestre (5:1)
- o mortal (5:4)

O “homem exterior” é aquilo que de um ser humano é visível para fora, para o mundo. Na sua existência terrena, ele é consumido e desgastado por tudo o que o assalta e o ataca. Em Paulo, isso acontecia especialmente pela perseguição por amor de Cristo e pelo seu empenho incansável pelo reino de Deus e pela igreja de Deus (2 Coríntios 4:7-12; 11:23-28).

O homem exterior envolve, por assim dizer, o homem interior, e por isso falamos também do invólucro mortal. E, no entanto, a separação entre alma e corpo, entre o material e o espiritual, não é simples aqui. No homem exterior se trata de tudo aquilo que constitui a nossa existência terrena num corpo mortal. Funções anímicas e mentais, bem como as emoções, estão de tal forma ligadas ao homem exterior que a decepção, o abatimento e o esgotamento têm ali a sua origem.

O homem exterior está sujeito à transitoriedade e à temporalidade. No fim, a morte quebrará o vaso, que se despedaça facilmente. Mas o Deus que ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos também juntará de novo, na ressurreição, o vaso quebrado do corpo, que por assim dizer se desfez em cacos, e o apresentará perfeito (2 Coríntios 4:14).

2.4.2 O homem interior

Um ser humano, porém, não consiste apenas no homem exterior, mas também no homem interior. O homem interior descreve o lado voltado para dentro, imaterial e invisível do ser humano. Em 2 Coríntios 4:16–5:10 se trata de crentes,⁶⁷ pois só eles experimentam a renovação diária. O homem interior não

67. Também o incrédulo tem um homem interior, mas em outro sentido, a saber, o espírito-alma.

conhece limite de idade; ele é constantemente renovado pelo Espírito Santo. O homem interior consegue olhar para as coisas eternas e apreendê-las pela fé. Deus revigora o homem interior, que, portanto, tem uma fonte secreta de força.

Pedro fala do “homem interior do coração” (1 Pedro 3:4). Do coração procede o espírito manso e tranquilo, incorruptível (atemporal), isto é, que sempre permanece, também para além da morte).

O Senhor Jesus diz: “Porque de *dentro*, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios ... Ora, todos estes males vêm de *dentro* e contaminam o homem” (Marcos 7:21-23; cf. Mateus 7:15; Lucas 11:39-40).

O homem interior vive de Deus e para Deus. Ele tem prazer na lei de Deus (Romanos 7:22). O crente é fortalecido no homem interior pelo Espírito de Deus, para que Cristo possa habitar pela fé no seu coração (Efésios 3:16-17).

De tudo isso resulta que também para o homem interior vale o que Paulo diz no versículo 18: “porque as que se veem são temporais, e as que não se veem são eternas.” O homem interior viverá eternamente.⁶⁸ Ele não está sujeito à morte física.

Por que chamo os termos “homem exterior” e “homem interior” de termos-chave?

Nas imagens seguintes encontramos uma correspondência: o tabernáculo e o revestimento correspondem ao homem exterior. Nesse corpo o homem interior está em casa, e nele ele habita. Ele habita num tabernáculo, é revestido e pode estar ausente do corpo.

2.4.3 O tabernáculo terrestre

“Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2 Coríntios 5:1).

Aqui é apresentada a primeira imagem: a nossa existência terrena no corpo humano, a forma temporal e terrena do corpo, é comparada com um tabernáculo, em contraste com a sua forma eterna e celestial, o edifício da parte de Deus. Paulo, o fabricante de tendas (Atos 18:3), fala a partir da vida. O tabernáculo é terrestre, porque o ser humano foi formado da terra (Gênesis 2:7)

68. O homem interior é outra designação para a nova criação, ou o novo homem. Também a vida eterna que o crente recebe está em estreita relação com isso.

e tem a sua morada no âmbito terreno (1 Coríntios 15:48). O tabernáculo lembra a instabilidade da vida, a peregrinação e também a breve permanência num lugar. O ser humano um dia terá de deixar a terra. Além disso, a tenda fala de abrigo e habitação. Mora-se nela, assim como moramos no nosso corpo.⁶⁹

Quando esse tabernáculo terrestre, a nossa existência terrena no corpo, é destruído pela morte, temos *imediatamente* depois um edifício da parte de Deus. Isso é um grande consolo, pois então a morte é a passagem direta para uma forma de existência celestial, que não é feita por mãos. Ela, portanto, não pode ser comparada com a nossa existência terrena no nosso corpo mortal. Esse edifício da parte de Deus descreve, então, em primeiro lugar o nosso estado depois da morte, que o apóstolo descreve no versículo 8 com a expressão “habitar [estar em casa] com o Senhor”.

Também se pode ser “despido” desse tabernáculo pela morte (v. 4). As três imagens que Paulo usa se fundem umas nas outras, de modo que, no versículo 2, a habitação é ao mesmo tempo também a veste. Pode-se, portanto, também ter “saído” desse tabernáculo e tê-lo deixado (v. 8). Aqui se indica que o ser humano pode tanto estar (habitar) no corpo (tabernáculo) como também deixá-lo (sair dele) para estar em algum outro lugar.

O mesmo pensamento encontramos no apóstolo Pedro, em 2 Pedro 1:13-14. Em breve ele morreria como mártir e se despediria da terra (v. 15), para estar em casa, junto do seu Senhor. Para a sua morte, ele usa a palavra “partida” (grego: *exodus*). Essa é a saída do tabernáculo terrestre. Está claro que a existência de Pedro não terminou. Ele foi para outro lugar, além da morte – para o seu Senhor. Ele trocou o frágil tabernáculo pelo edifício indestrutível de Deus.

Sobre essa forma de existência sabemos apenas que ela é eterna e celestial. A partir dessas duas características, porém, pode-se concluir que a nossa bem-aventurança e alegria já são grandes antes da nossa ressurreição. Mas, ainda assim, é um estado intermediário, e não o estado definitivo. O corpo se decompôs e ainda está debaixo do poder da morte. Parece que a morte teria a última palavra. Se assim fosse, Deus não poderia chegar à Sua glorificação perfeita. Mas Deus alcançará o Seu objetivo final, pois Ele é o vencedor sobre a morte. Isso está provado pela ressurreição de Jesus Cristo. Por isso Deus, na ressurreição dos crentes, restaurará a unidade do ser humano, que consiste em

69. Isaías 38:12; Marcos 14:58; João 2:19-22.

espírito, alma e corpo. Assim, o “edifício da parte de Deus” inclui também o nosso corpo da ressurreição, que é a nossa parte eterna.

Esse significado tem o edifício nos versículos seguintes, 2 e 4. Deus dá (edifica) ao crente uma casa eterna, em contraste com uma tenda frágil. Esse é o corpo da glória que Cristo tem agora (Filipenses 3:21; 1 João 3:2). Essa casa pertence ao céu, porque é um corpo celestial (1 Coríntios 15:48-49), que tem ali o seu destino e a sua pátria. Ele já não pode ser tocado, nem mesmo destruído, pela morte, pois é uma casa eterna, que não é feita por mãos (humanas), mas por Deus.

2.4.4 O revestimento

“E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial” (2 Coríntios 5:2).

O nosso corpo terreno sofre as consequências do pecado. Gememos diariamente por causa de azaques, aflições e limitações que entraram no mundo por meio do pecado. Por isso ansiamos pelo momento em que receberemos um novo corpo, que já nada tem a ver com o pecado e as suas consequências. Essa habitação está pronta para nós. Quando isso acontecer, seremos “revestidos”. (Aqui a primeira imagem, a da habitação, passa para a segunda imagem, a do revestimento.) Nesse momento acontece uma troca de vestes. A veste velha, o mortal (v. 4), é deposta para sempre, porque tem de dar lugar à nova veste da vida. Em 1 Coríntios 15:51-54, esse momento é chamado de “transformação”.

Nós, os vivos, seremos transformados quando o Senhor Jesus Cristo voltar para levar os filhos de Deus para a pátria celestial, para a casa do Pai (João 14:3). Nesse versículo trata-se apenas dos crentes que estiverem vivos nesse momento, já que os crentes que adormeceram não são “revestidos por cima”, mas “vestidos” quando recebem o corpo da ressurreição: “Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade” (1 Coríntios 15:53).

Os mortos em Cristo ressuscitarão, e os vivos serão transformados. Então todos serão semelhantes ao Filho de Deus e terão o corpo celestial da ressurreição, para habitar para sempre na casa celestial do Pai.⁷⁰

70. João 14:1-3; 17:24; 1 Coríntios 15:51-55; Filipenses 3:20-21; 1 Tessalonicenses 4:13-18; Judas 21.

Em 2 Coríntios 5:3, Paulo faz uma séria advertência contra a nudez:

“... se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus.”

Nessa oração intercalada, Paulo constata que, apesar de estar vestido, existe a possibilidade de estar nu. Isso é uma contradição aparente, pois quem está vestido não pode estar nu ao mesmo tempo. O que significa ser achado nu? Essa expressão tem um significado jurídico: apresentar-se diante de um tribunal e ser reconhecido no seu estado – culpado ou inocente. Nesse versículo, a sentença “achado nu” se refere ao estado espiritual do coração.

Uma ilustração adequada disso encontramos em Adão. Depois que ele pecou, Deus o chamou para fora do seu esconderijo. Ele tinha se escondido porque percebera que estava nu (Gênesis 3:7, 10-11). Para cobrir a sua nudez, tinha feito para si uma cinta de folhas de figueira. Mas essa veste não subsistia diante de Deus. As folhas não podiam cobrir a sua nudez. Diante de Deus, apesar da veste, ele estava nu.

O próprio Deus, então, preparou para o ser humano vestes de peles de animais (Gênesis 3:21). Esses animais tiveram de morrer. Isso fala simbolicamente da morte e do sangue derramado de Cristo, pelos quais o pecador é salvo, sendo vestido com “vestes de salvação”.⁷¹

O crente está vestido com a justiça de Cristo e envolto nela. Os incrédulos, ao contrário, estão espiritualmente nus e um dia estarão nesse estado diante de Deus, assim como Adão (Apocalipse 20:11-15). Ali estarão expostos e descobertos no seu pecado, porque não têm nenhum “manto de justiça”. Por isso estão perdidos e vão para o tormento eterno.

A breve oração intercalada é uma séria advertência a todos os que são cristãos só na aparência e apenas assumiram uma forma exterior de ser cristão. Na vinda do Senhor ficará manifesto que eles não vestiram as vestes de salvação, que são a única coisa que subsiste diante de Deus. Chegará para eles o dia diante do trono de Deus, quando tudo se tornará manifesto. Então já não haverá aparência nem encobrimento; tudo estará descoberto e exposto aos olhos de Deus (Hebreus 4:13).

O texto continua com as palavras:

71. Isaías 61:10; Lucas 15:22; Gálatas 3:27; Apocalipse 3:17-18.

“Pois, de fato, nós, que estamos neste tabernáculo, gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida” (2 Coríntios 5:4).

O “ser despido” é a destruição (v. 1) do tabernáculo terrestre pela morte. Embora a morte, pela ressurreição de Cristo, se tenha tornado nossa serva (1 Coríntios 3:22-23), para nos levar a Cristo no paraíso, Paulo não queria ser despido (morrer), mas revestido (transformado), para trocar o corpo mortal pelo corpo eterno e celestial.

Até mesmo no leito de morte, filhos de Deus ainda esperaram, na hora da sua morte, pela vinda de Cristo. Os crentes não esperam pela morte.⁷² A sua esperança consiste em aguardar dos céus a Jesus Cristo (1 Tessalonicenses 1:10), para então serem transformados. Por isso Paulo prefere vivenciar a vinda de Cristo antes da sua morte.

“Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito” (2 Coríntios 5:5).

O olhar para o futuro e a expectativa ligada a ele não são para nós uma questão incerta. Deus vem ao nosso encontro na nossa fraqueza e nos dá, a nós que podemos ser assaltados por dúvidas, uma garantia e uma fiança. Ele se compromete a cumprir a Sua promessa. Ele nos deu o Espírito Santo como penhor (ou sinal) (2 Coríntios 1:22; 1 Tessalonicenses 4:8).

Se Deus não nos transformasse, ou não nos ressuscitasse, perderia o penhor, que é o Espírito Santo! Exatamente isso essa palavra quer dizer! O Espírito estará conosco para sempre (João 14:16); também depois da morte Ele habita em nós (Romanos 8:2, 11). Essa verdade fala claramente a favor de uma vida após a morte.

Os corpos dos crentes são o templo do Espírito de Deus (1 Coríntios 6:19; 1 João 4:13) e o serão também por toda a eternidade. O Espírito Santo não abandona os corpos dos santos em que habitou (Romanos 8:11). Ele mesmo participará da obra de Deus na ressurreição e na transformação dos corpos mortais.

72. Por outro lado, os versículos seguintes mostram que, ao lado da esperança da vinda de Cristo, existe a confiança de estar com o Senhor depois de morrer. Isso é, ao lado da esperança da vinda de Cristo, um consolo igualmente grande.

2.4.5 A viagem e a pátria

“Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto habitamos no corpo, estamos ausentes do Senhor” (2 Coríntios 5:6).

A posse do penhor nos faz ter sempre bom ânimo, porque ele é a garantia de que tudo o que em nós é mortal em breve será absorvido pela vida.

Aqui é introduzida a terceira imagem: a permanência no estrangeiro e o habitar na pátria. Sabemos que, enquanto estamos no corpo, não estamos junto do Senhor, onde na verdade é o nosso lugar. Por isso a nossa permanência no estrangeiro só pode ser de duração limitada. A palavra “habitar” (alemão: *einheimisch*, “estar em casa”) significa aqui morar no corpo ou ter a nossa pátria no corpo. “Ausentes do Senhor” (alemão: *ausheimisch*, “longe de casa”), ao contrário, significa que estamos no estrangeiro, isto é, no mundo, onde somos peregrinos e forasteiros (1 Pedro 2:11).

Essa constatação é esclarecedora para o estado depois da morte. Esse contraste significa que existem apenas esses dois estados, ou lugares de permanência. Aqui não se menciona nenhuma fase intermediária entre esses dois estados. Alguns acham que essa fase não é vivida de modo consciente e, por isso, subjetivamente (isto é, na própria experiência) não existiria. Desses versículos, porém, fica claro que um estado intermediário inconsciente, seja qual for a sua forma, objetivamente não existe. Como se poderia, aliás, ansiar por esse estado?

O crente pode estar ou no corpo ou junto do Senhor; *outra possibilidade não existe*. Exatamente essa é a razão pela qual podemos ter bom ânimo.

“(visto que andamos por fé e não pelo que vemos)” (2 Coríntios 5:7)

Como se trata de coisas invisíveis e, por isso, eternas, essa verdade (v. 6) só pode ser reconhecida e entendida pela fé (Hebreus 11:1). A pátria celestial só pode ser apreendida pela fé (Hebreus 11:13-15). Por isso esse versículo nos mostra um princípio extremamente importante para a nossa vida como cristãos, nós que somos estrangeiros a caminho da pátria. A nossa esperança é uma questão de fé: “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” (Romanos 8:24).

O crente não precisa de relatos sobre experiências de quase morte e sobre aquilo que pacientes vivenciaram ao morrer. Os crentes se apoiam

exclusivamente na confiável Palavra de Deus. Eles não precisam se deixar perturbar por esses relatos.

“Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8).

Nesse versículo, a afirmação do versículo 6 é invertida. Paulo queria muito mais estar ausente do corpo, porque sabia que então estaremos imediatamente habitando, isto é, em casa, com o Senhor. Esse versículo é um versículo-chave para a compreensão do estado depois da morte.

Quando alguém morreu e já não está no corpo, está, portanto, em casa com o Senhor. Com isso, corpo e espírito-alma estão separados. De que outro modo se poderia estar ao mesmo tempo fora do corpo e em casa com o Senhor?

“Ausente do corpo” é ao mesmo tempo condição de estrangeiro, porque o espírito-alma, ou o homem interior, está separado do corpo. Esse é um estado imperfeito, que originalmente não era intencionado. Deus criou o ser humano numa unidade, como personalidade de espírito, alma e corpo. Ainda que essa unidade já não exista por causa da morte, ela será restaurada na ressurreição. Por isso “ausente do corpo” não se refere aos crentes ressuscitados, porque eles têm um corpo da ressurreição e, portanto, não estão ausentes do corpo. O estado descrito aqui se aplica somente aos crentes que adormeceram.

Quando se trata de escolher, no momento presente, entre o estrangeiro e a pátria, isto é, de chegar a Cristo pelo caminho mais rápido possível, Paulo preferia morrer para estar com Cristo (Filipenses 1:23). Se Paulo pudesse ter escolhido de que maneira seria revestido da casa eterna, então naturalmente não queria ser despido (morrer), mas revestido (transformado) (v. 4).

“É por isso que também nos esforçamos, quer em casa, quer ausentes, para lhe sermos agradáveis. Porque importa que todos nós compareçamos manifestos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (capítulo 5:9-10).

Com toda a saudade da pátria e toda a expectativa de logo estar ali, não se pode esquecer um fato importante. Na eternidade só contará aquilo que tivermos feito no corpo para agradar ao Senhor. Isso se tornará manifesto diante do tribunal de Cristo. Tudo o mais, que não tinha valor para Ele, não subsiste ali e não será recompensado (1 Coríntios 3:12-15). Nós mesmos, nesses momentos,

veremos toda a nossa vida com os olhos de Cristo e seremos levados a uma concordância completa com o Seu juízo sobre os nossos atos. A questão da redenção já não precisará ser tratada ali, pois foi resolvida há muito tempo. Aqui se trata exclusivamente da avaliação das nossas obras.

Paulo diz que devemos nos esforçar com todas as nossas forças para viver para a glória de Deus, quer estejamos em casa no corpo (v. 6), quer ausentes do Senhor (v. 8). As duas coisas se aplicam somente à nossa vida na terra. Ali devemos nos esforçar para fazer o bem, para agrado de Deus. Chega o tempo em que isso, nessa forma única e singular no corpo, como acontece agora na terra, já não será possível e também já não poderá ser recuperado.

2.4.6 Outras interpretações

Não se deve ocultar ao leitor que existem interpretações diferentes dessa passagem, com as quais também se tenta fundamentar a concepção refutada neste livro.

O edifício da parte de Deus – somente o corpo da ressurreição

Uma interpretação muito difundida afirma que o edifício designa exclusivamente o corpo da ressurreição, e não um estado depois da morte e antes da ressurreição. O tabernáculo terrestre é entendido nesse caso exclusivamente como corpo. Quando este é destruído pela morte, Deus nos dará um novo corpo, que Ele mesmo formou e que nunca mais será destruído. Além disso, esse corpo é celestial, porque com ele viveremos no céu.

Concordo em princípio com essa concepção, mas, ainda assim, vejo nas palavras “temos da parte de Deus um edifício” uma providência de Deus diretamente para o momento em que morremos. Imediatamente depois da destruição do tabernáculo, uma nova casa está pronta. Ainda não é o corpo da ressurreição, porque a ressurreição ainda não acontece nesse momento. É o estado depois da morte até a ressurreição, que é uma parte do edifício da parte de Deus. Por isso também é natural incluir aqui esse estado intermediário, porque Paulo o menciona diretamente no versículo 8, e isso no mesmo contexto: fora do corpo, o crente só pode estar junto do Senhor; outro lugar ou estado não existe. Por isso não se trata de dois tipos de corpo, mas de dois tipos de vida, de duas existências: a terrena e a celestial.

O edifício da parte de Deus – um corpo espiritual para o estado intermediário

Esse “edifício da parte de Deus” é um corpo que está à disposição para o estado intermediário? Pelo menos duas razões falam contra isso: em primeiro lugar, diz-se desse edifício que ele é eterno. O estado intermediário, porém, não é eterno; ele termina definitivamente com a ressurreição. Em segundo lugar, em nenhuma passagem da Escritura que trata desse estado encontramos descrito um corpo especial para esse tempo. Para o estado intermediário não é necessário nenhum corpo, pois o espírito-alma é, nesse tempo, visível como um ser humano no corpo na terra (Apocalipse 6:9-11). Mais do que isso a Escritura não nos diz sobre a constituição durante o estado intermediário.

O edifício da parte de Deus – o céu, a casa do Pai

Alguns intérpretes entendem o “edifício da parte de Deus” como a casa do Pai (João 14:2), a nossa pátria celestial (Filipenses 3:20). Mas o “edifício da parte de Deus” e os “céus” são claramente distinguidos. Os céus são aqui o lugar onde estaremos; nesse sentido, poder-se-ia falar deles como da casa do Pai. Mas “edifício” – e esse termo leva à ligação com a casa do Pai – descreve a forma de existência celestial individual de cada crente, tanto entre a morte e a ressurreição como no corpo da ressurreição. Com esse edifício da parte de Deus estamos no céu. Em outras palavras: com esse edifício estamos na casa do Pai.

“Achados nus” – almas sem corpo?

A nudez não descreve o estado da morte física como uma permanência inconsciente da alma até o dia da ressurreição. Os crentes, segundo o versículo 1, têm depois da sua morte um edifício da parte de Deus e, segundo o versículo 8, estão em casa com o Senhor. Embora existam diversas possibilidades de explicar essa oração intercalada, a alternativa de um estado intermediário sem corpo fica excluída. É impossível sentir o estado intermediário, no sentido de Filipenses 1:23 ou de 2 Coríntios 5:8, como uma nudez fria e horrível.

Despidos ou vestidos?

Essa questão toca num problema de tradução. Um grande número de tradutores prefere “vestidos”. Se fosse realmente “despidos”, então nada mudaria, em princípio, na interpretação apresentada acima. Então o crente seria despido na morte, isto é, estaria sem corpo, e, apesar disso, não seria achado nu. “Achados nus” não se refere ao corpo, nem ao tabernáculo, nem ao revestimento. É o resultado do exame judicial e visa unicamente o estado espiritual do ser humano: ou ele está em Cristo, e então é indiferente se está no

corpo ou fora do corpo; ou está sem Cristo, e então está nu para sempre, seja no corpo, seja na morte.

Perguntas para aprofundamento

- Qual é a diferença entre o homem “exterior” e o homem “interior”?
- Que três imagens o apóstolo Paulo usa em 2 Coríntios 4–5?
- Que séria advertência podemos tirar desta passagem?
- O que pode influenciar negativamente a nossa saudade da pátria?

2.5 Morrer é lucro

Morrer é lucro! Essa afirmação vira de cabeça para baixo tudo o que a morte significa para o ser humano: ele já não precisa temê-la. Ela é uma inimiga fria, ainda que em muitos anúncios fúnebres a morte, especialmente em caso de doença, seja apresentada como libertação. A morte é tudo menos lucro, se não houvesse alguém que venceu a morte. A Sua vitória transforma até mesmo a morte em lucro.

Essa é a sabedoria de Deus! Deus pode inverter tudo e transformá-lo em bênção. Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Romanos 5:20)! Na história de Sansão encontramos uma bela figura, quando ele matou o leão e no cadáver se instalou um enxame de abelhas que produziu mel: “Do comedoro saiu comida, e do forte saiu doçura” (Juízes 14:14). A morte é como uma fera que despedaça e devora, mas da fera morta sai mel, que reanima e refresca o ser humano. Paulo conhecia o vencedor sobre a morte:

“Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne é a minha sorte — isso para mim vale a pena, e não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne” (Filipenses 1:21-24).

Esses versículos estão entre as afirmações mais claras da Sagrada Escritura sobre o estado depois da morte.

Quando Paulo escreveu essas palavras, estava na prisão (Filipenses 1:13). Sairia ele com vida dessa masmorra mais uma vez? Podia ser que o condenassem à morte. A partir dessa situação ele escreveu alguns pensamentos sobre o que sentia diante da morte, o que esperava e o que o movia.

Cristo tinha sido até aquele momento o único objetivo e o conteúdo da sua vida. Desde o momento em que O encontrou no caminho de Damasco (Atos 9), simplesmente não havia para ele nada mais do que Cristo e a Sua causa. A partir desse encontro, Paulo já não considerava a sua própria vida como algo valioso em si mesmo, mas queria completar o serviço que tinha recebido do Senhor Jesus (Atos 20:24). Ele estava até mesmo disposto a morrer como mártir, contanto que isso servisse para que Cristo fosse honrado (v. 20).

Nisso Paulo constatou que o martírio não serve apenas para a glorificação de Cristo, mas é, além disso, um lucro pessoal para ele. Ele mostra o que o morrer lhe traria pessoalmente. A sua vida na carne já era preenchida por Cristo. Mas a sua morte significaria, além disso, ainda um ganho adicional. Esse lucro superaria ainda o lema da sua vida: “para mim, o viver é Cristo”. A morte não era para ele apenas o fim de uma vida preenchida por Cristo, mas a passagem para algo muito melhor.

Somente quando Cristo preenche a nossa vida a morte é lucro para nós. Para o ser humano sem Cristo, a morte é o fim amargo e inevitável e o término da sua própria vida autodeterminada. Numa palavra: perda. A vida está perdida, porque sem Cristo não tem consistência. Cristo na vida do crente garante o lucro da glória eterna! Sem Cristo, porém, o ser humano está eternamente perdido – uma perda que nunca termina.

Paulo reflete sobre o que preferiria, caso pudesse determinar ele mesmo o desfecho da sua prisão: ou a morte (isso é lucro) ou a liberdade (a vida na carne). Ele não fica de modo algum triste por ficar aqui, porque então pode continuar servindo ao Senhor. Quando pensava nos filipenses e no zelo deles pelo evangelho, ficava cheio de alegria e gratidão. Ele queria fazer tudo para o progresso da fé deles.

Assim Paulo era atraído pelas duas possibilidades. De um lado, via o grande lucro pessoal; do outro, o serviço para o Senhor e o bem dos crentes. Ele confessa abertamente que não consegue decidir com tanta facilidade.

O que exatamente Paulo queria dizer com o lucro? O lucro consistia para ele em partir e estar com Cristo. Nada menos do que isso a morte lhe traria. Isso era incomparavelmente melhor e de modo algum comparável com o que ele tinha vivido até então. Na sua morte, ele chegaria instantaneamente à proximidade imediata do seu Redentor. Toda a dimensão desse lucro está nas poucas palavras: “estar com Cristo”. Ele desejava muito ver o seu Redentor face

a face. Não era o descanso depois de um serviço trabalhoso que o atraía – embora também isso fosse o caso⁷³ –, mas uma pessoa que já preenchia a sua vida na terra. Aqui ele já tinha conhecido essa pessoa. Infelizmente, eram as circunstâncias da vida e, não por último, a velha natureza, a carne pecaminosa, que podiam perturbar essa comunhão e intimidade com Cristo. Mas então nem isso existiria mais; nada mais poderia perturbá-lo de viver com Cristo. A profunda comunhão com Cristo, que ele já desfrutava aqui, seria vivida ali em perfeição.

O conhecimento da Sua pessoa (Filipenses 3:8) o fazia desejar morrer, porque a morte, como serva (cf. 1 Coríntios 3:22), o levaria a Cristo. Somente o conhecimento de Cristo Jesus pode despertar também hoje nos crentes o mesmo desejo.

Mas então Paulo é tomado de novo pela preocupação com a igreja, e ele chega pessoalmente à certeza de que ficará para o proveito dela (v. 25).

2.5.1 Outras explicações

Sobre esses versículos existem, infelizmente, também concepções erradas. Nega-se que o crente, depois da sua morte, esteja imediatamente com Cristo.

2.5.1.1 Trata-se da volta de Cristo?

Alguns dizem que aqui não se trata da morte e do morrer dos seres humanos, mas da volta de Cristo. Segundo isso, os crentes só seriam levados a Cristo na volta de Cristo e na ressurreição ligada a ela, para então estar com Ele. Mas isso é apenas meia verdade. É verdade que, na vinda do Senhor, alcançaremos o estado perfeito na ressurreição. Mas aqui não se trata nem da volta do Senhor nem da obtenção do estado final perfeito. Paulo fala do morrer!

Se aqui realmente se tratasse da vinda do Senhor, então seria muito questionável se o Senhor viria somente para Paulo. A consequência disso seria que os filipenses ficariam para trás. Paulo iria, e eles ficariam aqui. Essa é a conclusão, se aqui se tratasse da vinda do Senhor. Quase não precisamos enfatizar que, na vinda do Senhor, nenhum crente ficará para trás.

73. Apocalipse 14:13

2.5.1.2 Partir

Outra razão pela qual aqui não se trata da volta de Cristo e da ressurreição é a palavra “partir”. O substantivo correspondente a “partir” ocorre em Paulo apenas mais uma vez, a saber, em 2 Timóteo 4:6. Ali ele o usa sem dúvida para o seu martírio.

Na linguagem coloquial da época, a palavra “partir”⁷⁴ era usada para descrever o soltar das amarras e o levantar da âncora de um navio ancorado no porto, que está prestes a se fazer ao mar. Além disso, era usada também para descrever o desmontar de um acampamento de tendas (cf. 2 Coríntios 5:1, 4; 2 Pedro 1:14) na partida. O termo incluía também a separação de coisas que estão juntas. Em relação à morte, é a separação do espírito-alma do corpo. Também esse último uso da palavra “partir” apoia o pensamento de que aqui se trata da morte.

2.5.1.3 Sono da alma?

Alguns afirmam também que a morte é o início do sono da alma. Suponhamos que Paulo, depois da sua morte, realmente caísse num sono da alma, em que estaria numa terra de ninguém, sem nenhuma consciência. Como deveríamos então entender as palavras de que ele tinha desejo de partir? Queria Paulo escapar da sua situação, fugir da sua tarefa? Ele tinha, afinal, o desejo de ficar para proveito dos filipenses e de todos os crentes, em vez de partir para um nada provisório. Ainda que, segundo essa concepção, o tempo depois da morte já não existisse para ele (subjetivamente) e, por isso, também não passasse para ele nenhum tempo da morte até a ressurreição, ao menos para os filipenses passaria o tempo em que eles precisavam da ajuda e do serviço de Paulo. Se Paulo tivesse ensinado o sono da alma, então provavelmente teria dito que queria ficar para não perder uma única hora num sono da alma inútil. Ele exortava os crentes a remir o tempo, e não a dormir (cf. Efésios 5:16; Colossenses 4:5)!

74. “Partir” significa aqui literalmente “*des-atar*”, “dissolver”. Assim, na morte, o tabernáculo e a veste do corpo são, por assim dizer, desfeitos (2 Coríntios 5:1, 4).

2.5.1.4 Um direito só de Paulo?

Alguns objetam que nem todo crente poderia reivindicar para si o mesmo que o apóstolo Paulo. Certamente existem coisas que cabiam somente a Paulo e que foram dadas somente a ele como apóstolo. O estado depois da morte, porém, é igual para todos os crentes, porque se trata de um resultado da obra consumada de Cristo. Ele conquistou a vitória sobre a morte para todos. Essas bênçãos não dependem de uma determinada posição ou de um determinado cargo no povo de Deus, nem de experiências especiais, mas são dadas a todos os crentes da mesma maneira e em medida perfeita.

2.5.2 Encontrar-se com Ele!

Vamos concluir este capítulo com uma visão que queremos aprender de Paulo. Se é certo que todos os crentes, ao morrer, vão para Cristo, que efeito isso tem sobre nós? Estamos prontos a cada momento para sermos chamados pelo Senhor Jesus Cristo? É importante que o crente reflita sobre isso, para verificar se está apegado a esta vida com todas as suas coisas ou se está disposto a abrir mão de tudo a qualquer momento, tendo Cristo em vista. Justamente ocupar-se com a morte traz à luz muitas coisas na nossa vida. Confiaríamos no Senhor que Ele cuidaria da nossa família? Estaríamos dispostos a soltar? Nunca excluamos, mesmo sendo filhos de Deus, que podemos ser chamados a qualquer momento, em qualquer idade, pela morte para o Seu reino celestial!

Conhecemos o nosso Salvador já agora de tal modo que, do outro lado, não encontraremos um estranho, mas um conhecido? Não que já O tenhamos visto em pessoa. Não, mas O amamos, embora não O tenhamos visto (1 Pedro 1:8). A comunhão que já agora podemos ter com Ele cria uma relação de intimidade com Ele, que continuaremos ali. O conhecimento que alcançamos aqui e aquilo que vimos aqui com os olhos da fé, levamos conosco para lá.

Ficaremos tomados de admiração por Ele, porque então já não O veremos com os olhos da fé, mas em pessoa, em toda a Sua beleza.⁷⁵ Estar com Cristo significa vê-Lo como Ele é⁷⁶.

Perguntas para aprofundamento

- Explique por que o morrer era lucro para Paulo!

75. No sentido figurado de Salmos 45:2; 1 Reis 10:7; Isaías 33:17.

76. 1 João 3:2.

- Você pode concordar pessoalmente com isso?
- Qual é a condição para isso?
- Como o nosso conhecimento de Jesus Cristo nesta vida influi no nosso conhecimento na eternidade?
- Por que é errado falar de um sono da alma?

2.6 Os que dormem

A expressão “os que dormem” é outra designação para pessoas que morreram. A rigor, o Novo Testamento reserva essa descrição somente para pessoas que estão ligadas a Cristo.⁷⁷

O “adormecer” em si é uma forma eufemística de falar da morte. Por isso se aplica justamente aos crentes, já que para eles a morte, pelo triunfo de Cristo sobre a morte, é um inimigo vencido (Hebreus 2:14). Essa descrição é tão bela também porque o sono sempre dura apenas um tempo determinado. O momento do despertar, isto é, do levantar-se (ressuscitar), virá, e raiará um dia eterno, que já não terá tarde.

O fato de a morte ser chamada de sono⁷⁸ se deve também à semelhança exteriormente visível entre alguém que dorme e um falecido. O sono, porém, não é apenas uma imagem da morte, destinada a atenuar a realidade da morte, mas descreve o estado real dos mortos. Assim, esse sono já indica que a morte não é o fim de um ser humano, mas apenas um estado temporalmente limitado. O sono, como o conhecemos, é afinal sempre de duração determinada. Assim acontece também com aqueles que adormeceram. Chega o momento em que eles despertarão do sono, isto é, ressuscitarão.

A palavra usada para “adormecer” deriva do significado básico “deitar-se”, “recolher-se para descansar”, “cair no sono”. A contrapartida é a ressurreição, que designa o “levantar-se” do sono (1 Coríntios 15:20, 51-52). Assim, esse sono se assemelha à espera pela ressurreição, que encerra o estado intermediário e introduz o estado definitivo.

O “adormecer”, porém, não significa propriamente que com a chegada da morte começa o sono da morte, embora isso pudesse estar contido na palavra.

77. A palavra “os que dormem” ocorre no Novo Testamento nas seguintes passagens: 1 Coríntios 15:20; 1 Tessalonicenses 4:13, 14, 15; a palavra “adormecer”, nas seguintes passagens: Mateus 27:52; 1 Coríntios 7:39; 11:30; 15:6, 18, 51; 2 Pedro 3:4. No Antigo Testamento, o termo não se limita aos crentes: Jeremias 51:39, 57; Daniel 12:2.

78. Jeremias 51:39; Daniel 12:2; Mateus 9:24; Marcos 5:39; Lucas 8:52; João 11:11-14.

Antes, essa expressão descreve o processo de morrer e de partir. Quando essa palavra é usada no Novo Testamento, não significa que os mortos agora dormem, mas que morrem e, com isso, passam para outro estado. Os que dormem são, portanto, crentes que morreram e desde então se encontram em outro estado de vida.

2.6.1 Os que dormem estão no sono da alma?

A pergunta com respeito ao estado na morte é a que se referem o sono e a ressurreição. Esse sono abrange apenas o corpo, ou se refere também ao homem interior, isto é, ao seu espírito-alma? Aquilo que se chama de sono da alma é uma in- ou não consciência do ser humano inteiro, tanto dos crentes como dos incrédulos. Alguns afirmam que esse sono se assemelha a uma extinção completa da pessoa na noite da morte. Mas com isso o sono dos crentes falecidos e o estado dos mortos de modo algum estão explicados, como mostram as passagens seguintes.

Antes, observe-se ainda que uma pessoa que dorme e cujo corpo está em repouso pode, ao mesmo tempo, vivenciar algo, por exemplo, num sonho. Embora o corpo não esteja ativo, o subconsciente pode, ainda assim, estar ativo. Com isso se quer apenas indicar que a imagem do sono não significa que quem dorme não tem consciência, porque ele pode muito bem experimentar a si mesmo e o seu ambiente como personalidade num sonho. Assim como o sono é apenas um estado de vida diferente do estar acordado, assim também a morte é um estado de vida diferente da existência terrena da mesma pessoa. A morte não é a extinção da existência da pessoa que morre, assim como o sono do corpo não significa ausência de vida em quem dorme.

2.6.2 A que se refere o sono?

Interessante nesse contexto é um acontecimento na crucificação de Jesus: "... e a terra tremeu, e as rochas se partiram, e os sepulcros se abriram, e muitos corpos de santos que dormiam ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos" (Mateus 27:51b-53).

Nesse versículo são mencionados ao mesmo tempo os três termos que examinamos: *ressurreição, os que dormem e corpos*. Os três termos estão juntos e deixam claro que é o corpo que dorme e é ressuscitado. Diz-se que os corpos

dos santos que dormiam foram ressuscitados e, como resultado, naturalmente o ser humano inteiro, portanto também o espírito-alma, pois depois da ressurreição de Jesus eles foram para Jerusalém.

Só existe uma ressurreição do *corpo* (1 Coríntios 15:35-44). Quando em outras passagens se diz que os mortos ressuscitam, e com isso naturalmente se tem em vista a pessoa inteira, isso mostra que o ser humano inteiro é trazido de novo na ressurreição pela união do corpo da ressurreição com o espírito-alma.⁷⁹

O adormecer desses santos foi a morte, que atinge somente o corpo mortal, mas não o seu espírito-alma. Assim também foi somente o seu corpo que foi ressuscitado. Também aqui não há outra conclusão senão a de que o adormecer e o ressuscitar se referem somente ao corpo.

Nesse texto há, portanto, uma indicação clara de que o estado de sono na morte tem relação com o corpo dos santos. Em nenhuma passagem do Novo Testamento o sono da morte é usado para a alma ou o espírito. Isso também contradiria a natureza do espírito-alma, porque ele não está preso ao corpo. O sono é justamente apenas um estado do corpo.

2.6.3 O exemplo da morte de Estêvão

Isso também fica claro pelo exemplo da morte de Estêvão (Atos 7). Ele foi morto pelos seus compatriotas – como algum tempo antes o seu Senhor. Nos últimos minutos da sua vida, ele olhou para dentro do céu aberto. Ali viu Cristo em pé à direita de Deus, que intercedia como fiel Sumo Sacerdote por ele, que estava em grande aflição. Quando então as pedras dos seus assassinos caíam sobre ele, ele orou: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito!” (Atos 7:59; cf. Lucas 23:46). Embora essa morte não possa ser comparada com um adormecer pacífico, diz-se, ainda assim, que ele adormeceu. O seu espírito foi recebido pelo Senhor Jesus junto de Si no céu. Quem quer afirmar, diante dessa descrição, que Estêvão afundou num sono da alma inconsciente? Por que, então, imediatamente antes da sua morte, lhe foi aberta a visão do céu, do vencedor sobre a morte, se depois ele caiu num sono da alma inconsciente? Para que, então, o pedido de que o Senhor Jesus recebesse o seu espírito?

Estêvão foi (isto é, o seu espírito-alma), como o seu Senhor quando morreu, para o paraíso. Os santos e amados do Senhor Jesus adormecem nele, “em

79. O Novo Testamento distingue claramente entre a ressurreição do corpo e a ressurreição espiritual, na qual os espiritualmente mortos são vivificados com Cristo, por exemplo, Efésios 2:5.

Cristo” (1 Coríntios 15:18). Assim eles são, como Estêvão, recebidos e acolhidos por Ele mesmo, para que estejam com Ele para sempre, primeiro como os que dormem e depois, um dia, como ressuscitados.

2.6.4 Os que dormem no arrebatamento

O arrebatamento para o céu é a esperança dos crentes. O próprio Senhor Jesus vem para introduzir o Seu povo no céu. Os tessalonicenses tinham mantido essa esperança com perseverança (1 Tessalonicenses 1:3). Mas com razão devem ter perguntado o que aconteceria com os seus irmãos na fé que tinham adormecido, quando eles, os vivos, fossem arrebatados. Paulo os encoraja e diz que não deviam se entristecer como os demais, que não têm esperança, pois:

“Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem” (1 Tessalonicenses 4:14).

Ninguém menos que o próprio Deus vivo, a quem eles tinham se convertido, tomou conta dos que dormem. Ele os confiará ao Seu Filho, quando Ele vier do céu para o arrebatamento. Eles tinham adormecido nEle, em Jesus, o Filho de Deus, e assim viriam de novo com Ele. Então acontecerá o que diz o versículo 16:

“Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.”

Em outras palavras: Jesus traz consigo do céu os que dormem, e então os que dormem, os mortos em Cristo, ressuscitarão.⁸⁰ Aqui vemos como o espírito-alma dos que dormem

estava com Jesus Cristo no céu e depois é trazido por Ele, para ser unido ao corpo na ressurreição.⁸¹ Assim também essa palavra confirma que a ressurreição é a união do espírito-alma com o corpo.

80. Outra interpretação explica esse versículo dizendo que Cristo, na Sua vinda em poder e glória, “trará consigo” do céu os que dormem, depois que eles, na sua ressurreição, foram arrebatados para lá.

81. Assim também se pode entender a origem do ser humano. A geração faz surgir o corpo, o homem exterior, mas Deus envia, ou forma, o espírito no seu interior (Zacarias 12:1; Salmos 33:15; 104:30).

2.6.5 Os que dormem antes do arrebatamento

Depois que os tessalonicenses se tranquilizaram quanto ao fato de que os seus irmãos que adormeceram estariam presentes, como eles, os vivos, no grandioso acontecimento do arrebatamento, Paulo lhes fez saber agora também onde os que dormem estão até o arrebatamento:

“Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele” (1 Tessalonicenses 5:9-10).

Uma palavra grandiosa, que descreve em forma breve toda a riqueza dos cristãos! Fomos escolhidos antes de todos os tempos para a salvação, e pela obra de Cristo isso também será de fato a nossa parte. A salvação nos levou a viver agora para sempre junto com Cristo.

“Vigiar” significa nesse versículo: viver na terra; e, por conseguinte, “dormir” significa: como crente,⁸² ter morrido, ou adormecido.⁸³ Paulo diz que, nos dois estados, viveremos junto com Cristo. Isso significa que o corpo dorme, enquanto o espírito-alma está com Cristo. Paulo, portanto, não deixa mais nenhuma pergunta em aberto quanto aos que dormem.

Em Cristo não temos apenas vida, mas também vivemos “em união com ele”. A primeira coisa é naturalmente a condição para a segunda. Aqui significa uma convivência consciente. Essa ligação e comunhão os vivos já experimentam hoje pela fé, os que dormem igualmente, e em breve esses dois grupos a vivenciarão como ressuscitados.

Esse versículo descreve o aspecto futuro e eterno de que os vivos e os que dormem estarão da mesma maneira para sempre com o Senhor, isto é, viverão junto com Ele, para então, pouco tempo depois, também aparecerem publicamente junto com Ele (2 Tessalonicenses 1:10; Colossenses 3:4).

2.6.6 Conclusão

O adormecer e o dormir dos crentes, portanto, nunca significam o sono da alma. Descrevem única e exclusivamente o processo de morrer e o estado do

82. Os que dormem aqui não são as pessoas do capítulo 5:4-7, porque estas jamais viverão com Cristo. Elas não conhecem a Cristo, porque são filhos da noite e estão nas trevas. Ele virá para elas como um ladrão, e por isso a Sua vinda significará juízo para elas.

83. Talvez esta seja a única vez em que “dormir” designa o estado dos crentes que morreram.

corpo humano e mortal até o momento da ressurreição.

Perguntas para aprofundamento

- Por que o termo “adormecer” se refere somente ao corpo?
- Qual era a preocupação dos tessalonicenses quanto aos seus falecidos, e como Paulo os encoraja?

2.7 Cristo – Senhor de vivos e de mortos

O fato de que Cristo é Senhor sobre vivos e mortos é uma palavra-chave em Romanos 14. Ali se trata de crentes que têm concepções e práticas diferentes nas coisas para as quais não existe um mandamento expreso do Senhor, isto é, onde cada filho de Deus é pessoalmente responsável diante do seu Senhor. Tudo o que um crente faz está orientado para o seu Senhor, a quem ele pertence. “Porque nenhum de nós vive para si mesmo”, diz Paulo, e acrescenta, sublinhando: “nem morre para si” (v. 7). Até mesmo na morte, cujo momento não somos nós que determinamos, ele tem o seu alvo em Cristo. Mais uma vez Paulo repete essa verdade:

“Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor” (v. 8).

A nossa vida, vivemo-la para Ele, e na nossa morte morremos para Ele. Isso se baseia no fato de que pertencemos ao Senhor. Pertencemos a Ele na nossa vida de todos os dias e na morte. Na morte não nos perdemos para Ele, pois também nela somos propriedade Sua. Que maravilhoso! Fomos incluídos no conselho de Deus, que tudo abrange e que tem o Seu Filho como centro:

“Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos!” (Romanos 14:9).

Foi o conselho de Deus antes de todos os tempos sujeitar tudo ao Seu Filho (Efésios 1:9-10, 21-22). Como Criador de todas as coisas, ao Filho, que é Deus, tudo sempre esteve necessariamente sujeito (Colossenses 1:16; Hebreus 1:2-3). E, no entanto, também como Homem tudo Lhe deveria ser sujeitado.⁸⁴ Porque o Senhor Jesus consumou a obra da redenção e provou a morte por tudo (Hebreus 2:9) e nisso glorificou a Deus perfeitamente, Ele foi exaltado como Homem acima de tudo. Ele está assentado agora no trono de Deus, à direita do

84. Cf., por exemplo, Salmos 8; Hebreus 2:5-9; 1 Coríntios 15:25-28.

Pai.⁸⁵ Ali Ele espera o tempo em que todos os inimigos estarão debaixo dos Seus pés, pois ainda não assumiu publicamente o Seu domínio no mundo (Hebreus 1:3; 10:12-13). Ainda é o Rejeitado. Deus concede agora ainda tempo de graça e, com isso, a possibilidade de, neste tempo, submeter-se ao Filho de Deus, reconhecer a Sua autoridade e servi-Lo.

Os filhos de Deus já reconhecem agora o domínio de Jesus. Eles O servem e O seguem (2 Coríntios 5:15; Atos 17:7). Mas também para todos os outros seres humanos chegará o tempo em que terão de reconhecer o domínio de Jesus. Então serão obrigados a isso, porque o tempo de fazê-lo voluntariamente terá passado. Então já não se perguntará se alguém está disposto ou não, pois Deus quer que o Seu Filho seja honrado por todos (Filipenses 2:9-11; João 5:23).

A reivindicação e a autoridade de Cristo para reinar vão além do âmbito visível para os seres humanos e da vida terrena. Também os mortos não podem se subtrair ao Seu domínio. O Hades (o reino dos mortos) também Lhe está sujeito. Assim o Cristo glorificado vem ao encontro do apóstolo João:

“Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do Hades”
(Apocalipse 1:17-18).

Aqui o Senhor Jesus se apresenta como aquele a quem a morte e o Hades estão sujeitos. Pois quem tem as chaves tem o poder (Isaías 22:22; Mateus 16:19). O que significa o domínio de Cristo sobre vivos e mortos, de que maneira eles Lhe estão sujeitos, e desde quando Ele reina sobre eles?

A expressão “ser Senhor” (reinar) é a mesma de Lucas 22:25, onde se diz que os reis dos povos “dominam” e exercem autoridade sobre eles. Domínio pressupõe súditos, que estão sujeitos ao poder de quem domina e têm de se curvar diante dessa autoridade. Em Romanos 14:9, esses súditos são os vivos e os mortos.

Quando o Senhor Jesus assumiu o Seu domínio? Já foi indicado que o domínio que tudo abrange só começará no futuro, pois ainda não vemos todas as coisas sujeitas a Ele (Hebreus 2:8). O domínio de Cristo, entre os vivos, se limita aos crentes, pois os incrédulos não se submetem ao Filho de Deus. Pelo contexto de Romanos 14 fica claro que todo crente (normalmente) submete a

85. Hebreus 8:1; 12:2; Apocalipse 3:21.

sua vida ao Senhor e é responsável somente diante dEle (v. 7-8, 12). Os crentes pertencem ao seu Senhor durante toda a sua vida e também na morte. Portanto, o domínio de Cristo, no que diz respeito aos crentes, já começou desde que existem crentes que se submetem a Cristo. Na forma provisória e oculta do reino de Deus, o Rei, agora ainda rejeitado, exerce o Seu governo “no exílio” sobre os crentes (v. 17; Colossenses 1:13).

No versículo 9, porém, antes dos vivos são mencionados os mortos, aos quais se aplica o mesmo. Ele reina também sobre eles, estando eles em Seu poder. Todo ser humano que morre é confrontado, imediatamente depois da sua morte, com o fato de que Cristo é Senhor. Diz-se que também os que estão “debaixo da terra”, isto é, os mortos que estão no Hades, terão de dobrar os joelhos para confessar que Cristo é Senhor (Filipenses 2:10-11). Para o incrédulo isso significa juízo, pois a questão do pecado não foi resolvida. Eles vão para a eternidade sem estar reconciliados com Deus (Hebreus 9:27). Estão irrevogavelmente perdidos. Depois da morte, o falecido já não pode viver a sua própria vida; ele tem então de se curvar definitivamente diante da autoridade de Cristo.

O domínio sobre os mortos, sejam crentes ou incrédulos, naturalmente só parece compreensível se ele também for sentido. Isso, por sua vez, pressupõe necessariamente a plena consciência dos falecidos e dos que dormem. Se eles não tivessem consciência ou estivessem no sono inconsciente da alma, também não haveria domínio de Cristo sobre os mortos.

Somente nesta vida se pode resistir ao domínio de Cristo. Depois da morte já não há resistência. Todo ser humano que morre é esperado por Aquele que vive e é verdadeiro. Mas há uma diferença decisiva. Esse Senhor, que para os perdidos é o Juiz, vem ao encontro dos crentes como aquele que os ama e morreu por eles. Por isso os crentes, como Paulo, podem aguardar com bom ânimo o momento em que, pela morte, vão para o seu amado Senhor, para estar com Ele no paraíso (Filipenses 1:23).

A sua esperança não é a morte, mas a volta de Cristo (1 Tessalonicenses 1:10; 4:13-18); mas a morte já os leva antes para o seu Senhor. O domínio de Cristo significa, para os que dormem, alegria, paz e bem-aventurança indizível. O Senhor Jesus Cristo não segura na Sua mão apenas os crentes vivos, mas também os que dormem até a ressurreição, para não perdê-los, pois essa é a

vontade do Seu Pai (João 6:39; 10:29). Nem mesmo a morte pode separar o crente do amor de Deus e do amor de Cristo (Romanos 8:38-39)!

A Escritura não diz muito sobre em que consiste o domínio de Cristo sobre os incrédulos falecidos.⁸⁶ Pedro dá uma indicação quando chama de “prisão” o lugar onde estão os incrédulos falecidos (1 Pedro 3:19-20). Uma prisão pressupõe pessoas e autoridades que têm poder para pôr pessoas sob custódia. Essa prisão, o Hades, foi colocada sob a autoridade de Cristo como Homem glorificado (Apocalipse 1:18). Os incrédulos falecidos são retidos ali por Ele e reservados para o dia do juízo (2 Pedro 2:9) diante do grande trono branco (Apocalipse 20:11-15).

Uns são guardados na presença do seu Senhor até a ressurreição (como Lázaro no seio de Abraão); os outros são mantidos presos até o anúncio da sentença diante do grande trono branco (como o homem rico no Hades).

O domínio do Senhor não se limita ao exercício e à manifestação únicos do Seu poder na ressurreição, quando Ele chamar os mortos dos seus sepulcros (João 5:28-29). Ele significa uma sujeição fundamental e permanente, que teve o seu início quando Cristo subiu ao trono de Deus.

Em resumo, podemos concluir que o domínio de Cristo sobre os mortos pressupõe uma continuação consciente da vida da personalidade de espírito-alma depois da morte.

Perguntas para aprofundamento

- Como se pode explicar, ou distinguir, o domínio de Cristo:
- nos crentes, por um lado, e nos incrédulos, por outro?
- antes e depois da morte?
- Como é uma vida consciente sob o domínio de Cristo?

86. Pode-se perguntar com razão como era no Sheol (reino dos mortos) antes que Cristo assumisse o domínio. O que era diferente? Não havia antes Hades nem paraíso? Da história de Lázaro e do homem rico (Lucas 16) resulta que, antes da morte e da ressurreição de Cristo, já existiam o Hades e o paraíso. Só depois da morte de Cristo se diz que os crentes estão com Ele. O paraíso é chamado de “seio de Abraão” e não é marcado pela presença do Homem glorificado, Cristo (nem pode sê-lo). Ainda assim, é um lugar e um estado de bênção. Se houve uma mudança para esses crentes antes e depois da morte de Cristo, não sabemos. Os crentes falecidos de todos os tempos, porém, experimentam a presença de Cristo desde a Sua morte e ressurreição, já que Ele esteve no paraíso quando morreu. Desde esse momento, “estar no paraíso” significa estar com Cristo (Filipenses 1:23). Mais do que isso não podemos dizer sobre essa questão, porque a Escritura não diz mais a respeito. Os incrédulos não verão Jesus Cristo (até o juízo no trono branco). Eles não estão com Ele. Mas a todos os mortos que morreram nos seus pecados será – assim creio – deixado perceptivelmente claro que Cristo também agora reina sobre os mortos.

2.8 As almas debaixo do altar

O livro do Apocalipse nos revela a consumação dos caminhos de Deus com a criação e nos dá também esclarecimento sobre o estado do ser humano depois da morte. Nisso este livro concorda exatamente com o que já foi elaborado a partir de outras partes do Novo Testamento.

“Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido imolados por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que tinham. E clamavam em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue sobre os que habitam na terra? Então foi dada a cada um deles uma veste branca; e foi-lhes dito que repousassem ainda por pouco tempo, até que se completasse também o número dos seus conservos e dos seus irmãos, que iriam ser mortos como eles” (Apocalipse 6:9-11).

Na análise deste texto, vamos nos limitar às seguintes perguntas:

- Quem são as almas debaixo do altar?
- Onde se encontram as almas?
- Em que tempo se dá esse acontecimento?

2.8.1 As almas dos mártires

João vê aqui as almas daqueles que tinham sido imolados por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que tinham. Por que ele fala aqui das almas dos mártires, e não simplesmente de mártires? Em que consiste a diferença?

A alma é aquela parte do mártir que continua a viver depois da morte.⁸⁷ Os assassinos só têm poder para matar o corpo, mas não a alma. O Senhor Jesus dá esse fato como consolo àqueles que são mortos por causa do Seu nome:

“Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28).

É de pessoas assim que se trata aqui. Elas mesmas foram mortas por causa da Palavra de Deus, mas não as suas almas. O Senhor Jesus distingue aqui expressamente alma e corpo. A alma é imortal e não pode ser morta, ao contrário do corpo, que pode ser morto. Por isso o termo “almas” implica aqui que a vida no corpo terreno terminou com a morte, mas continua sem

87. Cf. seção 3.2.

interrupção – fora do corpo – num outro mundo. João vê as almas, mas não os corpos terrenos de carne e sangue, pois estes ficaram na terra.⁸⁸

Em Apocalipse 6:9 e 20:4, as almas representam claramente as pessoas dos mártires. Isso fica evidente pelo fato de que elas falam e de que se fala com elas. Acontece uma conversa real, que não é simbólica. Uma conversa pressupõe plena consciência e faculdades mentais ativas, que evidentemente estão presentes nessas almas. Com isso, a personalidade dos mártires permaneceu inteiramente preservada depois da sua morte, com todas as características essenciais de uma personalidade humana.

João viu as almas. O que João viu, então, se as almas já não têm corpo? É evidente que João viu figuras humanas, que ele identificou como mártires. Só figuras humanas podem receber uma veste (branca) que possam vestir e usar.⁸⁹

As almas têm, portanto, um “corpo” que é diferente do corpo terreno e também do corpo na ressurreição (pois esta ainda não aconteceu). Com isso não queremos dizer um corpo espiritual especial, criado de propósito para o tempo do estado intermediário, mas a preservação da individualidade, à qual pertence também a possibilidade de reconhecer a pessoa depois da morte e antes da ressurreição. A alma é o ser humano, e ela o é, nesse estado intermediário, de tal modo que se apresenta no além num corpo visível. A “aparência” da alma no além está ligada à corporalidade terrena, pois do contrário não haveria possibilidade de reconhecimento no céu. Para nós, no mundo daqui, isso não é imaginável. Simplesmente registramos que aqui os falecidos têm plena consciência e são até percebidos como pessoas.

A possibilidade de reconhecimento fica clara também no aparecimento de Moisés e Elias no monte da transfiguração (Mateus 17:1-8). Ali esses dois homens aparecem pessoalmente em forma humana (de outro modo, Pedro dificilmente teria tido a ideia de fazer tendas para eles). É preciso levar em conta que Moisés e Elias não tinham corpo da ressurreição, porque a ressurreição ainda não aconteceu. A sua aparência corresponde ao estado depois da morte

88. O significado do termo “alma” varia no Apocalipse. Sete vezes é usada a palavra grega *psyche*: 6:9 (pessoas dos mártires); 8:9; 12:11 (a vida, isto é, a existência terrena); 16:3 (todos os seres vivos no mar); 18:13, 14 (alma humana, alma); 20:4 (significado como em 6:9). Um princípio importante para a interpretação da Escritura consiste em que o contexto de um texto é decisivo para o significado de um termo. Como primeiro passo, é naturalmente interessante investigar como os próprios escritores usavam os termos, antes de examinar o uso em outros escritores.

89. O Apocalipse está cheio de simbolismo, mas nem tudo precisa ser interpretado simbolicamente. Trata-se aqui de pessoas reais, que foram mortas e se encontram num lugar real.

até a ressurreição.⁹⁰

Neste ponto mencionamos mais uma vez que o termo “alma” dificilmente pode ser traduzido aqui por “vida” do corpo. O que João teria visto, então, debaixo do altar? Quando o termo alma é usado nesse contexto, trata-se, portanto, da possibilidade de reconhecer a pessoa. Por isso, em Apocalipse 6:9 e 20:4 é usada justamente a palavra “alma”, porque se trata de reconhecer esses que partiram – um reconhecimento que depende também da corporalidade. Depois da morte, a personalidade do ser humano e a sua forma, isto é, a aparência própria da pessoa e que a caracteriza, permanecem preservadas.

Resumimos: as almas são aqui pessoas que morreram e que se encontram fora do corpo, em plena consciência (portanto, não no sono da alma), no céu.

Que o céu é o lugar onde estão as almas será mostrado na próxima seção.

2.8.2 Debaixo do altar

As almas são vistas “debaixo do altar”. Essa expressão está estreitamente ligada ao fato de que elas sacrificaram a sua vida por causa da Palavra de Deus. A circunstância de elas se encontrarem “debaixo” do altar lembra uma situação semelhante no Antigo Testamento. Ali, o sangue de alguns animais sacrificados era derramado à base do altar de bronze do holocausto (Êxodo 29:12; Levítico 4:7-34). A alma está no sangue (Levítico 17:10-14). A morte do ser humano pode, portanto, ser designada também como o derramar da alma (Salmos 141:8; Isaías 53:12). No Novo Testamento, o sacrifício é uma imagem conhecida da entrega da vida a Deus (Filipenses 2:17; 2 Timóteo 4:6; Romanos 12:1).

O altar aparece oito vezes no Apocalipse: capítulo 6:9; 8:3, 3, 5; 9:13; 11:1; 14:18; 16:7. No Apocalipse não se distinguem dois altares, como no Antigo Testamento (o altar de bronze do holocausto e o altar do incenso), embora em algumas passagens se possa pensar no altar de bronze do holocausto (6:9; 16:7) e, em outras, no altar de ouro do incenso (8:3; 9:13).

A localização do altar é determinada com muita precisão.

- Ele se encontra no templo que está no céu: “Então saiu do templo que se encontra no céu outro anjo ... Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo” (14:17-18).

90. Estou consciente de que esse aparecimento representa uma exceção e de que, por isso, não se pode deduzir dele o que vale para todos. Constato apenas que essa exceção pode ser explicada de modo coerente com base em todas as demais afirmações da Bíblia.

- Ele está diante do trono de Deus: “Vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus ... Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono” (8:2-3).
- Ele está na proximidade imediata de Deus: “e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus” (9:13).

Com isso fica claro onde se encontram as almas dos mártires. Elas estão na proximidade imediata de Deus. Esse lugar corresponde ao paraíso, para onde o Senhor Jesus foi quando entregou o Seu espírito nas mãos do Pai, depois de ter morrido na cruz (Lucas 23:43, 46). O Senhor foi para a proximidade imediata de Deus, para o Seu Pai. Paulo foi arrebatado ao mesmo “paraíso celestial”, onde ouviu palavras inefáveis (2 Coríntios 12:2-4).

O que fazem as almas debaixo do altar? Foi-lhes dito que repousassem por pouco tempo. Esse não é o repouso do sono da alma nem uma existência inconsciente, mas um estado consciente, no qual o repouso é desfrutado como uma bem-aventurança agradável. Está escrito expressamente:

“Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Apocalipse 14:13).

Para esses, o tempo da fadiga e do trabalho passou. Eles desfrutaram de poder descansar na presença de Deus. A ligação das almas com o altar permite também a conclusão de que esse é um lugar de adoração (Apocalipse 8:3). Os santos, contemplando a glória de Deus na face de Cristo, vão adorar maravilhados.

Repetimos: as almas se encontram diante do trono de Deus, na Sua proximidade imediata, e descansam das suas obras. Elas contemplam a glória de Deus e lhe prestam homenagem.

Aqui constatamos uma concordância notável entre o lugar onde estão os santos que adormeceram e as demais afirmações do Novo Testamento, o que, dada a unidade da Escritura, também não se poderia esperar de outra forma. Todos os santos que adormeceram, sem exceção, nós os encontramos no lugar que o Senhor Jesus chama de paraíso. Eles estão com Cristo e ali estão em casa, isto é, habitam com o Senhor.

2.8.3 Em que tempo se dá esse acontecimento?

Voltamos mais uma vez ao fato de que as almas são pessoas falecidas, que ainda se encontram no estado da morte. Diz-se que elas tinham sido imoladas (v. 9), que o seu sangue foi derramado (v. 10) e que tinham sido mortas (v. 11). Elas se encontram debaixo do altar. Elas não são chamadas de “irmãos” – como os conservos que ainda vivem (v. 11b) –, mas de “almas”, porque ainda não ressuscitaram. A ressurreição desses mártires ainda não aconteceu no momento da abertura do quinto selo (Apocalipse 6:9).

Por que cremos que a ressurreição ainda não aconteceu? Elas clamam por vingança pela injustiça cometida contra elas. Esse desejo não é atendido imediatamente. É-lhes dito que esperem por pouco tempo, até que os seus irmãos, que ainda estão na terra, também tenham completado a sua vida pelo martírio. A vingança pelo sangue dos Seus servos (19:2) será executada pelo próprio Senhor Jesus Cristo na Sua manifestação poderosa. Só na manifestação de Cristo acontecerá a ressurreição (20:4). Ela, portanto, não aconteceu até então, pois os irmãos ainda estão na terra e são perseguidos.

Assim, a partir dos poucos indícios mencionados sob o quinto selo, podemos concluir que a ressurreição dos irmãos e a vinda de Cristo ainda não aconteceram. A cena de 6:9-11 descreve o estado da alma depois da morte.

2.8.4 O clamor por vingança

Agora voltamos mais uma vez ao clamor por vingança das almas. Por parte daqueles que negam uma vida consciente depois da morte, essas palavras não são entendidas como faladas pessoalmente, mas explicadas de modo puramente simbólico (cf. Gênesis 4:10; Tiago 5:4; Lucas 19:40). Além disso, argumentam que os cristãos nunca clamam por vingança, porque desejam seguir o exemplo de Cristo, que ainda na cruz orou pelos Seus assassinos. Por isso, o sangue só poderia exigir vingança simbolicamente, assim como o sangue de Abel.

É de fato notável que as almas exijam vingança e que, com isso, realmente não correspondam à atitude cristã. Contudo, elas só negariam a atitude cristã se fossem cristãs. A solução dessa questão depende de como se interpreta o Apocalipse do ponto de vista histórico. Isso diz respeito sobretudo à pergunta se nós, cristãos, historicamente falando, estamos no começo do Apocalipse, no

meio dele ou já no seu fim. Sem poder entrar aqui em detalhes, apresento brevemente o quadro histórico ou profético segundo o meu entendimento.

Conforme a divisão em Apocalipse 1:19, as sete cartas dão uma visão profética da história da igreja cristã, do seu começo até o seu fim. De acordo com isso, a partir do capítulo 4 os cristãos nascidos de novo já não se encontram na terra, mas no céu. Ali os cristãos, juntamente com os crentes do tempo do Antigo Testamento, são representados como crentes glorificados nos 24 anciãos.

Depois que os cristãos estiverem no céu, pessoas tanto de Israel (Apocalipse 7:3-8) quanto das nações (Apocalipse 7:9-12) chegarão à fé. Isso significa, portanto, que as almas debaixo do altar não são cristãs e também não pertencem à igreja de Deus. As almas debaixo do altar creram na pregação do evangelho do reino, que será pregado depois do arrebatamento da igreja (Mateus 24:14). Elas são mortas por causa da sua fé. O seu clamor por vingança é tipicamente do Antigo Testamento (Deuteronômio 32:43; 2 Reis 9:7; Salmos 79:10) e não cristão. Por isso não é necessário entender o clamor por vingança de forma simbólica, pois ele corresponde à compreensão e à posição dos crentes no período da tribulação.

Perguntas para aprofundamento

- Em que sentido o relato das “almas debaixo do altar” pode ser um consolo para nós?
- Por que se trata aqui de santos falecidos?
- Que corpo eles têm?

2.9 A vida eterna

Quem se ocupa do estado do ser humano depois da morte, na ressurreição ou na eternidade, depara quase inevitavelmente com aquilo que a Bíblia chama de “vida eterna”.⁹¹ Não por último, a vida eterna, como elemento único da mensagem cristã, se contrapõe à morte e à transitoriedade. Quanto o ser humano pagaria se pudesse adquirir essa vida, o que ele não daria para possuí-la! Por meio do Filho de Deus, podemos de fato receber essa vida, e isso sem

91. Todas as passagens do Novo Testamento em que se fala da vida eterna são Mateus 19:16, 29; 25:46; Marcos 10:17, 30; Lucas 10:25; 18:30; João 3:15, 16, 36; 4:14, 36; 5:24, 39; 6:27, 40, 47, 54, 68; 10:28; 12:25, 50; 17:2, 3; Atos 13:46, 48; Romanos 2:7; 5:21; 6:22, 23; Gálatas 6:8; 1 Timóteo 1:16; 6:12; Tito 1:2; 3:7; 1 João 1:2; 2:25; 3:15; 5:11, 13, 20; Judas 21.

pagar. Por isso, em relação à vida eterna, só se pode falar de crentes. Só eles têm a vida eterna, porque creem no Filho de Deus e se submetem a Ele.⁹² Eles possuem a vida eterna como dom da graça de Deus (Romanos 6:23).

Que significado tem a vida eterna em vista da morte do crente? Pode ser que ele entregue ou perca a vida eterna na morte e a receba de novo de presente na ressurreição?

Antes de examinarmos essa pergunta, precisamos primeiro esclarecer o que é, afinal, a vida eterna.

2.9.1 O que é a vida eterna?

Nada e ninguém é eterno, a não ser Deus. Ele é o Eterno, que não tem nem princípio nem fim (Gênesis 21:33; Isaías 40:28; Romanos 16:26). Por isso a vida eterna é a vida do próprio Deus eterno. Do eterno Filho de Deus, Jesus Cristo, se diz: “Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1 João 5:20). Ele mesmo dá testemunho de si: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (João 14:6; cf. 11:25). A vida eterna está personificada no Filho. Ele tem a vida em si mesmo (João 1:4) e foi, por isso, o único que podia revelá-la. “A vida eterna é a vida consciente, pensante, volitiva, sensível, conhecedora e amorosa do próprio Deus”.⁹³

Outra característica de Deus está estreitamente ligada a essa vida: Deus habita no céu (Salmos 115:3; Mateus 6:9, entre outros), e por isso a vida eterna é a vida do céu. Ali ela está em casa. Essa vida não pertence à esfera da vida natural desta criação. Ela pertence a um outro mundo, que está fora do alcance dos sentidos humanos (2 Coríntios 4:18).

É nesse sentido que Jesus fala a Nicodemos sobre a vida eterna. Ele a chama de “as coisas celestiais” (João 3:12). A vida eterna é a vida na casa do Pai (João 14:3), caracterizada pela comunhão (1 João 1:2-3) e pelo amor (João 17:24) do Pai e do Filho.

A vida eterna é a síntese da plenitude da bênção celestial (Efésios 1:3) e da riqueza espiritual que foi dada aos crentes em Cristo. Faz parte disso o fato de terem sido colocados na comunhão do Pai e do Filho (1 João 1:1-4; João 14:23; 1 Coríntios 1:9). Eles já possuem a vida eterna agora; não esperam recebê-la no futuro (João 3:36; 5:24).

92. João 3:16, 36; 6:40, 47, 54; 10:28; 11:25; 1 João 5:13.

93. W.J. Ouwenel, *Das ewige Leben*, Neustadt (Ernst-Paulus Verlag), 1980; p. 9.

2.9.2 Vida eterna e imortalidade

Muitas vezes esses termos são confundidos, como se vida eterna e imortalidade fossem uma só e a mesma coisa. Isso é um grande erro. Pelas observações acima fica claro que a vida eterna não implica em primeiro lugar uma duração de tempo ou a extensão da vida (quantidade), mas descreve a “qualidade” da vida. A qualidade da vida eterna consiste em que ela é a vida do Deus eterno, que habita no céu. Essa vida traz consigo toda a plenitude de Deus que está no Filho. É a vida que é desfrutada na casa do Pai, onde o Deus trino habitou desde toda a eternidade.

Por isso não basta equiparar vida eterna a imortalidade ou existência eterna.⁹⁴ Naturalmente a vida eterna inclui também a imortalidade; do contrário, não seria uma vida “eterna”. O significado da vida eterna, porém, vai muito além do aspecto temporal.

Quando se usam “vida eterna” e “imortalidade” como sinônimos, facilmente se poderia tirar a conclusão errada de que as pessoas incrédulas, que não possuem a vida eterna, não têm existência eterna. Mas a existência eterna não depende da posse da vida eterna.

Mais uma vez: vida eterna não é apenas uma vida que nunca termina, mas uma vida completamente diferente. Essa vida o incrédulo não possui. João deixa isso claro quando fala daqueles que não verão “a vida [eterna]”. Sobre eles permanece a ira de Deus (João 3:36). A ira de Deus, porém, não se esgota no fato de o ser humano ser aniquilado, tendo como consequência a morte eterna. A ira de Deus se dirige contra criaturas responsáveis e, portanto, só pode “permanecer” para sempre sobre seres humanos que também existem sempre, ou seja, eternamente. Esse versículo deixa claro que há uma grande diferença entre vida eterna e existência eterna.

2.9.3 Como um ser humano pode receber a vida de Deus?

Os seres humanos não poderiam receber a vida eterna, a vida de Deus, a não ser que o próprio Deus se tornasse homem. Foi exatamente isso que aconteceu. O apóstolo João diz a respeito do Verbo da vida, que é o próprio Cristo: “e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la

94. O leitor pode fazer ele mesmo a experiência de ler “imortalidade” no lugar de “vida eterna”. Logo perceberá que os termos são intercambiáveis em pouquíssimos casos.

anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada” (1 João 1:2).

Cristo é o Verbo (*logos*) da vida, isto é, a expressão perfeita e a revelação da vida, porque nele há vida (João 1:4; 14:6). Ele tem a vida em si mesmo como homem, e assim pode comunicá-la aos seres humanos (João 5:26). O Verbo se fez carne para trazer a vida ao mundo, porque os seres humanos jaziam na morte (João 5:24; Efésios 2:1). A morte espiritual era a consequência do pecado. Por isso o Filho de Deus teve de se tornar a propiciação pelos nossos pecados (1 João 4:9-10), para que pudéssemos receber a vida.

É uma vida “espiritual” que recebem aqueles que estão espiritualmente mortos nos seus pecados (Colossenses 2:13). Eles recebem a vida como dom de Deus quando creem no nome do Filho de Deus (1 João 5:13). Para isso é necessária a intervenção de Deus pelo novo nascimento, já que um ser humano não pode produzir esse nascimento por si mesmo (João 1:13). Com o novo nascimento começa a história da vida espiritual dessas pessoas, para nunca mais terminar.

Essa vida se torna posse delas, de modo que a têm em si mesmas (João 6:53; 1 João 3:15). Ao mesmo tempo se diz que a têm no Filho (1 João 5:11), porque só a podem possuir em dependência dele, a fonte da vida. Não podem tê-la fora dele. Assim se tornam “coparticipantes” da natureza divina (2 Pedro 1:4), assim como uma folha só pode estar fresca e verde enquanto está no galho.

2.9.4 Como os crentes possuem a vida eterna?

A vida que os crentes receberam pelo novo nascimento (João 3; 1 Pedro 1:23-25) e possuem diante de Deus é a “vida eterna”. Isso significa que essa vida não é apenas um componente dos crentes que poderia de novo (seja por que motivo for) separar-se deles. Ela não é como um presente valioso que, dependendo das circunstâncias, se pode voltar a perder. A vida eterna tornou-se a vida dos crentes; ela é o seu estado e a sua nova existência diante de Deus em Cristo. Essa nova existência como vivos dentre os mortos Paulo descreve como nova criação,⁹⁵ como obra de Deus.⁹⁶ Pela recepção da nova vida, o pecador se torna um novo homem.

95. A vida eterna naturalmente não é uma criação, mas o fato de que os crentes agora a possuem e de que ela caracteriza o seu novo estado pode ser considerado parte da nova criação.

96. 2 Coríntios 5:17; Gálatas 6:15; Efésios 2:5, 10; 4:23-24; Colossenses 3:9-11.

Para ilustrar o que foi dito acima: a nossa vida natural (grego: *bios*) nós não a carregamos conosco como um pacote que se pode perder sem consequências. Quem a perde, morre. A vida natural significa justamente todo o nosso ser terreno, que termina com a morte física. A maneira como possuímos a vida eterna é comparável a isso. Se fosse possível perder a vida eterna, a nova criação seria com isso destruída. Mas acontece exatamente o contrário. A nova criação já não pode ser destruída, porque é obra de Deus em Cristo Jesus.

A vida na terra inclui uma existência consciente, que faz do ser humano uma personalidade. É a capacidade de se expressar, a força de pensar, de sentir, de conhecer, de amar. Essas características da vida terrena podemos aplicar à vida eterna. Assim como a vida natural faz do ser humano uma personalidade, Paulo fala de uma nova personalidade, de um novo “eu”: “... já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20). O crente possui a nova vida de um modo que faz dele uma nova personalidade. Por isso podemos agora ser imitadores de Deus, porque temos a Sua vida e a Sua natureza. A força dessa vida é o Espírito Santo, que nos foi dado assim como a vida eterna.

Sobre esse estado e sobre essa existência a morte já não tem nenhuma influência, porque a vida eterna naturalmente não pode morrer.

Depois de termos delimitado a natureza, o significado e o alcance da vida eterna, dedicamo-nos agora à nossa pergunta inicial.

2.9.5 A vida eterna e a morte

O que acontece com a vida eterna quando o crente morre? Que significado tem a vida eterna para os que adormeceram? Essa é a questão central em relação ao estado dos crentes depois da morte.

O Senhor Jesus dá uma resposta clara a essa pergunta: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (João 11:25-26). O fato de que o Senhor Jesus Cristo, na Sua pessoa, é a ressurreição e a vida tem para os crentes – tanto os vivos como os falecidos – consequências de grande alcance e cheias de bênção.

2.9.6 Os crentes falecidos

O que significa, para os crentes que morreram, a palavra do Senhor de que Ele

- é a ressurreição?
- é a vida?

Eles viverão, porque um dia ressuscitarão. Já vimos antes que com isso se quer dizer a ressurreição do corpo. Porque Ele é a ressurreição, ela significa o fim da sua morte física e o retorno à vida. Essa é a esperança da ressurreição, que está fundamentada na Sua pessoa, na Sua obra de propiciação e na Sua ressurreição. A vida eterna é a garantia de que o corpo será ressuscitado. Então também o corpo participará plenamente da vida eterna.

Eles viverão, ainda que morram: aqui é designado o estado do crente imediatamente depois da morte. Quando o crente morre, a vida permanece com todas as características da vida eterna (ver seção 2.9.4). A vida eterna não é atingida pela morte; ela passa intacta pela “porta da morte”. Isso significa concretamente que a nova vida, isto é, o novo “eu” do crente, a consciência pessoal do novo homem, permanece também depois da morte. A vida eterna está ligada de modo inseparável ao crente.

Nesse contexto fica claro mais uma vez que a vida eterna nunca mais pode ser separada do crente. Ele continua vivendo, ainda que morra, na força e na consciência dessa vida. A comunhão com o Pai e com o Filho, que só se tornou possível pela vida eterna, não é interrompida.

2.9.7 Os crentes vivos

Em João 11:26 o Senhor diz o que significa para os vivos o fato de Ele ser a ressurreição e a vida: os vivos não morrerão eternamente. Essa verdade o Senhor expressa ainda duas vezes em outro lugar: “Este é o pão que desceu do céu, não como o que vossos pais comeram e morreram; quem comer este pão viverá eternamente” (João 6:58); e “se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente” (João 8:51).

É notável que o Senhor, na primeira parte do versículo de João 11:26 fale de crentes que morreram, embora diga na segunda parte que os crentes não morrem mais. O crente, porém, ainda morre exatamente como o incrédulo. Isso é uma contradição? Na segunda parte do versículo, a morte tem outro aspecto. A morte dos crentes e a morte dos incrédulos não são a mesma coisa. O crente que morre não verá a morte eterna, ao encontro da qual o incrédulo vai depois da sua morte física. A morte física leva o pecador ao encontro do juízo eterno, que é a morte eterna (Apocalipse 20:14), pois “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hebreus 9:27). Ao pecador

não resta nada além de morte e juízo. Para ele já não há esperança nem ajuda. Essa é a morte do incrédulo!

Essa morte do pecador o crente não morrerá. O efeito do pecado sobre o ser humano (a morte) foi completamente anulado para os crentes pela ressurreição de Cristo. Eles já têm agora uma nova natureza, que não pode mais morrer – ainda que tenham de passar pela morte física. É a vida daquele que venceu a morte na força da vida divina. Porque Ele é a ressurreição, é uma vida sobre a qual a morte já não tem poder.

O crente, quer esteja vivo, quer tenha morrido, vive *sempre* na força e na consciência da vida eterna. O corpo fica excluído disso pela morte apenas por um determinado tempo.

Resumo: a vida eterna é posse do crente em três períodos diferentes em que ele se encontra. Ela começa durante a sua vida terrena, quando ele nasce de novo. Depois é também sua posse após a morte. Por fim, ela leva à consumação eterna na ressurreição.

2.9.8 A forma futura da vida eterna

Tanto o apóstolo Paulo (em Romanos 5:21 e 6:22) como os evangelhos sinóticos (em Mateus 18:8; 25:46; Marcos 10:30; Lucas 18:30) falam da vida eterna na sua forma futura, e não como posse presente, como acontece em João.

Paulo liga a plena posse e o pleno desfrute da vida eterna à incorruptibilidade na ressurreição. Ele diz que a recompensa para aqueles “que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade [a do corpo na ressurreição]” será a vida eterna (Romanos 2:7). Para Paulo, a vida eterna no seu pleno significado é ser semelhante ao Cristo ressuscitado na glória. Essa é a atmosfera em que a vida eterna está em casa.

Por enquanto, como vivos na terra, temos a vida eterna num corpo mortal. Na ressurreição seremos revestidos de uma “casa eterna” (2 Coríntios 5:1). Esse é um corpo que corresponderá inteiramente à vida eterna, ao estado da consumação. Também João conhece esse aspecto da vida eterna.⁹⁷

A esperança e a expectativa da vida eterna (Tito 1:2; 3:7; Romanos 6:22) consistem em poder em breve experimentar e desfrutar as coisas do céu, da casa do Pai, no ambiente e na atmosfera próprios daquela vida.

97. João 4:36; 12:25; cf. 1 João 3:1-2.

2.9.9 O Espírito Santo

O Espírito Santo nos foi dado.⁹⁸ Sem entrar aqui em outros detalhes, chamo a atenção para o fato de que Ele, como diz Jesus, estará conosco para sempre:

“... e eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece. Vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.” (João 14:16-17).

Por conseguinte, o Espírito de Deus está conosco também na morte. Também então Ele é a nossa força. Assim como a vida eterna, Ele é, nesse tempo intermediário, a garantia de que estaremos com Jesus em plena consciência, em plena força e conhecimento. Justamente para isso o Espírito de Deus nos foi dado como penhor, como garantia em vista desse momento:

“Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito” (2 Coríntios 5:5).

O que Deus nos deu na nossa vida será nosso também na morte!

2.9.10 Conclusão

Para concluir, podemos registrar o seguinte quanto à pergunta principal “Qual é o estado dos crentes depois da morte?”: tanto a vida eterna como o Espírito Santo são uma garantia de que o crente continua a viver depois da morte em comunhão consciente com Cristo.

A vida no crente não pode morrer (nem mesmo quando o homem exterior morre), porque ele a possui no Filho, que vive por toda a eternidade. O crente também não pode mais perdê-la, porque do contrário perderia toda a sua existência, que ele tem como nascido de Deus. Essa nova existência é obra de Deus, uma nova criação, que não pode ser destruída nem jamais terá fim.

Da mesma forma, todas as características do Espírito Santo que nos foram dadas determinarão a nossa existência na morte.

Perguntas para aprofundamento

- Distinga “vida eterna” de “imortalidade”!

98. João 7:39; 14:16; 15:26; Atos 1:8; 19:2; Romanos 8:9, 11, 14-16; 1 Coríntios 2:12; 3:16; 6:19; 2 Coríntios 1:22; Efésios 4:30; 1 Tessalonicenses 4:8; 2 Timóteo 1:14; Tiago 4:5.

- Em que a morte de um crente se distingue da morte de um incrédulo? Observe para isso a afirmação de João 11:26!
- Que significado tem o Espírito Santo para o estado intermediário?

2.10 Os espíritos em prisão

Os “espíritos em prisão” são uma expressão que tem a ver diretamente com o nosso tema. Ela aparece uma única vez na Sagrada Escritura, e somente na 1ª carta de Pedro. Justamente aí está também a dificuldade de entendê-la corretamente. Pedro escreve na sua segunda carta que algumas das cartas de Paulo são difíceis de entender (2 Pedro 3:16). Aqui, porém, isso vale provavelmente também para a sua própria carta, pois o trecho em que os espíritos são mencionados (1 Pedro 3:19-20) está entre os trechos mais difíceis do Novo Testamento. Isso levou a que tenha havido, na história da igreja, muitas interpretações bem diferentes, e ainda hoje as há.⁹⁹

É o próprio Pedro quem cita o princípio mais importante da interpretação da Escritura, a saber, “que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação” (2 Pedro 1:20). Assim, vamos examinar também este texto à luz de todas as passagens do Novo Testamento que já tratamos em 2.1 a 2.9 e que nos deram um quadro abrangente do estado entre a morte e a ressurreição, tanto dos justos como dos injustos.

Pedro escreve aos *forasteiros da Dispersão*:

“Pois também Cristo morreu uma vez por causa dos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito almas, entraram e foram salvos através da água” (1 Pedro 3:18-20).

2.10.1 A intenção de Pedro

Pedro não está tratando da pergunta sobre qual é o estado depois da morte. Ninguém lhe tinha perguntado sobre isso nem trazido um falso ensino que

99. Ver a esse respeito: William Kelly, *Christ Preaching to the Spirits in Prison*, The Bible Treasury, Vol. 9, 1872; e: Jürgen Kuberski, *Eine Höllenfahrt Jesu?*, Bibel und Gemeinde, 2/1988; e: H.L. Heijkoop, *Der erste Brief des Petrus*, Neustadt (Schriftenverlag Ernst Paulus) 1978. Ver a esse respeito também o Apêndice.

precisasse ser refutado.¹⁰⁰ Os crentes a quem Pedro escreve estavam expostos a uma perseguição maciça por causa de Jesus.¹⁰¹ Ele queria encorajá-los nessa situação difícil. Por isso comparou a situação deles com a situação de Noé nos dias antes do dilúvio. Noé formava, juntamente com os seus familiares, uma minoria de apenas oito almas. Atendendo à palavra do Senhor, ele construiu com os seus filhos um barco em terra seca. Ninguém mais o seguiu. Assim como Noé não via Deus, os crentes não viam Cristo (1:8); era uma questão de fé. O exemplo de Noé e a atuação e a presença de Cristo pelo Seu Espírito deviam estimulá-los a perseverar, ainda que a sua mensagem fosse rejeitada e que os afligissem injustamente.

2.10.2 Minha explicação do texto

O Cristo sofredor é o modelo para os crentes, que, como Ele, tiveram de sofrer por fazer o bem. Neste versículo trata-se dos sofrimentos de Cristo por causa dos pecados. Como o justo, Ele morreu pelos injustos com o objetivo de conduzi-los a Deus. Esses são os sofrimentos expiatórios de Cristo, que os crentes não precisavam suportar. A propiciação de Cristo Lhe trouxe a morte; Ele foi “morto na carne”. Mas esse não foi o fim, pois Ele ressuscitou dos mortos no poder do Espírito de Deus (Romanos 1:4; 8:11).

Nesse Espírito – não como homem na terra – Ele foi e pregou aos espíritos em prisão, que noutra tempo foram desobedientes. O Espírito Santo, em outras palavras, o Espírito de Cristo (1 Pedro 1:11), atuava em Noé, o pregador da justiça (2 Pedro 2:5). A pregação aos contemporâneos de Noé durou enquanto a arca estava sendo construída. Nenhum deles se converteu; todos morreram nas águas do dilúvio por causa da sua desobediência. O Espírito de Cristo atuava agora, com o mesmo objetivo, nos crentes (1 Pedro 4:14; cf. 1:11) a quem Pedro escrevia, para espalhar por meio deles o testemunho da graça de Deus.

Pedro designa os mortos do tempo de Noé como “espíritos em prisão”. Eles não creram na boa-nova (1 Pedro 4:6) e deixaram passar a longanimidade de Deus durante os muitos anos em que a arca foi construída. Por isso o seu juízo começa na morte (Hebreus 9:27), e eles se encontram no Hades, o lugar de tormento (Lucas 16:23), que aqui é chamado de prisão. Também nisso há um estímulo para os crentes. A sua mensagem e a sua esperança, da qual deviam dar

100. Foi o que Paulo fez, por exemplo, em 1 Coríntios 15, onde combate a negação da ressurreição.

101. 1 Pedro 1:6; 2:12, 19-21; 3:14, 17; 4:1, 4, 12, 16; 5:8-9.

razão (1 Pedro 3:15), eram absolutamente corretas. Todos os que não seguissem a sua mensagem iriam para o mesmo lugar. Também a eles a prisão esperava depois da morte. Ali seria o seu lugar até o dia da ressurreição e até o grande dia do juízo, como Pedro escreve pouco depois:

*“... os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos”
(1 Pedro 4:5).*

Noé foi salvo na arca através das águas do dilúvio. A figura correspondente a isso, o batismo, também agora salva os crentes, porque também eles, como Noé, são colocados na terra numa nova posição. Separados do mundo e dos seus contemporâneos (Atos 2:40-41), eles serviam agora ao Cristo ressuscitado e glorificado, a quem foi dada toda a autoridade.

Sob os títulos seguintes trato mais de perto de alguns termos e explicações que não considero bíblicos.

2.10.3 Morto na carne – vivificado no Espírito

Embora uma explicação das duas expressões já tenha sido dada acima, menciono aqui ainda alguns outros aspectos. Não há opiniões diferentes sobre a expressão “morto na carne”. Sem dúvida, com ela se quer dizer a morte expiatória de Cristo. A Sua morte está em contraste com o que veio depois, isto é, a Sua ressurreição. A ressurreição é designada como “vivificado no Espírito”. “Vivificado” é a mesma expressão que em Romanos 4:17; 8:11; 1 Coríntios 15:22, 36, 45. A ressurreição, porém, não significa a “vivificação” do espírito do Senhor, mas a ressurreição do corpo (João 2:19-22).

É o Espírito Santo de Deus que atua na ressurreição, pois dele se diz: “O espírito é o que vivifica” (João 6:63). Paulo fala do Espírito Santo em ligação com a ressurreição do Senhor e também dos crentes:

“... e foi designado ... Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Romanos 1:4).

“Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (Romanos 8:11).

No Senhor Jesus habita corporalmente toda a plenitude da Divindade (Colossenses 1:19-20; 2:9), isto é, o Deus trino. Todas as três pessoas da

Divindade tomaram parte na obra da redenção e, com isso, também na Sua ressurreição.

Nesse Espírito Ele foi e pregou. Ele não fez isso, portanto, pessoalmente, isto é, como homem de carne e sangue. Foi o Espírito de Cristo,¹⁰² que já antes da encarnação de Cristo atuava nos profetas do Antigo Testamento (1 Pedro 1:11) e que também agora atua no anúncio do evangelho, onde é chamado de “Espírito Santo” (1 Pedro 1:12).

Nos dias de Noé, o Espírito de Deus atuava por meio de Noé, a quem Pedro chama de “pregador da justiça” (2 Pedro 2:5). Também Moisés fala da atuação do Espírito de Deus no tempo de Noé (Gênesis 6:3) em vista do juízo pelo dilúvio. Também no Novo Testamento encontramos um paralelo, onde se diz que Cristo pregou, anunciando paz (Efésios 2:17). Mas também ali Ele não o fez pessoalmente, e sim por meio dos Seus servos. Ele tinha subido ao céu e já não estava pessoalmente presente.

2.10.4 A pregação aos espíritos em prisão

Entre as mais diversas interpretações, há ampla concordância de que Cristo, no curto tempo entre a Sua morte e a Sua ressurreição, pregou pessoalmente aos espíritos no Hades. Com isso estão ligadas perguntas de grande alcance.

2.10.5 O conteúdo da pregação

Embora se possa deduzir da variedade de explicações que não se conhece o conteúdo da pregação, isto é, a mensagem, eu só consigo entender um anúncio que tenha o objetivo de levar pessoas à conversão para que sejam salvas. Esse é, em geral, o significado da “pregação”.¹⁰³ Essa pregação é definida pelo próprio Pedro. Ele diz que aos mortos foi anunciada a boa-nova (4:6). Uma pregação desse tipo no Hades significaria, portanto, que aos falecidos foi concedida uma segunda chance de conversão.

As explicações sobre o conteúdo da pregação vão desde a proclamação da vitória de Cristo até o anúncio da boa-nova. A ideia de que a vitória de Cristo é anunciada aos falecidos não é mencionada em parte alguma da Escritura. Ela também faz pouco sentido, porque de qualquer modo virá o momento em que

102. A expressão “Espírito de Cristo” ou “Espírito de Jesus” aparece em Atos 16:7; Romanos 8:9; Filipenses 1:19; 1 Pedro 1:11; “o Espírito do Senhor”, em Atos 5:9; 8:39; 2 Coríntios 3:17. Em todas as passagens trata-se do Espírito Santo de Deus.

103. Por exemplo, Mateus 26:13; 1 Coríntios 1:23; Gálatas 2:2; Filipenses 1:15.

todos – e não apenas as pessoas que tinham morrido até o momento da morte de Cristo – reconhecerão o senhorio de Cristo. Paulo diz que os que estão na terra (isto é, os vivos) e os que estão debaixo da terra (isto é, os mortos) estão incluídos nisso:

“... para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”
(Filipenses 2:10-11).¹⁰⁴

Uma pregação como chamado ao arrependimento dirigida aos espíritos em prisão entre a morte e a ressurreição de Cristo deve ser rejeitada também pelos seguintes motivos:

- Não temos nenhuma outra indicação na Escritura que apoiaria essa visão. Pelo contrário: Cristo foi para o paraíso, para junto dos crentes, e não para o Hades, como Ele mesmo disse em Lucas 23:43.
- Pedro diz que Ele foi vivificado depois de ter morrido. Ele não fala do que aconteceu entre a morte e a ressurreição.
- Não é compreensível que justamente às pessoas das quais se diz expressamente que, em vida, experimentaram a longanimidade de Deus e a rejeitaram, se pregue mais uma vez. O testemunho da Escritura é claro: depois da morte já não há possibilidade de conversão.
- Significaria que Ele pregou exclusivamente às pessoas que morreram no dilúvio. É evidentemente dessas pessoas que se trata aqui. Mas o que dizer das pessoas que morreram antes ou depois, que no total certamente são muito mais numerosas do que essas? Então todos os mortos deveriam poder ouvir uma pregação.

Também isso não faz sentido e abre a possibilidade do arrependimento depois da morte. Isso, no entanto, é errado e não é o ensino da Sagrada Escritura. Os ensinamentos de Jesus em Lucas 16 sobre o Hades deixam ver claramente que depois da morte já não há mudança. Um grande abismo intransponível separa o lugar da bênção do lugar do tormento.

104. De Filipenses 2:11 não se pode depreender nenhum momento em que isso acontecerá nem se será o mesmo momento para todos os mencionados. Em concordância com outras palavras da Escritura, pode-se, contudo, deduzir – sobretudo a partir das sessões de juízo – que se trata do juízo dos vivos e dos mortos diante do grande trono, que então atingirá a todos ao mesmo tempo. Nesse sentido, o Senhor Jesus fala também do “dia do juízo” (Mateus 10:15; 11:22, 24; Lucas 10:14).

2.10.6 Almas e espíritos

As oito pessoas que foram salvas na arca são chamadas de “almas”. Pedro usa na primeira carta a palavra “alma” seis vezes.¹⁰⁵ Cinco vezes ele entende por “alma” um elemento essencial do crente; só uma vez – no nosso texto – ele se refere com ela ao ser humano inteiro. Se ele tivesse dito aqui “pessoas” em vez de “almas”, o significado seria o mesmo, pois é assim que o termo “alma” é usado com frequência na Escritura.¹⁰⁶ Esse significado de “alma” se encontra ainda no nosso uso atual da língua.

Se, pois, “alma” designa o ser humano tal como vivia na terra no tempo de Noé, qual é então o significado dos “espíritos” que estão em prisão? O termo “espíritos” representa pessoas falecidas? Pode-se constatar claramente que “espírito” nunca é usado para o ser humano que vive na terra, em nítido contraste com “alma”. Naturalmente a palavra “espírito” é usada com muita frequência em ligação com o ser humano, mas então exclusivamente como componente essencial do ser humano, como acontece também com a alma. A palavra “espírito”, ao contrário, é usada para anjos, tanto para os que servem a Deus como para demônios, isto é, anjos caídos (por exemplo, Mateus 10:1; Apocalipse 12:8).

2.10.7 Os espíritos são anjos caídos?

A opinião de que se trata aqui de anjos que agora estão encerrados no abismo mais profundo não fica, contudo, fundamentada com isso.¹⁰⁷ Para defendê-la, recorre-se às seguintes passagens bíblicas:

“Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no abismo mais profundo [grego: Tártaro], os entregou a cadeias de trevas, reservando-os para juízo ...” (2 Pedro 2:4; cf. Judas 6),

em ligação com Gênesis 6:2-4:

“... vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não contendêrã para sempre com o homem, pois este é carnal; e os seus

105. 1:9, 22; 2:11, 25; 3:20; 4:19.

106. Por exemplo, Gênesis 12:5; Êxodo 1:5; Números 31:35; Atos 2:41; 7:14.

107. Ver Kenneth S. Wuest, *First Peter in Greek New Testament*, Michigan (Eerdmans Publishing), 1942.

dias serão cento e vinte anos. Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos.”

Vê-se nas cadeias de que Judas escreve um paralelo com a prisão de que Pedro escreve. O acontecimento de Gênesis 6, em que anjos se unem com as mulheres, refere-se sem dúvida ao tempo de Noé. Cristo teria levado uma mensagem a esses anjos caídos e agora presos e guardados para o juízo. Mas não pode ser a mensagem da graça e da salvação, porque o Senhor, segundo Hebreus 2:16, não socorre os anjos para libertá-los.

Não há nenhuma indicação na Escritura de que Cristo tenha anunciado aos anjos a Sua vitória no Gólgota, e isso também não faz sentido, porque para eles há um dia do juízo que já está determinado. Cristo será o juiz (cf. 1 Coríntios 6:3). Então, de qualquer modo, haverá uma manifestação do Seu poder e da Sua grandeza.

Afinal, não é necessária uma proclamação do poder de Cristo, porque aos anjos caídos, os demônios ou espíritos imundos, o poder de Cristo já era conhecido antes do Gólgota, também em vista do juízo, e eles temiam o Seu poder (Lucas 8:27-33; Mateus 8:29). Os demônios creem e tremem (Tiago 2:19), mesmo sem uma mensagem que lhes fosse anunciada por Cristo.

De Gênesis 6 pode-se depreender que os anjos se uniram com as mulheres *antes* do tempo de Noé, e assim esse acontecimento não cai necessariamente nos dias de Noé.

É errado entender aqui por “espíritos” anjos, ainda que aparentemente haja pontos de referência. Mais uma vez, é preciso observar o contexto do texto e o testemunho completo da Escritura.

2.10.8 Espíritos – pessoas falecidas

Aqui os contemporâneos de Noé são chamados de “espíritos”, porque agora, no tempo em que a carta foi escrita, estavam em prisão. Com “prisão” se indica a consequência da sua desobediência, pois não há fim para o seu juízo. A sua existência depois da morte não é no corpo de carne e sangue; eles estão “fora do corpo”, para usar uma expressão de Paulo (2 Coríntios 5:8). Por isso são chamados de espíritos. Pedro usa, poucos versículos depois, outra designação para as pessoas que aqui são chamadas de espíritos. Esses versículos ainda

pertencem aos versículos citados acima e formam, na verdade, a conclusão da linha de pensamento:

“Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus” (1 Pedro 4:6).

Eles são agora – em vista do espírito-alma – os espíritos em prisão. Em vista do seu corpo, eles são agora os mortos. As duas descrições explicam o mesmo estado, mas de dois lados. Uma vez é o aspecto do corpo (“os mortos”) e outra vez o aspecto do espírito-alma. A boa-nova não foi anunciada aos que então já estavam mortos, mas àqueles que agora estão mortos e que naquele tempo, depois de terem ouvido a mensagem como pessoas vivas, pereceram no dilúvio.¹⁰⁸

Esse é o significado da palavra “espíritos”, que – mesmo sem conhecimento da língua original – se pode reconhecer pelo contexto do texto.

Há outra passagem em que se fala de espíritos, isto é, de pessoas depois da sua morte:

“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, à reunião festiva; e à igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hebreus 12:22-23).

Nessa enumeração magnífica está, no fim, o termo que nos interessa neste contexto: “espíritos dos justos aperfeiçoados”.¹⁰⁹ Aqui os espíritos estão, portanto, separados do seu corpo e formam uma parte da igreja dos primogênitos. É só destes que se trata nesse termo, pois somente pecadores foram justificados pelo sangue de Jesus. Para os anjos o sangue de Jesus não

108. A morte é interpretada por alguns intérpretes em sentido espiritual (cf. Efésios 2:1, 5; Colossenses 2:13; Lucas 15:24, 32). A meu ver, porém, a morte espiritual nunca é mencionada no Antigo Testamento nem aplicada às pessoas do tempo do Antigo Testamento.

109. A diferença entre os termos de 1 Pedro e de Hebreus 12 é que em Pedro “espíritos” designa a pessoa inteira, e em Hebreus 12 os espíritos são vistos como elemento essencial dos crentes; com isso fica claro que, além do espírito, há um corpo. Em princípio, esses termos têm o mesmo significado. Nesse contexto chamo a atenção para o termo “nuvem de testemunhas”, que cercam o competidor da fé como numa arena. As testemunhas são os heróis da fé de Hebreus 11, que agora estão no paraíso celestial. Já se sugeriu que eles veem os cristãos como os espectadores de uma competição. A meu ver, isso não pode ser. Eles veriam toda a nossa vida, também coisas íntimas. Com certeza não podemos dizer nada sobre isso, já que a Escritura silencia a esse respeito.

vale. Não pode tratar-se de anjos no caso dos espíritos, porque estes são mencionados à parte nessa enumeração.

2.10.9 A prisão

A prisão é realmente o Hades? A resposta a essa pergunta não é simples, já que encontramos o termo “prisão” em ligação com espíritos uma única vez na Escritura.

A palavra “prisão” não é usada aqui em nenhum outro sentido do que conhecemos também de outras passagens do Novo Testamento.¹¹⁰ O infrator é posto sob custódia e não pode escapar desse lugar¹¹¹ sem que a questão da culpa seja esclarecida. O termo “prisão” se explica bem pelo fato de que os injustos, depois da sua morte, são retidos até o dia do juízo. É Pedro quem menciona isso também na sua 2ª carta:

“O Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o dia do juízo” (2 Pedro 2:9).

Essa verdade corresponde também à nossa compreensão atual, no sentido de que, até o julgamento, existe a prisão preventiva. Essa explicação de modo nenhum está em contradição com todos os outros textos que já consideramos em ligação com o nosso tema. Pelo contrário, ela completa o quadro da sorte dos injustos depois da morte.¹¹²

Também a respeito de certos anjos vale que eles se encontram em custódia na “prisão”. Ali são retidos até o dia do juízo. Eles se encontram no cárcere até o dia da sentença.

A palavra “prisão” é entendida também no sentido de “prisão do pecado”. É assim que Isaías (42:7; 49:9; 61:1) e Lucas (4:18-19) usam essa expressão. Mas, a meu ver, essa aplicação não é possível aqui, porque os espíritos não são pessoas vivas, mas foram. Se em ligação com espíritos se falasse de uma prisão do pecado, então só no sentido de que agora estão presos ao seu pecado, porque não têm perdão.

110. Por exemplo, Mateus 14:10; Lucas 3:20; Atos 5:19; 2 Coríntios 6:5.

111. Talvez tenhamos também em Atos 1:25 uma indicação desse lugar.

112. Parece quase supérfluo mencionar que aqueles que estão na prisão têm plena consciência, pois quem dorme não precisa ser guardado numa prisão.

2.10.10 A libertação dos crentes do Antigo Testamento do Sheol?

Uma opinião também bastante difundida é que os crentes do Antigo Testamento que estavam no Sheol se encontravam ou num lugar de tormento ou numa espécie de posição de espera que não pode ser chamada de bem-aventurança. Quando Cristo, depois da Sua morte, visitou esse lugar, Ele teria libertado os crentes e os levado para o paraíso, ou então teria feito desse lugar, pela Sua presença, o paraíso.

O fundamento dessa opinião é, entre outras coisas, o significado do termo “Sheol” no Antigo Testamento. O Sheol é, entre outras coisas, um lugar negativo e escuro, ao qual os mortos chegam. O paraíso, ao contrário, não é mencionado no Antigo Testamento como lugar dos crentes falecidos. Mas o fato de não ter sido revelado não significa que não houvesse paraíso. Será que Abraão, depois da morte, teria caído em angústia e pavor? Já ele aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador, e uma pátria celestial que não é deste mundo (Hebreus 11:10, 14, 16).

Da mesma forma se teria de perguntar: ele conhecia ou tinha, afinal, perdão dos pecados, já que Cristo ainda não tinha vindo?¹¹³

Não quero responder à pergunta se houve uma libertação do Sheol apenas com contraperguntas. Mas não temos nenhum texto bíblico sobre isso que se pudesse discutir. A meu ver, essa ideia também não faz sentido, e não há na Escritura nenhum paralelo que mencione, ainda que só por alusão, um ato desses de Cristo.

Abraão foi reunido aos seus pais.¹¹⁴ Podemos partir do pressuposto de que ele os reencontrou no mundo do além. O seu Deus, que ele conhecia como o Todo-Poderoso, é o Deus dos vivos (Lucas 20:38). Disso podemos concluir que Abraão, que é chamado amigo de Deus (Tiago 2:23), leva agora uma vida bem-aventurada, que até a ressurreição não precisa de libertação nem de melhoria.

Quando o Senhor Jesus falou do lugar da bem-aventurança como do “seio de Abraão”, Ele usou uma expressão que os judeus ou já conheciam ou podiam entender bem: era um lugar de bênção para os justos depois da sua morte. Não

113. Com base em Romanos 3:25-26, podemos supor que Deus não imputou os pecados aos crentes do Antigo Testamento em vista do sacrifício de Jesus, por assim dizer, por antecipação. De acordo com isso, também não havia motivo para que Abraão tivesse de passar por algum tormento ou até por uma purificação depois da sua morte.

114. Gênesis 25:8; cf. Moisés em Números 27:13 (ver seção 1.5.3).

se pode deduzir daí que Abraão tenha sido o centro para os crentes do Antigo Testamento na morte, até que Cristo, depois da Sua morte, abrisse a porta do paraíso – também para Abraão. O paraíso estava – para formular dessa maneira – aberto para os crentes de todos os tempos. O paraíso sempre existiu, pois é a presença de Deus diante do Seu trono celestial.

2.10.11 Uma descida de Jesus ao inferno?

Na verdade, a pergunta se o Senhor Jesus desceu ao inferno é desnecessária, porque já foi respondida sob vários aspectos. Algumas confissões de fé, que também elas sofreram mudanças repetidas vezes, confessam Jesus como aquele que desceu ao inferno ou ao reino da morte. Lutero e outros com ele traduzem “Hades” por “inferno” (alemão: *Hölle*), e assim se formou a ideia da “descida ao inferno” de Cristo.

Para fundamentar uma “descida ao inferno”, cita-se, por exemplo, Efésios 4:8-10:

“Por isso, diz: ‘Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens.’ Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.”

Aqui se trata da exaltação e da profundidade da humilhação de Jesus. O ponto mais baixo da Sua humilhação foi a morte. Já foi uma condescendência que Ele, Deus o Filho, estivesse como homem *na* terra (cf. Filipenses 2:5-11). Mas Ele foi por nós até a morte e foi sepultado. É isso que se quer dizer com as “*regiões inferiores da terra*”, como também o afirma o versículo seguinte.

Em Mateus 12:40 trata-se da morte física, não da permanência no reino dos mortos.

“Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.”

A partir da citação do Salmo 16:10 em Atos 2:27, alguém poderia chegar à conclusão de que o Senhor Jesus esteve no Hades:

“... porque não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.”

Mas esse versículo não é prova de que o Senhor realmente esteve no Hades. Ver a esse respeito a explicação em 2.1.8 (e também o Apêndice).

2.10.12 Conclusão

Não me canso de enfatizar que o Senhor Jesus, depois da Sua morte, não foi para o Hades, e muito menos para o inferno. Ele foi para o paraíso, como Ele mesmo tinha dito ao malfeitor na cruz.

A descida ao Hades com o objetivo de pregar ali não encontra nenhum outro ponto de apoio na Escritura. Além disso, uma pregação ali, qualquer que tivesse sido o seu conteúdo, não faz sentido. Todos os mortos, inclusive os anjos caídos, são guardados sem chance de conversão até o seu juízo, quando serão então confrontados com o poder judicial de Cristo.

O destino do pecador impenitente é um estímulo para os crentes não se calarem, apesar das dificuldades, e serem, como Noé, pregadores da justiça.

Perguntas para aprofundamento

- Quem são os “espíritos” em 1 Pedro 3?
- Quem lhes pregou, e quando isso aconteceu?
- Onde estava o Senhor Jesus entre a Sua morte e a Sua ressurreição – e onde não estava?
- Por quê?
- Como Pedro usa essa passagem para encorajar os crentes daquele tempo (e a nós hoje)?

2.11 Experiências de morte e experiências de quase morte

Com o testemunho da Sagrada Escritura obtivemos um quadro claro do além. Mas esse quadro, no nosso tempo, é confrontado não só com opiniões teológicas ou doutrinárias falsas, mas também com vivências na proximidade da morte, isto é, experiências de morte e experiências de quase morte. Trata-se de pessoas que estavam “cl clinicamente” mortas e foram reanimadas, mas não estavam “biologicamente” mortas. Elas se encontravam “em algum lugar” na zona entre a morte e a vida. Não estavam mortas no sentido em que sempre pressupus a morte na minha análise, a saber, como algo irreversível e definitivo.

Para entender melhor o que se entende por morte clínica, cito um médico: “A morte clínica significa, por um lado, a parada respiratória, isto é, a falha total da absorção de oxigênio do ar ambiente e da eliminação de gás carbônico no

ambiente. Significa ainda a parada cardíaca, isto é, a paralisação completa da circulação. Quando ocorre a morte clínica, o eletrocardiograma mostra na tela a chamada linha zero, isto é, nenhuma curva cardíaca. A morte clínica é reversível dentro de um intervalo de tempo muito limitado, por exemplo, por meio de impulsos de choque elétrico muito fortes. Se a reanimação não tiver êxito, ocorre depois de poucos minutos a ‘morte biológica’. A morte biológica significa que os diversos sistemas de órgãos, sobretudo o cérebro, cessam a sua função ... Além do limiar da morte biológica, em regra não há retorno.”¹¹⁵

Nessa zona entre a vida e a morte “definitiva” ocorreram fenômenos de que quero tratar agora.¹¹⁶ Não se trata aqui de pessoas que voltaram à vida por uma ressurreição, mas daquelas que estiveram *cl clinicamente* mortas apenas por um tempo muito curto. Nesse tempo, a sua alma – a sua consciência – deixou o corpo. Elas viram, por exemplo, como médicos lutavam pela sua vida na sala de cirurgia. Relatam encontros com seres de luz amáveis e com velhos conhecidos num ambiente agradável. Não queriam mais voltar para o seu corpo. Essas vivências positivas não são relatadas só por cristãos, mas também por aqueles que nada têm a ver com a fé em Cristo. Para eles, depois de uma vivência dessas, a morte já não tem nada de assustador, e eles transmitem essa experiência como uma boa notícia.

Os cristãos precisam ser capazes de tomar uma posição clara diante desses fenômenos, já que esses relatos colocam a morte, na nossa sociedade, sob uma luz nova, até mesmo atraente. O último inimigo do ser humano parece ter sido vencido, pois, com essas experiências, a morte é a passagem para um mundo perfeito, marcado pelo amor. “Wir kommen alle, alle in den Himmel” (“Todos nós vamos, todos, para o céu”) é então uma canção que se pode cantar com razão. Ou fica assim: “Tudo vai ficar bem” (alemão: *Alles wird gut*).

Desde as publicações do Dr. Raymond Moody, de Robert A. Monroe, de E. Kübler-Ross, entre outros, essas ideias sobre a morte se difundiram amplamente. A senhora Kübler-Ross resume a mensagem dos pesquisadores da morte: “Deus não é um ser que castiga e condena. O que ficamos sabendo por pessoas que voltaram é a garantia de que todo ser humano, depois da sua

115. Dr. med. Hartmut Maier-Gerber, *Sterben – Der Höhepunkt des Lebens*, Wuppertal, 1994, p. 20s.; citado em R. Moeckel, *Ist Sterben doch ganz anders*, Sehnde.

116. Eu mesmo não tive nenhuma experiência de morte e também não conheço pessoalmente ninguém que tenha tido uma. Uma avaliação desses fenômenos se faz, portanto, apenas com base no material escrito que está à minha disposição e que é acessível a todos.

passagem, poderá experimentar o sentimento de paz, de equilíbrio e de plenitude total»¹¹⁷.

Não são descobertas espetaculares? É de fato mais importante desvendar o mistério da morte e do além do que um ser humano pousar na Lua ou em Marte. Finalmente, ao que parece, há um olhar para o outro lado, e esse olhar nos tira o medo da morte, porque lá não há nenhum Deus diante do qual se tenha de prestar contas da própria vida. Tudo isso recebe um verniz científico, de modo que essas descobertas parecem sérias e confiáveis.

2.11.1 O que há de verdade nesses relatos?

Os relatos devem ser considerados com muita cautela. As descrições dos autores mencionados não podem ser levadas a sério palavra por palavra, pois muitas vezes são marcadas por uma cosmovisão pagã, pelo espiritismo e pelo movimento Nova Era, e os fenômenos também são interpretados segundo essa cosmovisão. Mas há, apesar disso, motivo suficiente para levar a sério esses fenômenos extraordinários e não duvidar da sua veracidade. Há gente demais, tanto cristãos como não cristãos, que viveu algo assim. Rejeitar os relatos como assombração e fantasia seria uma conclusão simples demais, e até errada. Mas o que devemos realmente pensar disso, e como esses relatos podem ser enquadrados e avaliados biblicamente?

2.11.2 Experiências de morte na Bíblia?

A primeira pergunta é sempre se encontramos fenômenos desse tipo na Palavra de Deus. Como temos relatos de ressurreições, vamos considerar as pessoas envolvidas.

O relato mais conhecido é a ressurreição de Lázaro por Jesus (João 11). Esse relato diz que Lázaro já estava morto havia quatro dias e que a decomposição do seu corpo já tinha começado. Precisamos partir aqui da morte biológica. O Senhor da vida e da morte chamou Lázaro de volta à vida. Isso foi um milagre e um sinal para testemunho aos judeus.

É notável que não se relate nada do que Lázaro viveu no tempo da sua morte. De qualquer modo, quase nada é relatado sobre Lázaro, mas aqui certamente haveria algo a relatar. As suas declarações sobre o além teriam sido de uma dimensão totalmente diferente daquilo que hoje chegamos a ouvir.

117. Elisabeth Kübler-Ross, *Über den Tod und das Leben danach*, Berlin, 1994, p. 44.

As duas outras ressurreições feitas por Jesus não são menos espetaculares. Há a filha de Jairo (Marcos 5:22; Lucas 8:41) e o jovem de Naim (Lucas 7:11). Também eles estavam biologicamente mortos e foram ressuscitados pelo Senhor Jesus, o Autor da vida (Atos 3:15). Também deles nada se relata sobre experiências no além.

O mesmo vale, aliás, para todas as demais ressurreições relatadas no Antigo ou no Novo Testamento.

Até mesmo Jesus, que durante a Sua morte, segundo as Suas próprias palavras, estava no paraíso, não relatou nada sobre essa permanência. Não poderia Ele ter contado como o paraíso é maravilhoso e que alegria houve ali quando Ele encontrou os crentes de todos os tempos?

É notável que Deus, na Sua Palavra, fale de uma única vivência que nos confirma a existência do paraíso com base num relato de experiência. Foi Paulo, que foi arrebatado ao terceiro céu, ao paraíso (2 Coríntios 12:1-4).

O fato de que a Bíblia não relata nada sobre experiências desse tipo (com uma exceção) não é, por outro lado, prova de que elas não existam. Ele deixa claro, porém, algo fundamental. Deus não dá provas, porque não precisa disso. Ele deixa claro na Sua Palavra, de modo suficiente e inequívoco, que existem paraíso e Hades, bem como céu e inferno.

Isso fica muito claro no caso do pobre Lázaro e do rico em Lucas 16. O rico se encontrava no Hades, em tormentos, e sabia que os seus irmãos, se não se convertessem, um dia o seguiriam para esse lugar terrível. Eles viviam como ele tinha vivido. Ele via a única possibilidade de conversão para eles em que alguém fosse enviado à sua casa para adverti-los com insistência: “Mas ele disse: Peço-te, então, pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que ele os advirta com insistência, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento. Abraão, porém, lhe disse: Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam. Ele, porém, disse: Não, pai Abraão; *mas, se alguém dentre os mortos for ter com eles, eles se arrependerão*. Abraão, porém, lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que alguém ressuscite dentre os mortos” (Lucas 16:27-31, traduzido da versão alemã Elberfelder).

Deus conhece o ser humano e a sua incredulidade, e sabe que o pecador não reage nem mesmo quando alguém ressuscita dentre os mortos. Deus exige do pecador arrependimento e a obediência da fé. O pecador tem o testemunho da

criação e uma consciência. Além disso, Deus lhe deu a Sua Palavra e a pregação do evangelho. O testemunho da Sagrada Escritura é, em princípio, suficiente. Os seres humanos exigem provas e sinais; mas a atuação de Jesus por meio dos muitos milagres dos mais diversos tipos mostrou que nem mesmo as provas esmagadoras da Sua divindade produziram a conversão do ser humano, mas apenas um ódio ainda maior.

O Senhor Jesus Cristo disse que ia para o paraíso, de onde voltou na ressurreição. Sobre o Seu tempo no paraíso Ele não nos comunicou nada. A minha conclusão é que não é importante para nós saber algo sobre isso. Ele não estava preocupado com o além, mas com o aquém, a saber, com o reino de Deus na terra. O que movia os discípulos era quando o Senhor estabeleceria o reino de Deus. Durante os 40 dias depois da ressurreição, o Senhor Jesus falou com eles muitas horas sobre isso (Atos 1:3). Também aqui se percebe claramente que a Escritura, no seu conjunto, não tem como ponto central o além ou o estado intermediário, mas sempre a consumação na ressurreição e a consumação dos caminhos de Deus com toda a criação.

2.11.3 Os apóstolos Paulo e João

As constatações acima não dão uma resposta definitiva às difíceis perguntas sobre as experiências de morte. Mas destacamos um princípio que precisamos usar quando somos confrontados com esses fenômenos.

Vemos em Paulo e em João, e também em outros crentes, que eles relatam sobre o céu e o paraíso. João estava, no fim da sua vida, preso na ilha de Patmos (Apocalipse 1). Ali recebeu visões que registrou no livro do Apocalipse. O Apocalipse é um relato de experiência vinda do céu. João estava em espírito no dia do Senhor. Isso significa que o Espírito de Deus veio sobre ele e que ele entrou num outro mundo, onde encontrou o Ressuscitado. Diz-se até que ele foi chamado a subir ao céu. Não foi um sonho; foi realidade, que o tomou de tal forma que ele escreveu em detalhes tudo o que viu. Isso não foi nem uma experiência de morte nem uma experiência de quase morte. Mas deixa claro que Deus deu a pessoas experiências pelas quais elas entraram em contato com o céu, com anjos e com o próprio Senhor Jesus. Profetas como Isaías (por exemplo, capítulo 6), Daniel, Ezequiel, entre outros, tiveram a mesma experiência. Nessas pessoas, porém, trata-se do cumprimento do seu serviço

especial como profetas, que escreveram as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Não são, portanto, experiências de morte “comuns”.

Assim foi também com Paulo: “Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), *foi arrebatado até ao terceiro céu*. E sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe) *foi arrebatado ao paraíso* e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir” (2 Coríntios 12:1-4).

No caso de Paulo, poderia tratar-se de uma experiência de morte e de uma ressurreição. Entre a redação da 2ª carta aos Coríntios e o apedrejamento de Paulo em Listra, como é relatado em Atos 14:19, há 14 anos. Um apedrejamento não era encerrado antes que se tivesse certeza de que o apedrejado estava realmente morto. Arrastaram Paulo para fora da cidade, porque estavam convencidos de que ele estava morto. Mas então Paulo simplesmente se levantou – não se fala aqui de tentativas de reanimação por parte dos discípulos – e voltou para a cidade. Isso é um milagre. Ou Paulo foi ressuscitado, ou voltou a si sozinho. Será que durante esse acontecimento ele foi arrebatado ao paraíso? Não podemos prová-lo, mas também não podemos excluí-lo. O exemplo do apóstolo deixa claro que, em princípio, pode haver experiências extraordinárias – neste caso, de crentes – no além.

Assim também o mártir Estêvão viu literalmente, e não num sonho, um céu aberto (Atos 7:55-56). Não foi uma experiência de morte, embora a morte por apedrejamento tenha ocorrido pouco depois. Também hoje não deveríamos excluir em princípio uma revelação desse tipo.

2.11.4 Experiências de morte – céu e inferno

O grande número de experiências de morte no nosso tempo se deve em muitos casos aos modernos recursos técnicos que possibilitam a reanimação. A elevada tecnicização da nossa sociedade levanta perguntas que não são tratadas diretamente na Escritura. Aqui precisamos procurar respostas ou princípios que só podemos encontrar com a ajuda do Espírito de Deus na Sua Palavra. A Palavra de Deus é atual e obrigatória também nos nossos dias, ainda que às vezes não seja fácil aplicá-la às perguntas do nosso tempo. Uma compreensão viva da Escritura, produzida pelo Espírito, se caracteriza justamente por aplicar

a Palavra de Deus no nosso tempo e por reconhecer e avaliar os tempos na sua dimensão espiritual (1 Crônicas 12:32).

No caso das experiências de morte, é importante que há também vivências extremamente negativas. Tão diferentes como são o céu e o inferno, também são diferentes as experiências nas vivências de morte. Pessoas relatam vivências do inferno, tormentos e demônios. Essas vivências de terror não são relatadas nos best-sellers, já que distorcem a bela imagem da morte com as suas vivências positivas e apontam para a possibilidade de que exista, afinal, um inferno e um castigo pelos pecados. Algumas pessoas reprimem e esquecem logo o que viveram; outras buscam a salvação em Cristo.

Com essa informação, que é apresentada em detalhes pelo Dr. Rawlings,¹¹⁸ já não se pode, por definição, falar de que exista um céu para todos os seres humanos e de que o inferno seja apenas uma invenção da igreja. A citação da senhora Kübler-Ross mencionada acima é, portanto, falsa!

Podemos concluir que as experiências de morte correspondem ao quadro da Escritura na medida em que refletem os dois lugares ou estados do além. É como se o Hades e o paraíso lançassem as suas sombras antecipadamente nessa zona entre a vida e a morte.

2.11.5 A sedução das trevas

Deixa-nos desconfiados o fato de que pessoas que não querem ter nada a ver com Jesus Cristo e com a Bíblia tenham experiências de morte positivas e encontrem seres angelicais e conhecidos que evidentemente estão muito bem no além. Elas não encontram nenhum juiz que as chame à responsabilidade e são até defendidas e desculpadas em relação ao mal que fizeram.

Os seres que elas encontram são seres amáveis, de brilho intenso, que irradiam amor. A nossa avaliação desses seres é clara, porque eles dizem a inverdade: são demônios que imitam a tática do seu chefe supremo, o diabo (2 Coríntios 12:7; Apocalipse 12:8). Este se transforma em anjo de luz (2 Coríntios 11:14) e assim apresenta ao ser humano as suas intenções corrompidas como se fossem boas.

No ponto de contato com o além, os espíritos só esperam para exercer a sua má influência. Isso nos mostra claramente quão perto das pessoas esses

118. Dr. med. Maurice S. Rawlings, *Zur Hölle und zurück, Leben nach dem Tod – überraschende Beweise*, Hamburg (Verlag C.M. Fliß), 1996.

espíritos se encontram, e não apenas no limiar da morte. A presença de espíritos maus fica ainda mais evidente por esses relatos. Eles estão no ar e, assim, se encontram no meio das pessoas; também tomaram posse de algumas pessoas e habitam nelas, o que se tornou manifesto especialmente durante a presença do Senhor Jesus Cristo e por meio das Suas curas e libertações. Paulo escreve aos efésios: “nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o *príncipe da potestade do ar, do espírito* que agora atua nos filhos da desobediência” (Efésios 2:2) e: “porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Efésios 6:12).

Receio que a atuação e a influência dos demônios sejam muitas vezes subestimadas pelos cristãos; por isso, infelizmente, alguns já caíram vítimas da astúcia do inimigo. É um ataque tremendamente satânico ao pensamento da humanidade. O medo da morte é abolido. Mas é uma mentira descarada. Quem, senão o diabo, tem interesse em apresentar a morte como inofensiva e como entrada num mundo infinitamente belo?

O pobre Lázaro foi levado, no momento da sua morte, por anjos de Deus para o seio de Abraão. Desses anjos lemos: “Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?” (Hebreus 1:14). Eles estão, portanto, presentes na fronteira entre o aquém e o além.

2.11.6 Os necromantes são abominação para o Senhor

Deus estabeleceu uma fronteira clara entre os vivos e os mortos. Ele proíbe toda tentativa de entrar em contato com os mortos. Os necromantes ultrapassam essa fronteira clara. Por isso o juízo de Deus sobre esses homens e mulheres é muito drástico: “O homem ou mulher que sejam necromantes ou sejam feiticeiros serão mortos; serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles” (Levítico 20:27).¹¹⁹

Essa palavra deixa claro também que as capacidades, ou melhor, as tentativas de entrar em contato com os mortos são dirigidas por espíritos maus que tomaram posse dos necromantes (1 Samuel 28:7-8). Não por último, é por isso que Deus condena essas pessoas tão duramente. Não são, portanto, capacidades

119. Ver ainda Levítico 19:31; 20:6; Deuteronômio 18:11-12; 1 Samuel 28:3; 2 Reis 21:6; 1 Crônicas 10:13.

humanas que se percebem aqui, mas forças sobrenaturais cuja origem é o reino do mal. Trata-se claramente da influência de poderes malignos.

Por isso também fica claro que esses espíritos enganam, pois não podem trazer os espíritos dos mortos. É mentira que anjos caídos, que seguiram Satanás na sua rebelião, sejam capazes de se apoderar dos mortos. A sua capacidade consiste em imitar a pessoa em questão de modo enganosamente real. Eles enganam todos aqueles que, por meio de necromantes, querem entrar em contato com mortos para ficar sabendo de coisas que de outro modo não poderiam saber. Desse modo o diabo amplia a sua influência como deus deste século.

Deus exortou o Seu povo, por meio de Isaías, a consultar o seu Deus: “Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?” (Isaías 8:19).

Nesse contexto é importante ver que muitos pesquisadores da morte, como, por exemplo, a senhora Kübler-Ross, tinham também um contato intenso com o mundo dos espíritos. Ela fala dos seus espíritos, com os quais se relacionava com frequência. O diabo, que tem o poder da morte, conhece o medo que o ser humano tem da morte e o explora para iludi-lo de que a morte não seria um juízo e a consequência do pecado. O ser humano, portanto, não precisaria de redenção, embora o vencedor da morte a tenha realizado. “É certo que não morrereis” foi a mentira do sedutor desde o princípio (Gênesis 3:4), e ele encontra sempre novos argumentos para disfarçar essa mentira.

Muitos pesquisadores da morte são espíritas e estão ligados ao movimento Nova Era. Por isso só podem ser pessoas enganadas.

2.11.7 Saul e Samuel

O episódio de Saul e da necromante de En-Dor, em 1 Samuel 28, é uma exceção notável. Embora Saul tenha cometido aqui um grande erro e os necromantes não possam fazer subir os mortos, nesse caso Samuel realmente apareceu. Duas coisas deixam isso claro: em primeiro lugar, não foi a mulher que fez Samuel aparecer. Ele apareceu sem a atuação dela. O pavor da mulher mostra que aqui aconteceu algo completamente diferente daquilo a que ela estava acostumada. Ela não controlava a situação. Jamais o profeta de Deus teria sido trazido por um espírito de adivinhação. Em segundo lugar, Samuel falou

claramente a verdade, que Saul já conhecia. Não foi, portanto, um espírito qualquer que se fez passar por Samuel e mentiu a Saul. Samuel apareceu aqui assim como, mais tarde, também Moisés e Elias apareceram no monte da transfiguração.

Esse episódio confirma, portanto, que os mortos não podem ser trazidos por necromantes ou por espíritos demoníacos. Só Deus pode fazer isso, e Ele só o fez aqui, até onde a Escritura relata. Simplesmente não há intercâmbio entre o mundo daqui, dos vivos, e o mundo do além, dos mortos. Entre os vivos e os falecidos há uma separação que não pode ser rompida. Com isso não me refiro ao mundo dos demônios, que tenta, sim, entrar em contato com o mundo daqui. Mas com os falecidos os demônios já não têm nada a ver.

2.11.8 A sedução anticristã no tempo do fim

Os problemas morais e éticos que surgem do desenvolvimento técnico que avança rapidamente são um sinal do tempo do fim. As experiências de morte, que em grande escala só se tornaram possíveis pela técnica, abrem também a porta para os demônios e os seus ensinos: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (1 Timóteo 4:1).

Já hoje os acontecimentos do tempo do fim, tal como são descritos no Apocalipse, lançam antecipadamente as suas sombras: “*porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, ...*” (Apocalipse 16:14). O espírito do Anticristo já está atuando agora e se desenvolverá plenamente, numa medida jamais conhecida, depois do arrebatamento da igreja. Ele fará sinais e prodígios, e não sabemos quanto espaço Deus deixa a Satanás para fazer milagres que só se atribuiriam a Deus. Paulo escreveu aos tessalonicenses: “Então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a *eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira*, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos” (2 Tessalonicenses 2:8-10).

Menciono esses versículos porque eles descrevem exatamente a situação de hoje. Também as experiências de morte que de modo nenhum correspondem à Palavra de Deus fazem parte do programa de Satanás para o tempo do fim. Ele não deixa escapar nenhuma possibilidade, e isso é apenas o começo.

2.11.9 Conclusão¹²⁰

O que devemos pensar, então, das experiências de morte? Não se pode responder a essa pergunta com uma frase. Alguns aspectos das experiências de morte são muito complexos e tocam em questões da psicologia, da parapsicologia e do ocultismo. Por isso encerro este capítulo com algumas constatações fundamentais, com a ajuda das quais se pode chegar a um juízo claro.

Nas pessoas com experiências de morte, isto é, nas pessoas que “voltaram”, a morte não foi a morte irreversível; por isso as suas vivências não dão realmente informação sobre o além.

Elas não estiveram nem no céu nem no inferno. “Morrer” não é o mesmo que “estar morto”. Viajar até Munique e voltar pelo mesmo caminho não significa ter chegado a Munique, muito menos morar lá.

Se aquilo que elas viveram correspondia ao céu ou ao inferno,¹²¹ então estamos lidando com uma área entre a vida e a morte sobre a qual a Sagrada Escritura nada diz. Mas, com base nos muitos testemunhos sobre essas vivências, concluímos que, na zona em que a alma deixa o corpo por pouco tempo,¹²² espíritos podem aproximar-se da alma, tanto anjos de Deus como também demônios, os anjos de Satanás (2 Coríntios 12:7). A sedução de Satanás consiste em simular o céu para essas pessoas, embora elas estejam perdidas. As informações trazidas do “além”, na grande maioria dos casos, não correspondem à verdade da Bíblia.

O tempo do fim é marcado pela sedução demoníaca, que não para nem diante dos cristãos. Muito do que se relata está impregnado do pensamento ilusório dos autores e dos supostos pesquisadores; outras coisas são simplesmente fraude. Na maioria dos casos, a cosmovisão dos chamados pesquisadores da morte corresponde ao movimento Nova Era, ao misticismo e às religiões e filosofias orientais. Só por isso essas pessoas estão entregues, sem apoio nenhum, à sedução satânica.

120. Para um estudo mais aprofundado das experiências de morte, recomendo os livros de John Ankerberg & John Weldon (ver Bibliografia).

121. Há também pessoas que estiveram clinicamente mortas e não viveram absolutamente nada.

122. Experiências semelhantes podem ser provocadas por drogas e, por isso, não têm necessariamente a ver com a morte. Há inúmeros relatos de pessoas que, sem terem tido uma experiência de morte, tiveram uma experiência fora do seu corpo.

Quando cristãos professores têm experiências de morte, uma coisa precisa sempre permanecer firme: o cânon da Sagrada Escritura está encerrado. Não haverá novos conhecimentos que pudessem nos revelar algo que já não soubéssemos pela Bíblia. Cristãos que tiveram essas vivências não deveriam tirar conclusões teológicas, mas perguntar-se o que Deus lhes quer dizer pelo que viveram em vista da sua vida espiritual pessoal.

Queremos orar para que possamos discernir os espíritos (1 Coríntios 12:10; 1 João 4:1) e assumir uma posição clara e bíblica.

Perguntas para aprofundamento

- O que você responderia a uma pessoa que afirma ter morrido e voltado?
- Como você responde, por outro lado, à objeção: “Afinal, ninguém nunca voltou de lá!”?
- Por que as experiências de morte não relatam sobre o céu e o inferno?
- Como um cristão que teve uma experiência de morte deveria reagir a ela?
- Por que as experiências de morte não podem trazer à luz novos conhecimentos?

3 A visão bíblica do ser humano

O uso do termo “espírito-alma” obriga a examinar a visão bíblica do ser humano. De modo geral, o tema “morte” e “imortalidade da alma” não pode ser realmente entendido se não se examinar o ser humano e aquilo que o constitui. Isso deve acontecer aqui numa extensão limitada e em vista do nosso tema. A Bíblia, porém, não é um manual de antropologia¹²³ que falasse de forma abrangente sobre o ser humano num único lugar. Além disso, ela não fala sobre o ser humano na linguagem dos teólogos ou dos psicólogos, mas na linguagem do dia a dia. A linguagem bíblica é variada e usa muitas vezes a mesma expressão com significados diferentes. Não só por isso o tema é difícil e extenso; ele exige, portanto, esforço para se obter uma visão de conjunto. Mesmo que o tema seja difícil e que existam opiniões diferentes sobre ele, o crente não deveria deixar de se ocupar dele. Afinal, trata-se dele mesmo, de como Deus o criou, de como Deus o quis! Nisso se reconhecem a grandeza e a sabedoria de Deus.

Quem toma nas mãos a Palavra de Deus sobre esse tema encontrará vários termos que descrevem elementos essenciais do ser humano. São palavras como “coração, espírito, alma, rins, ossos, carne, corpo, pensamentos, consciência, mente, vontade” etc. Esses termos precisam ser examinados no seu contexto.

Com isso se constatará que os termos são usados numa variedade de significados e traduções. No fim do exame, portanto, não haverá uma solução em que tenhamos definições perfeitamente puras e inequívocas. Mas os termos essenciais ficarão mais claros, e poderemos situar melhor muitos deles. Será possível reconhecer uma estrutura ou ordem geral que podemos chamar de visão bíblica do ser humano.¹²⁴

O meu exame também não é um estudo extenso em si mesmo e fora de qualquer contexto. Ele se faz especialmente em vista da opinião errônea de que

123. Doutrina sobre o ser humano.

124. Em princípio, deve-se partir, nesse exame, do pressuposto de que o ser humano em toda a sua constituição, isto é, todos os seus elementos essenciais, ficou sob os efeitos do pecado, e de que por isso nenhum deles pode ser visto como neutro ou não influenciado pelo pecado. Neste ponto fica claro que as visões do ser humano em geral estão em contraste gritante com a visão bíblica do ser humano. Entre os psicólogos e filósofos que não conhecem o Criador e, portanto, rejeitam a Sua revelação, dificilmente encontraremos respostas que levem em conta a Queda ou a responsabilidade diante do Criador.

o ser humano, depois da morte, já não existiria de modo nenhum. Afirma-se que o ser humano não possui alma nem espírito como elementos distintos do corpo. O ser humano é visto *exclusivamente* na sua totalidade e unidade, que é destruída pela morte. Por conseguinte, a morte significaria a não existência até a nova criação na ressurreição. Espírito e alma, sede e centro da personalidade do ser humano, seriam, de acordo com isso, temporais e, como o corpo, perecíveis.

Como já mostrei detalhadamente que há consciência depois da morte, não surpreende que essas opiniões falsas se baseiem numa visão do ser humano que não corresponde à da Bíblia.

3.1 De que se compõe o ser humano?

Como já foi indicado, há vários termos no Antigo e no Novo Testamento que designam componentes essenciais do ser humano. E não são os termos “espírito” e “alma” que estão em primeiro lugar, mas é o “coração” que, mais do que todos os outros termos, descreve a essência do ser humano. “Coração” aparece mais de mil vezes na Bíblia, e com significados diferentes. O coração do ser humano – não o músculo oco que bombeia o sangue – é, no sentido figurado, o centro do ser humano, o seu ser mais íntimo e, por isso, também oculto.

O ser humano, como coroa da criação e imagem de Deus, é um ser extremamente complexo. Seria simples demais dividi-lo em dois ou três elementos. O ser humano não consiste em “substâncias” que se possam decompor, mas forma uma unidade com diferentes aspectos. Um aspecto¹²⁵ descreve o ser humano a partir de determinado ponto de vista ou ângulo. Consideramos o ser humano sob o aspecto da sua existência acima do tempo. A nossa pergunta é o que acontece com o ser humano na morte.

É notável que essa pergunta toque muitas vezes nos elementos essenciais ou aspectos essenciais chamados “espírito” e “alma”.¹²⁶ O coração, que mais do que todos os outros termos é o termo antropológico da Bíblia por excelência, quase não é mencionado, ou não é mencionado de modo nenhum, nesse contexto.

125. Ver a esse respeito, em detalhes, W.J. Ouweneel, *Psychologie, Ein Bibelorientiert-Wissenschaftlicher Entwurf*, Dillenburg (CVD), 1993, p. 61-67.

126. Por exemplo, Gênesis 8:21; Deuteronômio 6:5; 26:16; Provérbios 4:23; Mateus 22:37; Marcos 7:21; Romanos 1:21; 2:15; 10:9.

Duas passagens da Escritura devem servir de ponto de partida para o meu exame. Uma remonta à criação do ser humano; a outra aponta para o futuro:

“Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gênesis 2:7) e:

“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:23).

Nesses versículos encontramos os termos “espírito”, “alma” e “corpo” em ligação com a origem ou criação do ser humano e em vista do seu futuro. Paulo fala da vinda do Senhor, e para ele, nesta passagem bíblica, o ser humano inteiro consiste em espírito, alma e corpo. A expressão “vos santifique *em tudo*” sublinha expressamente essa verdade. Essa “ordem” dos elementos essenciais encontramos de fato uma única vez na Palavra de Deus, a saber, aqui. A partir dessa passagem, muitos deduzem uma divisão exclusivamente tripartida do ser humano.¹²⁷ Se fosse assim, onde ficaria então o coração do ser humano, e como se explicariam então todos os outros termos mencionados acima? Paulo não limita o ser humano, de modo geral, a esses três aspectos, pois também ele usa outros termos nas suas cartas. Aqui ele tem o futuro diante dos olhos e diz que o ser humano inteiro, na sua variedade, em todos os seus aspectos, será conservado até o dia de Cristo.

Para Paulo é importante ter essa visão do ser humano em vista do futuro. E a sua visão não é outra coisa senão a adoção e o resumo de todas as passagens contidas no Antigo Testamento que, a partir de Gênesis 2:7, dizem algo sobre a constituição do ser humano. Nem poderia ser de outro modo, pois a Sagrada Escritura, composta do Antigo e do Novo Testamento, forma uma unidade reunida por Deus. Com isso, a visão do ser humano de Paulo corresponde

127. Não acompanho aqui a antiga discussão sobre se o ser humano, no sentido bíblico, existe de forma dicotômica (em duas partes) ou tricotômica (em três partes). Prefiro a abordagem em que essa delimitação clara entre alma e espírito não existe, por causa dos seus múltiplos significados. Por isso é útil a constatação: “Do ponto de vista funcional, portanto, pode-se perfeitamente falar, no ser humano vivo, levando em conta a sua totalidade, de espírito, alma e corpo, como acontece, por exemplo, em 1 Tessalonicenses 5:23. Substancialmente, porém, continua valendo que o ser humano consiste em apenas duas ‘partes’: a parte transcendente do espírito-alma e a parte imanente do corpo. Assim se poderia falar de uma dicotomia substancial e de uma tricotomia funcional. A alma, portanto, não tem existência própria, independente do corpo e do espírito, embora também não seja completamente idêntica ao espírito, mas permaneça sempre distinguível – também depois da morte de um ser humano” (Roland Antholzer, *Geist, Seele und Leib – der Mensch in seiner Beschaffenheit*).

inteiramente à revelação de Deus tal como já tinha sido dada no Antigo Testamento. Não é, portanto, uma visão nova do ser humano, e muito menos grega, mas, se quisermos, uma visão hebraica ou judaica do ser humano.

Paulo menciona uma ordem determinada, em que coloca o espírito do homem em primeiro lugar. Com isso, porém, o corpo não é desvalorizado por estar em último lugar¹²⁸. Por que essa ordem foi escolhida se depreende da criação do ser humano, em que o espírito (o fôlego de vida) é o elemento essencial que faz do ser humano um ser humano, como imagem de Deus.

3.2 O espírito do homem

As principais afirmações do Antigo Testamento sobre a criação do ser humano são:

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança ... Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou” (Gênesis 1:26-27).

“Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gênesis 2:7).

Aqui vemos o primeiro ser humano, primeiro sem vida, formado do pó da terra. Então vem o processo da vivificação, único na história da criação: Deus sopra o fôlego de vida nas suas narinas. O resultado é o ser humano vivo, com um corpo material formado da terra, a única criatura que tem em si o fôlego de vida de Deus. O fôlego de vida entra nele e permanece ali; com isso pertence à sua constituição.¹²⁹ Ele faz dele um ser humano, como imagem de Deus.

3.2.1 O fôlego de vida

O fôlego de vida, que Deus deu de si mesmo, corresponde ao espírito humano, como Paulo também o chama em 1 Tessalonicenses 5.¹³⁰ A palavra “fôlego” (alemão: *Odem*) é traduzida de várias maneiras. Essa palavra tem um amplo

128. Ainda assim, é uma ordem que o cristão deveria observar: as necessidades do corpo podem se mostrar um fardo supérfluo e, com isso, um obstáculo para o desenvolvimento espiritual. Por isso Paulo disse: “esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão” (1 Coríntios 9:27). Ele não queria ser “determinado pelo corpo”, mas determinado pelo seu espírito, que é renovado pelo Espírito Santo. O seu corpo devia ser instrumento do seu espírito e seguir os seus pensamentos, e não o contrário.

129. Composição, constituição, ordem.

130. Isso é comprovado várias vezes pelo Antigo Testamento: Jó 27:3; 32:8; 33:4, 6; 34:14-15; Isaías 42:5; 57:16; 1 Reis 17:17, 21 em ligação com Salmos 104:29-30 e Ezequiel 37:1-14.

espectro de significados. Ela se refere a Deus, ao ser humano e aos animais. Um dos significados é que o fôlego de vida é o espírito que Deus deu ao ser humano, soprado nele como o elemento mais essencial da sua constituição, em contraste com o animal.

Pelo espírito que Deus dá a cada ser humano,¹³¹ o ser humano se torna uma pessoa independente, isto é, um “eu” e, com isso, também um “tu” para Deus. O termo “pessoa”, que nos é tão familiar, tem a sua origem exatamente aqui. Deus é um Deus infinito e, contudo, pessoal; Ele é o Criador e Mantenedor do ser humano.

O ser humano criado à imagem de Deus é uma pessoa cuja personalidade é derivada da personalidade de Deus.

3.2.2 O espírito vindo de Deus e o espírito do homem

Se o espírito que Deus dá faz do ser humano uma pessoa, ao formar o espírito do homem, então precisamos distinguir claramente dois aspectos desse espírito, que são de grande importância para o nosso tema. Por um lado, ele é e continua sendo o espírito que vem de Deus. Isso não torna o ser humano igual a Deus; antes, ele possui esse espírito como *dom*, em dependência do Doador, assim como as folhas de uma árvore só têm força e vida em ligação com a árvore. É nesse sentido que se deve entender também a afirmação de Paulo quando diz aos gregos no Areópago que somos “geração de Deus” (Atos 17:28-29; cf. a genealogia de Jesus em Lucas 3:38, onde Deus está no início como autor do gênero humano: “filho de Adão, *filho de Deus*”).

O segundo aspecto está na existência própria, humana, desse espírito. O espírito vindo de Deus tornou-se no ser humano o *espírito do homem*, que faz dele uma pessoa (Romanos 1:9; 1 Coríntios 16:18; 2 Coríntios 2:13; 7:13; Filipenses 4:23; 2 Timóteo 4:22; Filemom 25).

Assim se fala também do espírito (fôlego) “deles” – isto é, dos seres humanos –, que desfalece diante de Deus (Isaías 57:16). Aqui é o espírito humano na sua fraqueza e fragilidade, em contraste com o espírito vindo de Deus, que não pode desfalecer.

131. O “espírito vindo de Deus” não deve ser confundido com o Espírito Santo, que chamamos de terceira pessoa da Divindade. É o espírito vindo de Deus, mas não como pessoa, e sim como força vivificante. É aquilo que Deus deu de si mesmo ao ser humano.

O espírito é o ser mais íntimo do ser humano (Salmos 32:2; também chamado coração: Marcos 7:20-23; Isaías 57:15; 1 Coríntios 7:34)¹³². Ele é o centro do sujeito, o “eu” como pessoa (Isaías 26:9). Esse espírito vindo de Deus confere ao ser humano a semelhança com Deus (“Deus é espírito”; João 4:24) e constitui a sua humanidade, como Deus a planejou.

O espírito não é, como muitas vezes se supõe, a razão do ser humano. Essa opinião tem a sua origem na filosofia grega, em que o espírito é sinônimo de “razão” e “conhecimento”. Essa opinião obscurece a visão singular que a Bíblia tem do ser humano. A própria Bíblia destaca a diferença entre “espírito” e “razão”, embora o espírito tanto pense como sinta. O pensar, que atribuímos à razão, é apenas *uma* função do espírito (Provérbios 20:27; 1 Coríntios 2:11; 14:14; Isaías 29:24).

O espírito do homem é também o “lugar” em nós ao qual Deus pode falar. Ele é o ponto de contato e a antena para a atuação de Deus no ser humano (Provérbios 20:27). Assim, por exemplo, o Espírito Santo testifica com o nosso espírito (isto é, o espírito humano) que somos filhos de Deus (Romanos 8:16). Contudo, é o ser humano inteiro que é interpelado por Deus. O espírito é a entrada para a fala de Deus, mas, quando o ser humano se submete a Deus, é o ser humano inteiro que se coloca a serviço de Deus.

O espírito do homem é o essencial do ser humano, tanto no crente como no incrédulo (Gênesis 41:8; 45:27; Esdras 1:1, 5; Daniel 6:3). Mas, sem o Espírito Santo, o espírito do homem é carnal (Romanos 8:4-8), incapaz de entrar em contato com Deus.

A orientação para Deus do ser humano caído no pecado e do seu espírito humano se expressa claramente nas religiões. Na sua orientação para Deus, o ser humano não se volta para o seu Criador, mas para os ídolos, por trás dos quais estão os demônios.

O ponto essencial para a nossa análise é que o espírito dado por Deus possui a propriedade da imortalidade. A imortalidade do espírito humano, é verdade, não é mencionada explicitamente, mas decorre do fato de que o fôlego de Deus não pode morrer. É o fôlego, ou espírito, do Deus eterno (Romanos 16:26). O fôlego de Deus, que todo ser humano tem em si desde o princípio, não é, porém, o Espírito Santo como pessoa da Divindade. Só dos filhos de Deus se diz que o Espírito Santo habita neles. Com o fôlego de Deus não se quer dizer

132. Cf. “*homem interior*” em 2 Coríntios 4:16, onde, no entanto, descreve a nova vida do crente.

justamente a pessoa do Espírito de Deus, mas o fôlego de Deus como algo que corresponde à vida de Deus e que, por isso, é a força vivificante do ser humano. Esse fôlego de Deus é, quanto à essência e à “substância”, de Deus. Se o ser humano tem esse espírito, então o seu espírito – sempre em dependência do Deus eterno – também precisa ser imortal, ou seja, acima do tempo.

Neste ponto repito: o ser humano tem o fôlego de Deus como dom, que é decisivo para o seu ser humano. Na sua existência própria, ele constitui ao mesmo tempo a pessoa do ser humano. Por isso é interessante saber o que se diz sobre o espírito humano em ligação com a morte.¹³³ A passagem clássica do livro de Eclesiastes, citada com frequência, diz que o pó, isto é, o corpo humano, volta à terra, e o espírito volta a Deus, que o deu (Eclesiastes 12:7). O espírito é visto aqui na sua incorruptibilidade, ao sobreviver à morte e à decomposição do corpo. Esse espírito, porém, não é apenas o espírito vindo de Deus, que vivifica o ser humano. Ele é ao mesmo tempo o espírito do homem, no qual consistem a sua personalidade e a sua consciência do eu. Quando o espírito volta a Deus, volta com isso o espírito do homem, isto é, a pessoa (não apenas a vida do corpo), a Deus, e Deus o recebe, seja para o juízo, seja para a bênção.

O espírito do homem não está preso ao corpo e não passa como o corpo na morte. Quando o salmista diz que o espírito sai e volta à terra (Salmos 146:4),¹³⁴ não se pode concluir disso que a pessoa esteja presa ao corpo e que aquilo que constitui o eu se torne terra. A pessoa do ser humano está ligada ao seu espírito (1 Coríntios 5:5) e não deixa de existir quando o corpo morre e se decompõe.

O Novo Testamento nos mostra como o espírito da filha de Jairo voltou à menina morta (Lucas 8:55; Tiago 2:26) e como Estêvão entregou o seu espírito nas mãos do Senhor Jesus (Atos 7:59; cf. Lucas 23:46; Salmos 31:5). É nesse sentido que Pedro fala também dos espíritos que agora estão em prisão (1 Pedro 3:19). Por um lado, são as próprias pessoas; por outro lado, elas se encontram, porque morreram, num estado espiritual, isto é, não material (Hebreus 12:23).

133. Cf. seção 1.7.1.

134. Essa passagem nos Salmos é uma prova de que o termo “espírito” tem significados diferentes e aqui, por exemplo, significa simplesmente “respiração”.

3.2.3 Resumo

O conceito bíblico de espírito difere fundamentalmente do conceito de espírito de outras visões do ser humano. O espírito eleva a alma humana a espírito-alma e faz do ser humano uma pessoa. Ele é a garantia da identidade do ser humano. O espírito distingue o ser humano, como imagem de Deus, do animal. Porque o ser humano tem um espírito, Deus pode falar com ele, e vice-versa. Ele tem existência eterna, porque é o espírito que vem de Deus. O ser humano é, portanto, um ser destinado à eternidade, voltado para um mundo mais elevado e invisível.

3.3 A alma do homem

Entre o espírito e o corpo do ser humano, Paulo menciona a alma. Na Escritura, espírito e alma aparecem algumas vezes em estreita ligação um com o outro, de modo que cada termo por si só (1 Pedro 2:11; Filipenses 1:27) pode designar o homem interior (2 Coríntios 4:16; Salmos 103:1), isto é, o aspecto imaterial e invisível do ser humano. E, no entanto, esses dois termos também são distinguidos um do outro (Hebreus 4:12; 1 Tessalonicenses 5:23).

Muitas vezes se afirmou, sem razão, que a *alma* significa simplesmente a vida, tal como ela anima o organismo material do ser humano e do animal (ver Mateus 2:20; 16:25-26; Lucas 12:22). A palavra *alma* tem também esse significado, mas tem uma variedade de significados comparável à da palavra *espírito*.

A *alma* muitas vezes se distingue do simples significado de “vida”. Pois também a *alma*, como o espírito do homem, é um componente essencial dele (Jó 19:2; Provérbios 3:21-22; Mateus 10:28; Lucas 12:20; 2 Pedro 2:8).

Assim, por exemplo, o bem-estar da alma é contraposto ao bem-estar do corpo e da sua vida e, com isso, claramente distinguido deste (3 João 2). Os homens podem matar o corpo, mas não a alma (Mateus 10:28). Se nesse versículo a alma fosse a vida, ela seria morta junto com a vida do corpo. O Senhor Jesus caracteriza a alma nessa passagem claramente como elemento essencial do ser humano, que não está morto com a morte do corpo. Segundo as palavras do Senhor Jesus, a alma é claramente distinguida, como elemento do ser humano, do seu espírito e do seu corpo (Lucas 17:33; cf. 1 Pedro 2:25; Atos 14:22).

Como parte do ser humano, a alma é, ao lado do espírito, também a expressão do ser humano na sua totalidade. Por isso a Bíblia usa o termo “alma” quando se trata de contar pessoas (cf. Gênesis 46:25-27; Atos 2:41).

A alma forma no ser humano, juntamente com o espírito, a personalidade (Lucas 9:24; Hebreus 6:19; 10:39). Ela representa – como o espírito – o “eu” do ser humano (2 Coríntios 1:23; Isaías 53:11; Lamentações 3:24).

Se a alma ocupa uma certa posição intermediária entre o espírito e o corpo, então ela tem, por um lado, relação com o espírito, razão pela qual a chamamos também de “espírito-alma”. Por outro lado, ela está em estreita ligação com o corpo, o homem exterior.

A relação da alma com o corpo se expressa claramente quando lemos que a alma da carne está no sangue (Levítico 17:11; Deuteronômio 12:23). A alma do ser humano e do animal é ligada ao sangue (Gênesis 9:4-5). Por isso a morte do ser humano é designada também como o derramar da alma (Salmos 141:8; Isaías 53:12). Apesar de toda a diferença em relação ao corpo, a alma está em ligação muito estreita com ele, o que, dessa forma, não vale para o espírito. Por isso se diz na criação do ser humano que ele se tornou uma alma vivente, assim como também o animal é chamado de alma vivente (Gênesis 1:20-21, 24; 2:19; 9:10).

O fato de que o ser humano, na sua totalidade, se tornou uma alma vivente destaca justamente a estreita relação entre a alma e o corpo, pois ali se tratava da vivificação da terra, da matéria morta. Nesse sentido, e em nenhum outro, também o animal é chamado de “alma vivente”. A alma do animal não lhe foi soprada pelo Criador, o que acontece justamente com o ser humano. Nisso consiste a diferença essencial entre o animal e o ser humano (Levítico 24:17-18).

No Antigo Testamento também o cadáver é chamado (em hebraico) de “alma” (Números 5:2; 6:6, 11; 19:11, 13). Aqui a alma designa o corpo e a forma do ser humano. Assim o corpo é ao mesmo tempo também a forma exterior da alma, mas não a sua substância, isto é, o cadáver não é a alma. Ele não pode sê-lo porque a alma sai na morte do ser humano (Gênesis 35:18). O termo “alma”, em relação ao corpo humano morto, significa a forma da alma puramente corporal e material, mas sem a alma.

Essa ligação estreita do corpo com a alma indica que ela, também depois da morte do ser humano, está ligada à forma e à figura do “seu” corpo humano. A alma aparece, portanto, em “forma corpórea” (no sentido de Lucas 3:22). Esse

“corpo” do estado intermediário, porém, já não é material. Com isso a alma aparece, depois da morte, também como figura humana e pode ser reconhecida como tal.

Sob essa luz é compreensível que João veja as almas daqueles que tinham sido imolados por causa da Palavra de Deus (Apocalipse 6:9; 20:4). Se a alma fosse apenas a vida, o que ele teria visto então? Ele viu evidentemente figuras humanas, que reconheceu como tais. Mais do que isso – a saber, que João reconheceu as almas como figuras humanas – não se pode concluir a respeito da sua corporalidade espiritual no mundo invisível para nós. Aqui se deve deixar claro que a possibilidade de reconhecimento depois da morte tem algo a ver com a aparência exterior do ser humano, assim como isso acontece na terra pelo corpo material.

Essas reflexões sobre a continuação da existência da alma depois da morte tocam também na questão da imortalidade. Que a alma sobrevive à morte do corpo foi claramente mostrado. Se ela é imortal, isto é, de existência eterna, só se pode responder na sua ligação com o espírito. Como o espírito, que é imortal, habita na alma e, na constituição do ser humano, está em ligação inseparável com ela, e como os dois termos muitas vezes expressam uma só e a mesma coisa, também a alma do ser humano, como espírito-alma, precisa ser imortal. Ela não o é em si mesma, porque só Deus é imortal em si mesmo. Ela é imortal porque Deus a sustenta e porque Ele quer que ela viva e não morra.

3.3.1 Resumo

Embora não seja possível formular uma definição por causa dos significados múltiplos da palavra “alma” (755 vezes no Antigo Testamento), justamente dessa riqueza se pode deduzir: a alma do ser humano é um dos seus elementos essenciais. Ela é espírito-alma e, como tal, distingue-se da alma do animal, que não é uma alma-*espírito*. Ela é o elo de ligação entre o espírito e o corpo. Ela é a sede da personalidade e da vida individual do eu. Pelo espírito que nela habita, ela é imortal e conserva o ser humano como pessoa para além da morte do corpo. Também aqui fica claro – como no caso do espírito do homem – que o ser humano é um ser destinado à eternidade.

3.4 O corpo do homem

Também o corpo é um elemento essencial do ser humano. A parte visível do ser humano é muito mais acessível à nossa compreensão do que a sua parte invisível e, por isso, causa menos dificuldades ao nosso entendimento. Deus deu um corpo como Lhe aprouve (1 Coríntios 15:38). O corpo é expressão da sabedoria de Deus – também depois da Queda – e nos leva sempre de novo a nos maravilhar com o modo maravilhoso como fomos feitos (Salmos 139). O corpo de carne e sangue (Hebreus 2:14) possibilita e determina a nossa existência no mundo visível. Com o corpo vivenciamos, experimentamos e sentimos o mundo.

Pela morte, que irrompeu neste mundo pelo pecado, o corpo, a carne, fica sujeito à morte e à transitoriedade (Romanos 6:23; Isaías 40:6-8; 1 Pedro 1:24). Do ponto de vista do homem natural, que não alcança além da morte, cabe ao ser humano – como diz o Pregador – o mesmo destino do gado: ele volta a ser pó (Eclesiastes 3:19). O homem exterior se corrompe (2 Coríntios 4:16), assim como passa também a aparência deste mundo (1 Coríntios 7:31; Isaías 51:6), isto é, como passa tudo o que é visível (2 Coríntios 4:18).

O corpo tornou-se também o instrumento do pecado (Romanos 6). Por isso Paulo diz, ao falar da impotência do ser humano escravizado pelo pecado: “Quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7:24).

Isso, porém, não significa que o corpo seja um cárcere do qual só se é libertado pela morte. Essa é uma concepção da filosofia grega, totalmente oposta à visão da Bíblia sobre o corpo (cf. seção 4). O valor que o corpo tem aos olhos de Deus fica claro no maior mistério da história do mundo: o próprio Deus se fez homem, Deus manifestado na carne (1 Timóteo 3:16).

João diz que o Verbo se fez carne e habitou entre nós (João 1:14). O Senhor Jesus deixou que Lhe fosse preparado um corpo (Hebreus 10:5), para entregá-lo à morte como sacrifício na cruz (Hebreus 10:10). Quando morreu, Ele não deixou para sempre o Seu corpo, que tinha oferecido como sacrifício. Na ressurreição, porque Ele é perfeitamente homem e permanece assim para sempre, Ele recebeu um corpo que é glorificado e, ao mesmo tempo, é o modelo para todos os crentes, quando, na transformação e na ressurreição, forem revestidos do mesmo corpo de glória (Filipenses 3:21; Romanos 8:23).

O corpo dos crentes, pela redenção, tornou-se a habitação de Deus (1 Coríntios 6:19), porque Deus, o Espírito Santo, habita nele. Assim, o corpo, embora mortal por causa do pecado, é o instrumento pelo qual Deus agora é glorificado na terra (Romanos 12:1-2; 1 Coríntios 6:20). O ser humano inteiro é colocado a serviço de Deus.

A ressurreição dos crentes é a prova de que Deus não rejeita nem deixa para trás o corpo, como se talvez preferisse uma outra forma de existência. O que um dia saiu perfeito das mãos de Deus, mas foi desfigurado e corrompido pelo pecado, será um dia restaurado para a glória de Deus, com base na morte e na ressurreição de Cristo.

A filiação dos crentes só estará plenamente alcançada quando o corpo for redimido (Romanos 8:23).

Espírito, alma e corpo, o ser humano inteiro, estão destinados desde a criação à eternidade. O corpo só participará da imortalidade na ressurreição. O termo “imortalidade”, como oposto de “mortalidade”, aplica-se também somente ao corpo *ressuscitado* (Romanos 8:11), porque este se tornou um corpo “mortal” por causa do pecado. Por isso a Escritura não fala de “imortalidade da alma”, porque a alma nem era mortal nem se tornou mortal, como certamente aconteceu com o corpo.

3.5 Conclusão

É incontestável: a Bíblia conhece o ser humano na *unidade* de espírito, alma e corpo. Ainda que o ser humano tenha caído da sua destinação de viver em comunhão com Deus, a visão bíblica do ser humano, tal como se apresenta a partir da criação, permanece (Tiago 3:9).

Com isso enfatizo que os três aspectos formam uma unidade inseparável e representam o ser humano na sua totalidade, que se mantém até a morte. A morte produz uma separação provisória entre o corpo e o espírito-alma. Pela ressurreição, essa unidade do ser humano é restaurada.

O ser humano é um ser destinado à eternidade. Com isso não se quer dizer apenas uma parte do ser humano, mas o ser humano inteiro, na sua unidade e, ao mesmo tempo, na sua variedade quanto aos seus diferentes aspectos, como Deus o quis e realizou desde o princípio.

Perguntas para aprofundamento

- Por que a visão bíblica do ser humano é única?

- Cite termos que a Bíblia usa para a sua visão do ser humano.
- Qual é o termo central e por quê?
- Por que o espírito do homem é imortal?
- Cite algumas características principais do espírito humano!
- Cite algumas características principais da alma!
- Cite algumas características principais do corpo humano!

4 A imortalidade da alma

Como já usei muitas vezes o termo “imortalidade da alma”, quero agora dedicar-lhe um capítulo próprio, para que mal-entendidos infundados e, infelizmente, também insinuações possam ser removidos do caminho.

Esse termo polariza muitos cristãos. Ao longo da história da igreja, até os dias de hoje, ele levou a discussões extensas e acaloradas. E, no entanto, alcançou validade geral na cristandade, o que em si ainda não confirma a sua correção. Seria um tema extenso e interessante acompanhar a compreensão da imortalidade da alma ao longo da história da igreja. Essa, porém, não é a minha intenção, porque os diferentes pontos de vista, tal como se cristalizaram já cedo, permaneceram essencialmente os mesmos até hoje.¹³⁵

É notável que a Bíblia não use o termo “imortalidade da alma” nem fale diretamente desse fato. A ausência desse termo ou de uma paráfrase dele, porém, não é motivo para rejeitar a verdade que ele contém. Assim também se fala da triunidade (Trindade) de Deus, da substituição vicária de Cristo ou da velha natureza, embora a Escritura também não mencione esses termos. Apesar disso, eles expressam verdades de um modo que não só é correto, mas também útil.

Aqueles que rejeitam uma imortalidade da alma apontam com razão para o fato de que estamos lidando aqui com um termo pagão, neste caso dos gregos. Os gregos tinham no seu pensamento a imortalidade da alma. Eles usavam, aliás, também o termo “Hades” para o lugar dos mortos e para o deus do reino dos mortos.

Mas quem, só por causa da origem do termo “imortalidade da alma”, rejeita uma vida consciente depois da morte e na eternidade cai no extremo oposto. A luta contra a influência do pensamento grego é em parte tão acirrada que com ela se nega logo toda e qualquer imortalidade, exceto a do próprio Deus, e se joga fora, por assim dizer, o bebê junto com a água do banho.

Não quero aqui insistir nesse termo e defender a sua terminologia, muito menos cristianizá-lo. Trata-se de como devemos entender a imortalidade da

135. Por exemplo, *Texte der Kirchenväter*, München (Kösel Verlag), 1966, vol. 1, 4, 5.

alma no sentido bíblico.¹³⁶ De modo nenhum podemos abrir a porta, nem sequer uma fresta, para a filosofia pagã.

“Imortalidade da alma” significa que a alma, ao contrário do corpo, não morre (Mateus 10:28). Não pode ser que os gregos possuísem um certo grau de verdade, cujo fundamento está no fato de que Deus pôs a eternidade no coração do ser humano (Eclesiastes 3:11)? A fé numa vida depois da morte fazia parte de todas as culturas antigas. Os seres humanos conhecem a verdade, mas a detêm na injustiça e a suprimem, porque o seu coração está obscurecido (Romanos 1:18-32).¹³⁷

4.1 Vida eterna e imortalidade da alma

Uma objeção contra a imortalidade da alma se expressa na pergunta: por que o ser humano ainda precisa da vida eterna, se ele já possui uma imortalidade da alma *natural*?

Por essa formulação da pergunta fica claro que vida eterna e imortalidade da alma são entendidas como uma só e a mesma coisa. Isso é uma compreensão errada, pois as duas coisas são fundamentalmente diferentes uma da outra (cf. 2.9.2). Todo ser humano nasce com uma alma imortal. Mas, como descendente de Adão, ele é pecador, e todo o seu ser está impregnado pelo pecado. Por isso ele precisa de uma vida “nova”. A minha resposta a essa pergunta é: o ser humano precisa, “além” da sua alma imortal ou da sua existência eterna, da vida eterna. Como ele, por natureza, como criatura, já tem uma existência eterna, não precisa mais uma vez de uma vida sem fim, pois isso ele já tem. Ele precisa de “vida eterna”, que é muito mais do que simplesmente existência eterna. Ele precisa de uma existência “nova”, que recebe com a vida eterna. Ele se torna filho de Deus, porque nasce de novo para isso (João 1:12-13; 3:1-21).

O ser humano que não possui a vida eterna tem, ainda assim, uma existência eterna. Mas essa é uma existência eterna sem Deus. Na sua vida terrena ele vive sem Deus, morre sem Deus e, depois da sua ressurreição, continuará a viver eternamente sem Deus. A questão, portanto, não é se o ser humano existe

136. Como o leitor da Bíblia, que nem conhece as ideias dos gregos nem tem conhecimento das línguas originais, deve entender as passagens da Escritura que examinamos na seção 2? Para ele, “imortalidade da alma” não significa nenhum cavalo de Troia, nenhuma infiltração de ideias pagãs; antes, ele pode muito bem entender esse termo bíblicamente, no quadro do que foi elaborado na seção 2, e usá-lo nesse sentido. À luz do Novo Testamento, o termo tem a sua legitimidade; ele não precisa necessariamente transportar ideias pagãs.

137. Ver também Don Richardson, *Evangelii in ihren Herzen*, Lahr (Verlag der Liebenzeller Mission), 1999.

eternamente, mas em que relação com Deus ele existe eternamente. Todo ser humano tem uma existência eterna; o crente, como filho de Deus, tem pela vida eterna uma existência nova e eterna em comunhão com Deus. O incrédulo tem uma existência eterna sem Deus, porque o pecado o separa de Deus.

4.2 A imortalidade no Novo Testamento

A palavra “imortalidade” (grego: *atanasia*) aparece apenas três vezes no Novo Testamento. Em 1 Timóteo 6:16 se diz que Deus “é o único que possui imortalidade”. Deus possui imortalidade em sentido absoluto, em si mesmo. A imortalidade é um atributo que, dessa forma, só Deus possui.¹³⁸ Ninguém a deu a Ele, e ninguém pode tirá-la dele. Ela é Sua propriedade essencial, porque Ele é “Aquele que sempre é” (Êxodo 3:13-14) e o Deus imutável (Romanos 16:26). Por isso toda imortalidade deriva dele; só Ele pode concedê-la.

Daí se poderia tirar a conclusão de que ninguém, além de Deus, é imortal. O Senhor Jesus, porém, diz dos anjos que eles não morrem (Lucas 20:36); em outras palavras, eles são imortais. Então alguém além de Deus pode ter imortalidade? Isso não contradiz o fato de que “somente” Deus possui imortalidade? Não, os anjos não são imortais no mesmo sentido que Deus. Eles não têm essa propriedade em si mesmos nem independentemente de Deus. Também eles são mantidos em vida por Deus, como acontece com tudo o que vive. Todas as coisas são sustentadas pela palavra do Seu poder (Hebreus 1:3). Nesse sentido, toda a vida e, com isso, também a “imortalidade” é derivada de Deus e depende dele. Tudo o que vive, vive porque Ele o quer (Apocalipse 4:11; 1 Timóteo 6:13; Atos 17:25). Isso vale também para o espírito-alma do ser humano. A questão não é se alguém além de Deus pode ser imortal, mas de que modo o é.

O apóstolo Paulo usa o termo mais duas vezes no seu capítulo sobre a ressurreição (1 Coríntios 15:53-54). Ali a imortalidade se refere exclusivamente ao novo corpo que os crentes recebem na ressurreição ou na transformação. Só com esse novo corpo os crentes recebem a imortalidade no seu significado bíblico.

138. É notável que não se diga que Deus é imortal. Só faz sentido falar de imortalidade depois que a morte entrou na criação. É o oposto de “mortal”. Talvez não seja adequado dizer que Deus é imortal, pois Ele nunca teve nada a ver com a morte. Ele “possui” a imortalidade, não porque essa seja a Sua essência, mas porque Ele a dá a seres mortais.

Com isso, a imortalidade na Escritura se refere sempre ao ser humano inteiro. Ela, porém, só começa com a ressurreição. Abrange então o ser humano inteiro, e não apenas a sua alma. Para dizê-lo com clareza: a Escritura não usa o termo imortalidade em ligação com a alma. Por outro lado, também não se diz em parte alguma que a alma morre, quando ela é apresentada como elemento essencial do ser humano. Como a imortalidade se refere só ao corpo, a mortalidade também vale só para o corpo. Mas, como a alma não é mortal, também não existe imortalidade da alma. Ela também não a recebeu só mais tarde, pela recepção da vida eterna, como alguns afirmam.

No Novo Testamento, a mortalidade vale só para o corpo (Romanos 6:12; 8:11; 1 Coríntios 15:53-54; 2 Coríntios 4:11; 5:4). O corpo é mortal e pertence, por isso, à criação visível e, portanto, passageira (2 Coríntios 4:18). Para a alma, que não vemos, vale que ela, ao contrário do corpo, é eterna.

O termo “imortalidade da alma” não é, portanto, realmente exato. Não me importa defender esse termo, mas a verdade que ele expressa. Seria melhor falarmos da “existência eterna da alma”. Se continuo a usar o termo “imortalidade da alma” e até o uso como título do livro, faço isso em vista de uma melhor compreensão mútua.

A existência eterna do ser humano não abrange apenas a existência eterna da alma, mas também a do corpo (na ressurreição). O ser humano, na sua totalidade, está destinado à eternidade. O fato de o termo “imortalidade da alma” abordar apenas o aspecto da alma dentro da totalidade do ser humano se deve a que ele se refere somente ao tempo entre a morte e a ressurreição. O termo, portanto, só é válido, no quadro bíblico, para esse período. Qualquer significado que fosse além disso seria uma adoção da ideia grega, que deve ser totalmente rejeitada.

4.3 Entre a morte e a ressurreição

No tempo entre a morte e a ressurreição, o espírito-alma está sem corpo. O corpo se decompõe e só será trazido de volta na ressurreição. Aqui alguns objetam que a alma não pode ter existência própria sem o corpo, porque sem o corpo e seus sentidos não poderia haver consciência. A unidade do ser humano seria de tal natureza que a morte poria fim a *todas* as funções humanas.

4.3.1 A consciência da alma sem o corpo

O estado do ser humano após a morte é totalmente anormal, pois a morte rompe a unidade do ser humano. A morte separa o espírito-alma do corpo. O espírito-alma precisa agora “se arranjar” sem o corpo. É evidente que esse estado não é perfeito. Mas isso não prova que o espírito-alma sem corpo não teria consciência. No mundo visível, precisamos do corpo e dos sentidos para ter consciência. Não podemos, porém, transferir isso para o mundo além da morte, invisível para nós e totalmente diferente.

Pelos textos tratados na seção 2 ficou claro que, após a morte, não há restrições para a alma e sua consciência sem o corpo. A consciência da alma após a morte não está ligada ao corpo. Funções como falar e ouvir, que na verdade só podem ser atribuídas ao corpo, aplicam-se também às “almas” daqueles que tinham sido mortos (Apocalipse 6:9; cf. seção 2.9). Ainda que não possamos imaginar o estado da alma sem corpo, nem por isso podemos excluir a existência de tal estado. Pensemos apenas nos anjos: eles são espíritos (Hebreus 1:7, 14) que não têm corpo. E, no entanto, têm consciência de pessoa.

O apóstolo Paulo considerou possível que estivesse “fora do corpo” quando foi arrebatado ao terceiro céu (2 Coríntios 12:1-4).

4.3.2 A alma ainda precisa de um corpo?

Outro argumento diz: “Se a alma do ser humano continua a viver após a morte e a alma do crente entra no paraíso, para que é necessária ainda uma ressurreição? Para que precisamos de um corpo, se também sem ele alcançamos uma forma de existência bem-aventurada?”

Também aqui enfatizo que o tempo entre a morte e a ressurreição representa uma situação absolutamente excepcional. Poderíamos dizer que o ser humano não foi criado para esse tempo. A morte, falando em termos humanos, não estava prevista. Não era a vontade de Deus que o ser humano morresse. Por isso não se pode chamar de perfeito o estado após a morte, ainda que os crentes estejam no paraíso. O seu corpo ficou entregue à morte.

Esse argumento nos leva de novo à verdade, já tratada várias vezes, sobre o valor do corpo criado por Deus e sobre a unidade do ser humano. Essa obra de Deus foi destruída pela morte. A morte, porém, só pode ser vencida e anulada pela ressurreição.

Assim como a obra de Jesus Cristo seria incompleta sem a Sua ressurreição (Romanos 4:25), assim também seria incompleta a redenção (Romanos 8:23) se o corpo dos crentes falecidos ficasse para trás no túmulo. A morte teria vencido se não houvesse ressurreição. Na ressurreição está em jogo a honra e a glorificação de Deus, que sem a ressurreição seriam diminuídas.

Cristo, depois de morrer, foi para o paraíso (cf. seção 2.3). Mas Ele não ficou lá, embora seja um lugar da maior bem-aventurança. Ele ressuscitou dentre os mortos. Com a Sua ressurreição, a nossa salvação se sustenta ou cai. Sem a Sua ressurreição não haveria justificação, nem paz com Deus. Isso não contradiz o fato de que Ele foi para o paraíso e de que o Seu espírito-alma não morreu. Aqui vemos que a imortalidade da alma e a ressurreição não se excluem nem se anulam mutuamente. Portanto, a imortalidade da alma no sentido bíblico não torna a ressurreição sem objeto. Mas, se alguém crê na imortalidade da alma no sentido grego, de fato não precisa de ressurreição. O conceito de imortalidade da filosofia grega não tem nada em comum com a imortalidade bíblica, como mostra a comparação a seguir.

4.4 A imortalidade na Bíblia e na filosofia grega

Como argumento mais forte contra a doutrina da imortalidade da alma, aponta-se a sua origem pagã. A ideia de imortalidade dos gregos recebeu em Platão a sua expressão mais conhecida, embora a crença numa imortalidade da alma já existisse muito antes dos gregos, por exemplo entre os babilônios.

A cristandade adotou a ideia de imortalidade dos gregos e a misturou com a doutrina bíblica? Infelizmente podemos constatar que de fato foi assim. Aqui preciso dar razão aos que rejeitam a imortalidade da alma. Por isso é preciso traçar uma linha divisória clara e rejeitar toda mistura.

Com base nos contrastes entre o pensamento grego e a esperança cristã da ressurreição, ligada ao conceito *bíblico* de imortalidade, deixarei claro que não faço nenhum compromisso com o paganismo. As diferenças apresentadas em quatro pontos (certamente não são todas as que existem) devem bastar para mostrar quão incompatíveis são as duas ideias. Elas têm pontos de partida e de chegada totalmente opostos.

4.4.1 O dualismo

A filosofia grega divide o ser humano em duas substâncias: corpo e alma, ou matéria e espírito. Do ponto de vista bíblico, essa divisão ainda seria admissível¹³⁹ se fosse uma divisão entre partes de igual valor. Mas não é, pois os gregos consideravam a alma e o espiritual superiores ao corpo e viam o corpo como a prisão da alma. Por isso a morte era para eles a libertação da prisão, pela qual a alma encontrava a verdadeira vida. Entre eles havia uma cisão entre espírito e matéria.

Na Bíblia, partindo da criação do ser humano, o corpo nunca é secundário, pois é criação de Deus e, por isso, é bom (cf. seção 3.3). Ainda que o pecado tenha causado a morte, continua válido que o corpo do crente é o templo no qual o próprio Deus habita (1 Coríntios 6:19). Com o seu corpo, o crente é membro do corpo de Cristo.

4.4.2 A ressurreição

Os gregos não conheciam uma ressurreição do corpo, porque ela não se encaixava no seu pensamento (Atos 17:32-34). Uma ressurreição do corpo devolveria a alma à prisão do corpo.

O corpo não é algo do qual a alma precise ser libertada. Isso fica claro pelo fato da ressurreição. O próprio Deus restaurará o corpo na ressurreição.

Quando os cristãos creem que o espírito-alma existe eternamente, não abrem mão, com isso, da ressurreição. A ressurreição não é substituída nem excluída pela imortalidade da alma no seu sentido bíblico. As duas coisas pertencem necessariamente uma à outra, e de tal modo que uma não existe sem a outra.

Porque Deus criou o espírito-alma do ser humano imortal, Ele tornou possível a ressurreição corporal com identidade pessoal. A ressurreição não é, portanto, uma nova criação a partir de um nada no qual o ser humano cai ao morrer, mas a reunião do espírito-alma com o corpo. É vontade de Deus que a identidade pessoal de cada ser humano seja preservada e continuada na ressurreição.

Assim, a ressurreição dos mortos é pressuposto da imortalidade da alma. Se não houvesse ressurreição, também não haveria imortalidade da alma. O plano de Deus abrange o ser humano em sua totalidade. Por isso não pode haver uma

139. Como homem “interior” e “exterior”.

existência eterna da alma sem o corpo. Deus restaurará a unidade do ser humano.

Por fontes já citadas sabemos que os fariseus estavam convencidos da imortalidade da alma e criam na ressurreição. Também eles estavam expostos à influência helenística, mas a ressurreição era para eles um bem da fé fundamentado no Antigo Testamento. Para eles não era problema nem contradição reconhecer a relação entre a imortalidade da alma e a ressurreição.

A imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos não são opostas. Segundo o ensino bíblico, elas estão ligadas (cf. seção 2.2); uma condiciona a outra. Isso não é nem um compromisso nem uma forma mista de doutrina cristã e ideias pagãs.

4.4.3 A imortalidade da alma não é o estado final

Para os gregos, a alma alcança após a morte o seu destino definitivo; ela é o “divino” no ser humano, que volta para Deus. Como, segundo a Bíblia, há uma ressurreição, a alma ainda não alcançou após a morte o seu destino final. A doutrina da imortalidade da alma, do ponto de vista bíblico, não descreve um estado final eterno. Após a morte, trata-se de um estado provisório da alma, que só dura até a ressurreição. A morte provocou uma “situação excepcional” limitada no tempo, que será anulada graças à ressurreição de Jesus Cristo.

4.4.4 A personalidade

Os gregos criam na preexistência da alma: assim como a alma, como centelha divina, voltaria para Deus após a morte, assim também ela já existiria em Deus antes da concepção do ser humano. Eles viam a alma como parte de uma “alma universal” sobrenatural. Depois de se desfazer da prisão do corpo, ela abria mão de novo da sua individualidade.

Aqui está uma diferença decisiva em relação ao conceito de alma da Bíblia. Nela, a alma é, pela criação de Deus, sede e expressão da personalidade de cada ser humano. A alma é um espírito-alma individual e continua sendo assim para sempre. A sua existência não começa antes, mas junto com a história de cada indivíduo, sem jamais cessar.

Diante dessas diferenças graves, ainda se pode manter a acusação de que os cristãos querem dizer o mesmo que os gregos quando falam da imortalidade da

alma? Eles simplesmente adotaram ideias pagãs? As diferenças mencionadas devem deixar suficientemente claro que esse não é o caso.

4.5 Conclusão

A seguir resumo em três pontos por que creio que todo ser humano tem uma existência eterna, à qual, segundo o ensino bíblico, pertence também um espírito-alma eterno.

- O espírito do ser humano é o espírito de vida soprado pelo próprio Deus (cf. seção 3.1). Porque esse espírito vem de Deus e ao mesmo tempo forma o espírito do ser humano, o espírito-alma do ser humano precisa existir eternamente, como o próprio Espírito de Deus. Essa existência se baseia unicamente na vontade de Deus, que mantém tudo com vida.
- Em seguida examinamos detalhadamente os testemunhos da Escritura sobre o estado após a morte (seções 2.1-10). Ficou claro que o ser humano, quando morre, não deixa de existir, mas continua a viver. Como devemos explicar esse fato? A explicação mais coerente é que o espírito-alma do ser humano não está sujeito à morte do corpo.
- Além das pessoas que possuem a vida eterna, há aquelas que não a possuem. São os incrédulos, dos quais o Senhor Jesus diz que irão para o tormento eterno. Esse tormento, assim como a alegria eterna dos crentes, não tem fim, ou seja, é eterno (Mateus 18:8; 25:41, 46; 2 Tessalonicenses 1:9; Hebreus 6:2). Sobre os perdidos permanece a ira de Deus para sempre (João 3:36; cf. seção 6.2).

René Pache¹⁴⁰ resume acertadamente este tema:

O ser humano recebe

- no seu nascimento, com a sua alma, a existência sem fim
- no seu novo nascimento ... a vida eterna
- na sua ressurreição, com o seu corpo, a imortalidade

A imortalidade da alma não é uma negação da realidade da morte, mas um componente essencial da existência humana, tal como a Sagrada Escritura a descreve.

140. René Pache, *Das Jenseits*, Wuppertal (Verlag Sonne und Schild), 1957.

4.6 O significado desta verdade

Esta verdade importante é de grande significado para a pregação do evangelho. Justamente no fato de que todo ser humano tem uma alma imortal está o estímulo para alcançar as pessoas com o evangelho. Paulo diz: “Conhecendo, pois, o terror do Senhor, persuadimos os homens” (2 Coríntios 5:11). O tribunal de Cristo será, para os incrédulos e para as pessoas que não se arrependeram, o momento em que será pronunciada sobre eles a sentença que sela o seu destino eterno (Romanos 14:10-12; Apocalipse 20:11-15). Por isso todo cristão deveria ser tomado pela necessidade da pregação do evangelho: “porque ai de mim, se não pregar o evangelho!” (1 Coríntios 9:16).

Perguntas para aprofundamento

- Por que a imortalidade da alma é muitas vezes rejeitada?
- Essa rejeição é justificada?
- Qual é o significado bíblico da imortalidade da alma?
- Qual é a diferença entre a vida eterna e a imortalidade da alma?
- Quais pessoas têm uma alma imortal?
- Quais pessoas têm a vida eterna?
- A alma pode ter consciência sem o corpo, e por quê?
- A alma precisa mesmo de um corpo, e por quê?
- Que diferenças há entre a compreensão grega e a compreensão bíblica da imortalidade da alma?

5 O futuro dos mortos

Nos capítulos anteriores ficou claro que o ser humano, crente ou não, ao morrer ainda não alcançou o estado final. O estado imediatamente após a morte, que o ser humano vive de modo consciente, tem duração limitada. Por isso é um estado intermediário, uma estação intermediária no caminho para a eternidade. No entanto, já no início do estado intermediário fica claro para os mortos onde passarão a eternidade, porque esse tempo já é marcado por aquilo que será a sua parte na eternidade: tormento de um lado e alegria do outro.

Com os crentes, os filhos de Deus, Deus tem algo grandioso em vista. O Seu propósito é glorificá-los e torná-los conformes à imagem de Seu Filho (Romanos 8:17, 29-30). Isso diz respeito a todos os crentes – não importa se, quando Cristo voltar, ainda estiverem vivos ou se já tiverem morrido. A morte não pode deter o propósito de Deus, porque a morte foi aniquilada na ressurreição de Cristo.

Diferente é a situação daqueles que morreram sem reconciliação e sem paz com Deus. Eles também têm um futuro. Não são aniquilados na morte, pois têm um espírito-alma imortal. Mas o seu futuro será terrível. Segundo as palavras da Bíblia, eles estão “perdidos”. Também para eles o estado intermediário terminará, e então serão levados diante do Juiz de toda a terra (Gênesis 18:25) para ouvir a sentença.

O futuro dos crentes e o dos incrédulos diferem fundamentalmente. Isso diz respeito também à sequência temporal dos acontecimentos. Por isso seguiremos duas linhas, para ver como Deus alcança o Seu objetivo com os crentes e com os incrédulos.

O estado intermediário é marcado pela separação do espírito-alma e do corpo. Como Deus sempre tem em vista o ser humano inteiro, esse não pode ser o estado definitivo. Por isso a ressurreição – a restauração da unidade do ser humano – é o próximo grande acontecimento que os mortos viverão.

5.1 A ressurreição

A ressurreição põe fim ao estado da morte, isto é, à separação entre o corpo e o espírito-alma. É propósito de Deus, fundamentado na criação, restaurar o ser

humano na sua totalidade, isto é, composto de espírito, alma e corpo (1 Tessalonicenses 5:23).

Essa restauração na ressurreição não é uma nova criação a partir do nada, como se o ser humano, na sua morte, tivesse passado completamente e sido apagado. Quando Adão, depois da sua morte, voltou a ser pó, isso não atingiu o Adão “inteiro”, mas somente o seu corpo mortal, que fora feito do pó da terra. O seu espírito-alma não passou como o corpo mortal. Nem podia passar, porque nele estava o fôlego de vida de Deus.

Assim, o espírito-alma do ser humano continua a viver após a morte, separado do corpo, até o momento em que Deus, na ressurreição, o une de novo ao seu corpo (2 Coríntios 5:1-4).

A continuação da existência do espírito-alma até a ressurreição é o fundamento e o pressuposto para que a identidade pessoal de cada ser humano seja preservada também na ressurreição. Isso significa que o ser humano, na ressurreição, é exatamente a mesma pessoa que um dia viveu na terra. A personalidade do ser humano – à qual pertencem espírito, alma e corpo –, tal como Deus a deu a cada pessoa (cf. Salmos 33:15; Isaías 45:9; Romanos 9:20-21), não se perde. Ela não é alterada nem criada de novo, mas é preservada. Não sairá, portanto, do túmulo outra pessoa, embora o corpo venha a ser novo. Não é maravilhoso quanto cada ser humano, como personalidade, é precioso para Deus!?

A prova disso é a ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Foi o mesmo Senhor que ressuscitou dentre os mortos e que morreu na cruz. A Sua morte como homem foi também a separação do Seu espírito-alma e do corpo. Ele – isto é, o Seu espírito-alma (Atos 2:27, 31) – foi, na Sua morte, para o paraíso, para o céu, para junto de Seu Pai (Lucas 23:43, 46). O Seu corpo esteve três dias no sepulcro. Por isso não havia dúvida de que Ele tinha realmente morrido. Na Sua ressurreição, essa separação foi novamente anulada, de modo que Ele agora, como homem na ressurreição, ocupa o primeiro lugar como o primogênito entre muitos irmãos (Romanos 8:29).

E, no entanto, a ressurreição, no que diz respeito ao corpo, é como uma nova criação. Só Deus, o Senhor sobre a vida e a morte, pode realizar isso. É como na criação: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Salmos 33:9). É Deus “que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Romanos 4:17). Só Ele pode trazer de volta o corpo

decomposto com as características que eram próprias de cada ser humano. Nisso se manifesta a grandeza do poder de Deus e a força do Seu poder (Efésios 1:19-20).

5.1.1 A ressurreição no Antigo Testamento

A ressurreição dos mortos já era a esperança das pessoas no tempo do Antigo Testamento. Assim, Abraão encontrou coragem para obedecer a Deus e oferecer o seu único filho, porque “considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos” (Hebreus 11:19; cf. Gênesis 22; Romanos 4:17). Isaías diz: “Os teus mortos viverão, os meus cadáveres ressuscitarão. Despertai e exultai, os que habitais no pó” (Isaías 26:19). Daniel diz: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Daniel 12:2). Ezequiel diz: “Assim diz o SENHOR Deus: Eis que abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel” (Ezequiel 37:12; ver também os versículos 5 e 6).

A ressurreição (seja a ressurreição nacional do povo, seja a do corpo) era um bem da fé do israelita crente (Hebreus 6:2; Atos 26:6-8; Jó 19:25-27). Por essa esperança da ressurreição eram conhecidos sobretudo os fariseus – ao contrário dos saduceus –, que criam que, na vinda do Messias, quando Ele estabelecesse o Seu reino, haveria uma ressurreição dos mortos (Atos 23:6).

O fato da ressurreição, porém, só ganha forma concreta com a ressurreição de Jesus Cristo, pois a Sua ressurreição é o fundamento da ressurreição dos mortos como tal: “Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos” (1 Coríntios 15:21). Porque Ele morreu como homem e ressuscitou como homem, a ressurreição do ser humano está garantida. Isso vale especialmente para os crentes, porque estão unidos a Cristo, o Ressuscitado, tanto na vida como na morte (Romanos 14:8-9).

Mas a ressurreição não se limita expressamente aos redimidos; ela é a parte de todo ser humano, também daquele que não creu (João 5:29; Atos 24:15).¹⁴¹ Mas a ressurreição dos justos e a ressurreição dos injustos são fundamentalmente distintas uma da outra, tanto quanto ao momento como quanto ao caráter. A Escritura ensina claramente que há uma primeira ressurreição, a ressurreição da vida, que diz respeito só aos redimidos, e, para

141. No entanto, só a respeito dos crentes se diz que serão vivificados.

“os restantes”, uma última ressurreição, a do juízo (Apocalipse 20:5). Por isso não haverá uma ressurreição “geral” no “último dia” (João 11:24), na qual todos os seres humanos, sem exceção, ressuscitarão ao mesmo tempo.

5.1.2 A ressurreição da vida

A ressurreição da vida designa a ressurreição dos crentes, porque ela se realiza pela vida da ressurreição do Filho de Deus e é marcada por ela (Romanos 6:9-10). Junto ao túmulo de Lázaro, que tinha morrido, Ele disse: “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11:25). Ele é a ressurreição e a vida em pessoa. Sem Ele não haveria nem a ressurreição nem a vida para além da morte! Os crentes ressuscitarão porque possuem a vida do Senhor Jesus como a sua vida.

Outro motivo pelo qual os crentes falecidos ressuscitarão é que o Espírito Santo habita neles: “Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (Romanos 8:11).

O mesmo Espírito que estava em Jesus (Colossenses 2:9; Hebreus 9:14) e se manifestou com poder quando Ele ressuscitou (Romanos 1:4; 1 Pedro 3:18) habita também em nós (1 Coríntios 6:19; 1 Tessalonicenses 4:8; 1 João 4:13). Por isso o Espírito da vida (Romanos 8:2) atuará também na ressurreição dos crentes falecidos. O Espírito Santo é o penhor e, com isso, a garantia de que os crentes serão ressuscitados (2 Coríntios 5:5) e não ficarão para trás quando o Senhor vier (1 Tessalonicenses 4:13-17).

Na ressurreição e na transformação, a obra da redenção nos crentes chegará à sua consumação (Romanos 8:23; Filipenses 1:6; 1 Tessalonicenses 5:23). Quando o Senhor Jesus voltar como Salvador para os crentes (1 Tessalonicenses 1:10; 4:15-16; João 14:3), para transformar o nosso corpo de humilhação, nós, como pecadores redimidos, traremos também a imagem do celestial (Filipenses 3:20-21; Tito 2:13; 1 Coríntios 15:49). Ele já agora é o nosso Salvador (João 4:42), pois os nossos pecados estão perdoados, e Ele nos conduziu a Deus (1 Pedro 1:19; 2:24; 3:18). Mas o nosso corpo, antes da vinda do Senhor, ainda não tem parte nessa salvação e ainda está morto por causa do pecado (Romanos 8:10; cf. 6:12). O corpo do crente ainda está sujeito à mortalidade. Por isso nós, os que vivemos, aguardamos a Ele como Salvador do nosso corpo.

Isso vale também para os que adormeceram em Cristo, nos quais o mesmo poder eficaz do Salvador se manifestará de modo irresistível na sua ressurreição. Então se tornará realidade também aquilo que no conselho de Deus já há muito tempo é visto como consumado. Seremos glorificados, e Cristo ocupará entre os irmãos o lugar de primogênito (Romanos 8:29-30). Ele é a cabeça de uma nova criação (Colossenses 1:18), que é o fruto da Sua ressurreição.

O apóstolo João, no livro do Apocalipse, chama a ressurreição da vida de “primeira” ressurreição: “Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Apocalipse 20:5-6).

Quem tem parte na primeira ressurreição é chamado bem-aventurado, porque a segunda morte, a morte eterna no inferno, não tem poder sobre ele. Portanto, os injustos não participarão da primeira ressurreição, pois não podem ser chamados bem-aventurados e santos. Esta é a ressurreição dos justos, na qual eles serão recompensados pelas suas obras justas (Lucas 14:14; 20:35-36; Atos 24:15). O apóstolo Paulo trata da ressurreição dos mortos, e especialmente da ressurreição dos crentes, de forma detalhada em 1 Coríntios 15. O motivo dessa discussão foi que alguns em Corinto afirmavam que não havia ressurreição dos mortos (versículo 12). Eles não tinham percebido que isso significava que também Cristo não podia ter ressuscitado dentre os mortos – e, com isso, a fé deles teria sido sem sentido. Depois de defender a ressurreição de Cristo como o fundamento da fé cristã e de refutar os falsos mestres, Paulo explicou ainda a natureza da ressurreição.

“Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem” (1 Coríntios 15:20). Cristo é apresentado como o autor da ressurreição dos Seus. Com eles Ele está unido para sempre. Ele é a cabeça de uma nova família (Romanos 5:12-21). Ele é o seu precursor e quem prepara o caminho, ao abrir para eles a porta da morte para a vida. Ele agora está do outro lado da morte, e a morte já não tem domínio sobre Ele (Romanos 6:9).

O termo “primícias” expressa uma posição de primazia. Do ponto de vista temporal, Ele é o primeiro de um determinado tipo de ressurreição. Pois já antes da Sua ressurreição houve pessoas que foram ressuscitadas. Elas, porém, não receberam um corpo da ressurreição, mas morreram de novo depois. Na

Sua ressurreição, a morte foi vencida definitivamente. Quando Ele ressuscitar os crentes, eles não morrerão mais.

Paulo descreve a primazia do Senhor Jesus também em outra passagem: “Ele é ... o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia” (Colossenses 1:18). A Sua ressurreição aconteceu “dentre” os mortos (Marcos 9:9; 1 Pedro 1:3, 21). Também os crentes serão ressuscitados “dentre” os mortos, isto é, outros – os incrédulos – ainda ficarão para trás por enquanto. Estes não participam da primeira ressurreição, mas só serão chamados dos seus túmulos na “última” ressurreição. Por isso a Escritura distingue claramente a “ressurreição dos mortos” da “ressurreição dentre [os] mortos [para fora deles]” (Lucas 20:35; Atos 4:2; Filipenses 3:11).

Por um homem, Adão, a morte entrou no mundo e passou a todos os seres humanos, de modo que todos morrem (Romanos 5:12, 21). Mas em Cristo a morte é aniquilada, porque Ele, como homem, venceu pela Sua ressurreição a morte que Ele mesmo antes teve de provar (Hebreus 2:9). A ressurreição de Cristo dentre os mortos era a única possibilidade de vencer a morte.

1 Coríntios 15 trata somente da ressurreição dos crentes. Trata-se dos que são de Cristo (versículo 23), isto é, que pertencem a Ele, que estão nele (versículo 22) e que experimentarão o poder vivificante do segundo homem (versículos 45-47). Mas também os incrédulos serão ressuscitados. Eles não têm ligação com Cristo. Ele exercerá sobre eles o Seu poder como Ressuscitado, chamando-os dos túmulos para o juízo (João 5:29). Essa manifestação de poder do Filho do Homem faz parte da conclusão dos caminhos de Deus com a primeira criação (Apocalipse 21:4). No fim, Ele também removerá para sempre o último inimigo, a morte.

Esse acontecimento inclui também a ressurreição dos injustos, porque, com a remoção da morte, também a morte (corporal) deles chega ao fim. Assim, a ressurreição dos incrédulos está incluída em 1 Coríntios 15, ainda que não seja mencionada diretamente. Essa ressurreição permanece em segundo plano como acontecimento necessário. Os incrédulos não têm parte na vitória do Senhor Jesus sobre a morte, que é descrita de modo tão marcante neste capítulo.

Perguntas para aprofundamento

- Cite razões pelas quais os crentes têm parte na “ressurreição da vida”!
- Distinga isso da ressurreição dos incrédulos!

5.1.3 O corpo na ressurreição

A natureza do corpo da ressurreição é difícil de descrever porque não existe nada comparável com base no qual pudéssemos imaginar esse novo corpo. Só conhecemos o corpo que temos agora. Este é “carne e sangue”, é um corpo natural, feito do pó da terra. Por causa do pecado, está sujeito à mortalidade e à corrupção.

Paulo diz que “carne e sangue” não podem herdar o reino celestial de Deus (1 Coríntios 15:50). Por isso é necessária uma transformação do corpo terreno. Deus dá aos crentes – aos que dormem, na ressurreição; aos vivos, na transformação – um corpo celestial (1 Coríntios 15:40, 48-50). Esse corpo corresponderá às condições de vida do céu.

Sem dúvida, portanto, tem de ser um corpo diferente do atual. E, no entanto, ele terá semelhança com o atual. Haverá uma continuidade, na qual a forma do ser humano permanece. Pensemos no Senhor como Ressuscitado. Os discípulos O reconheceram. Era Ele a quem tinham seguido. Até as feridas da Sua crucificação ainda eram visíveis.¹⁴²

Essa semelhança também se expressa em Paulo. Ele diz que os nossos corpos mortais serão vivificados. O corpo mortal que temos agora será reanimado e receberá, na ressurreição, a imortalidade.

Do mesmo modo, a Escritura enfatiza que será um corpo diferente. Pela comparação da ressurreição com a sementeira, fica claro que da terra cresce algo diferente da semente que foi colocada na terra. Também essa imagem, por sua vez, deixa claro que existe uma semelhança e uma continuidade: a semente e o fruto que dela sai são “essencialmente” iguais, porque são uma e a mesma planta.

Precisamos ter em vista esses dois aspectos (semelhança e diferença). A pessoa, que está ligada ao corpo que temos agora, é preservada e será reconhecível como tal. Mas o tipo de corpo será totalmente novo. Pode-se comparar isso com a antiga e a nova criação. Também a nova criação será semelhante à antiga, embora ao mesmo tempo seja totalmente nova (Apocalipse 21:1).

142. Isso certamente será uma exceção, pois são as feridas da Sua obra de redenção (cf. o Cordeiro como que morto, ou com a ferida mortal; Apocalipse 5). Os crentes, a meu ver, não terão marcas de feridas no seu corpo da ressurreição.

O maior de tudo em relação a esse novo corpo é o fato de que seremos semelhantes a Ele, o Filho de Deus (1 João 3:2). Paulo diz: “ressuscita em glória” (1 Coríntios 15:43). Tudo trará a marca da glória de Cristo. É a glória que Ele recebeu quando subiu ao céu e foi glorificado. A semelhança com o Senhor se refere à Sua glória exterior. Assim, quando nos manifestarmos com Ele, traremos a imagem do *celestial* (1 Coríntios 15:49; Filipenses 3:20-21). Por isso Ele poderá ser admirado naqueles que creram (2 Tessalonicenses 1:10).

Como a morte foi vencida, o novo corpo já não será mortal (1 Coríntios 15:54-55). Em relação ao corpo que morreu, diz-se que ele se revestirá da *incompressibilidade*. O corpo que morreu se decompôs. Isso nunca mais acontecerá com o novo corpo. Em relação ao corpo dos vivos, que ainda não morreu, diz-se que ele se revestirá da imortalidade. A morte já não existirá (Apocalipse 21:4)!

Também essas características, a *incompressibilidade* e a imortalidade do novo corpo, são as do Filho de Deus ressuscitado: “sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre” (Romanos 6:9). O Senhor Jesus diz que os justos, na ressurreição, não morrerão mais. Eles são iguais aos anjos, que são imortais (Lucas 20:36).

Nesse contexto, o Senhor também diz que na ressurreição não haverá mais relação conjugal e, com isso, também não haverá mais reprodução. Isso não significa que também a distinção entre os sexos desapareça. Essa distinção é preservada no fato de que Deus preserva a personalidade do ser humano, à qual pertence justamente também o ser homem e o ser mulher.

O corpo natural foi criado para a terra. Por isso ele é marcado e determinado pela sua ligação com a terra. Ele estava sujeito às leis e às condições de vida da terra. Na ressurreição, porém, receberemos um “corpo espiritual” (1 Coríntios 15:44). Este já não estará sujeito às condições da terra. Isso fica claro no corpo do Senhor Jesus na ressurreição. Ele não estava preso ao espaço e ao tempo. O Senhor entrou por portas trancadas. Na avaliação dos discípulos, só podia ser um espírito. Mas o Senhor diz que um espírito não tem as características de um corpo de carne e ossos. Os discípulos podiam apalpá-Lo, e Ele até comeu o peixe assado (Lucas 24:36-43).

Pergunta para aprofundamento

- Enumere algumas características do corpo da ressurreição!

5.1.4 O momento da ressurreição

Não haverá, portanto, uma ressurreição geral e simultânea de todos os mortos no fim dos dias. A Escritura distingue claramente o momento da ressurreição dos justos do momento da ressurreição dos injustos. Isso já é indicado pelo fato de que há uma ressurreição dos crentes “dentre” os mortos, na qual os demais mortos, por enquanto, não são ressuscitados. Também a designação “primeira” ressurreição (Apocalipse 20:5) deixa claro que mais tarde ainda haverá uma “segunda” ou “última” ressurreição.

A suposição de que haveria apenas *uma* ressurreição geral no fim dos dias, seguida de um juízo, é deduzida das palavras do Senhor Jesus: “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (João 5:28-29).

Do termo “hora” deduz-se que só poderia haver *uma* ressurreição geral. Entende-se a hora como um momento. Mas aqui precisamos pensar num período de tempo que se estende por um intervalo mais longo. Nesse sentido, João fala muitas vezes de uma “hora” (João 4:21, 23; 5:25; 16:2, 25; 1 João 2:18; Apocalipse 3:10; 14:7; 17:12). Desses versículos se depreende claramente que a hora não designa um momento ou uma unidade de tempo de 60 minutos, mas uma época que, por um lado, dura muito mais do que uma hora e, por outro, é marcada por determinadas características e acontecimentos.

Em João 5:25, o Senhor fala de uma hora que não pode ser limitada a um período de 60 minutos, mas que abrange o tempo da graça, que já dura 2000 anos, no qual a voz do Filho de Deus chama as pessoas para fora da sua morte espiritual. Em relação à ressurreição, a “hora” se estende por um período de pelo menos 1000 anos. Esse sentido figurado da hora vale também para o “último dia” (João 6:39ss.; 11:24). Esse dia não designa um momento que marca o fim do mundo, mas é, como a hora, um período, uma época, na qual acontecerão as diferentes ressurreições.

A ressurreição da vida, ou seja, a dos crentes, acontece quando Cristo voltar. Isso faz parte da ordem estabelecida por Deus: “Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda” (1 Coríntios 15:23). O momento da ressurreição dos justos é aqui equiparado ao

momento da vinda de Cristo. Com isso a data está determinada com precisão. A vinda (grego: *parousia*) de Cristo, por sua vez, acontece em dois momentos diferentes. Consequentemente, há também duas ou três fases de ressurreições da “primeira” ressurreição: 1. Cristo; 2. os crentes no arrebatamento; 3. os mártires no início do reino de paz.

Primeiro, o Senhor Jesus voltará para buscar todos os crentes vivos para junto de Si no céu (João 17:24; Filipenses 3:20-21), na casa do Pai (João 14:2-3). Essa é a Sua vinda para o arrebatamento dos crentes, na qual os mortos em Cristo serão ressuscitados e os crentes vivos serão transformados (1 Coríntios 15:51-52; 1 Tessalonicenses 4:13-17). A primeira vinda diz respeito somente aos crentes. Ele então não vem de modo visível para todas as pessoas, como será o caso num momento posterior.

A primeira vinda de Cristo é a esperança dos crentes. Eles aguardam dos céus o Filho de Deus, que os livrará da ira vindoura, que virá sobre a terra quando eles estiverem no céu (1 Tessalonicenses 1:10). A essa ressurreição pertencerão também os crentes do tempo do Antigo Testamento (Hebreus 11:35, 39-40). Eles serão vistos, junto com os crentes da igreja, depois da ressurreição, nos 24 anciãos que rodearão no céu o trono de Deus e o Cordeiro (Apocalipse 4:4ss.). Os ressuscitados estarão no céu quando a ira e o juízo de Deus vierem sobre a terra (Apocalipse 6–19).

Depois, o Senhor Jesus Cristo aparecerá pela segunda vez, visível para todas as pessoas, com poder e glória (2 Tessalonicenses 1:7-8; Hebreus 1:6; Apocalipse 1:7; 19:11-16). Também então crentes ressuscitarão. São os que morreram depois do arrebatamento. João diz deles que foram decapitados por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus e que não adoraram a besta; eles serão vivificados (Apocalipse 20:4).

A primeira ressurreição acontece, portanto, em dois passos:

- primeiro os crentes da igreja e do Antigo Testamento
- depois os crentes que morreram depois do arrebatamento até o reino de paz

Os crentes da primeira ressurreição serão introduzidos no céu com corpos glorificados. Ali habitarão eternamente. Recebem um corpo celestial, com o qual terão o seu lar eterno não na terra, mas no céu.

Para os crentes ressuscitados não haverá mais juízo. A questão do juízo foi resolvida para eles na cruz do Gólgota. Também é evidente que aqueles que já

foram aperfeiçoados e trazem o corpo da glória não serão ainda julgados, com a possibilidade de, afinal, se perderem.

Os crentes, no entanto, comparecerão perante o tribunal de Cristo (2 Coríntios 5:10). Ali, porém, não está em jogo a questão da salvação. Ali se trata da avaliação das suas obras e da recompensa (1 Coríntios 3:12-15). Ali verão e avaliarão a sua vida do ponto de vista de Deus, para que conheçam assim como foram conhecidos (1 Coríntios 13:12). Reconhecerão e louvarão a graça que os levou com segurança ao alvo.

5.1.5 A ressurreição do juízo

Sobre a ressurreição dos injustos (Atos 24:15), a Escritura diz pouco. Algumas coisas já foram mencionadas na comparação com a ressurreição da vida. A Escritura fala dessa ressurreição como de um acontecimento importante que ocorrerá e com o qual Deus levará a história da primeira criação à sua conclusão.

Essa ressurreição ocorrerá num instante e abrangerá todos os mortos que não tiveram parte na primeira ressurreição, ou seja, que ficaram restando (Apocalipse 20:5). Só nesse sentido se poderia falar de uma ressurreição geral no último dia.

O Senhor Jesus chamará os injustos dos seus túmulos (João 5:28-29). Essa ressurreição Ele chama de “ressurreição do juízo”, porque é marcada pelo juízo. Os injustos já estão julgados durante a sua vida, porque não creram (João 3:18). Depois da sua ressurreição, vão para o juízo eterno, que começa com a sessão de julgamento do grande trono branco (Apocalipse 20:11).

O apóstolo João fala desse acontecimento em Apocalipse 20:11-15. Ele fala dos *restantes* dos mortos (Apocalipse 20:5), que não revivem até que se completem os 1000 anos do reinado de Cristo. Com isso, também o momento da última ressurreição está determinado com precisão. No fim desse período de reinado (1 Coríntios 15:24), os mortos serão chamados. Eles ressuscitarão para ser levados diante do Juiz dos vivos e dos mortos (Hebreus 12:23; Romanos 2:16; 2 Timóteo 4:1).

João descreve de modo impressionante esse acontecimento futuro: ele vê primeiro um grande trono branco. Este transmite de imediato a impressão de autoridade suprema e de justiça e santidade absolutas (1 João 1:5). Depois ele avista aquele que está sentado no trono. Diante dessa pessoa fogem os céus e a

terra. Esse é o fim da primeira criação (1 Coríntios 15:24). A terra e o céu fogem (Apocalipse 20:11) e são desfeitos pelo fogo (2 Pedro 3:7, 11). Agora a antiga criação precisa dar lugar à nova criação. Que pessoa deve ser aquela que desencadeia um acontecimento assim! E o que sentirão então as pessoas que estarão diante dessa pessoa!?

Quem é que está sentado no trono? É o Senhor Jesus Cristo, o Filho do Homem, a quem Deus Pai entregou todo o juízo (João 5:22, 27; Atos 10:42; 17:31; 2 Coríntios 5:10). O Juiz é um homem que viveu Ele mesmo na terra e conhece perfeitamente o ser humano. Por isso ninguém poderá insinuar que Ele não seria capaz de avaliar por experiência alguma situação humana.

Depois o olhar de João vai adiante, e ele vê uma grande multidão de pessoas em pé diante do trono. São todos os mortos incrédulos que já viveram na terra. Nem um só foi esquecido. Do menor ao maior, todos aparecerão ali. Nessa hora da verdade não se fará distinção.

Chama a atenção que essas pessoas, depois de ressuscitadas, ainda sejam chamadas de “mortos”. Isso não é contradição, pois já ficou claro que diante do grande trono branco estarão somente os injustos. A primeira ressurreição, ou seja, a dos justos, já aconteceu pelo menos 1000 anos antes. Se as pessoas diante do trono, apesar de ressuscitadas, são chamadas de “mortos”, com isso se designa o seu estado de perdição: estão espiritualmente mortas nos seus pecados (Efésios 2:1), morreram a morte corporal como salário do pecado e, depois do pronunciamento da sentença, vão para a morte eterna em plena consciência da sua culpa e da sua pecaminosidade (Apocalipse 20:6, 14).

O material de prova para a sentença é o livro da vida¹⁴³ e os livros nos quais todas as obras estão registradas (Daniel 7:10). No livro da vida estão todos os que tiveram parte na ressurreição da vida. Estes, por isso, nem sequer estarão diante desse trono, pois a sua ressurreição já aconteceu 1000 anos antes. Diz-se que todos os que, nesse juízo, não foram achados inscritos no livro da vida foram lançados no lago de fogo. Aqui estão, portanto, somente aqueles que serão lançados no lago de fogo!

Da descrição de João, porém, poder-se-ia deduzir que diante do trono estão também alguns que não vão para o lago de fogo, já que encontramos ali o livro da vida. Por que ele é consultado? A razão é que esse juízo procede com extrema exatidão. É eliminada toda dúvida que ali pudesse surgir a respeito do

143. Lucas 10:20; Filipenses 4:3; Hebreus 12:23; Apocalipse 3:5; 13:8; 17:8; 20:12, 15; 21:27; 22:19.

estado de alguma pessoa. O exame do livro excluirá toda confusão. Ninguém que tenha vida e esteja inscrito nesse livro seria lançado injustamente no lago de fogo.

Ali o ser humano será plenamente convencido e confrontado com a verdade sobre si mesmo. Para isso servem também os outros livros, nos quais todos os atos estão registrados. Aqui é preciso observar especialmente que os incrédulos serão julgados segundo as suas obras. Todas as obras – as supostamente boas e as más – serão vistas, examinadas e avaliadas. Diante desse Juiz, o ser humano terá de admitir quão corrompida foi a sua própria vida. Esse reconhecimento é terrível, pois ali não há reparação, e também não há advogado que interceda por ele.

Não será proferida uma sentença superficial ou genérica. O juízo será absolutamente justo e incorruptível, até em todos os detalhes, porque é o Juiz justo e onisciente que exerce o juízo (2 Timóteo 4:8; Salmos 7:11; 9:4).

Mais uma vez João parece se perguntar de onde vêm tantos mortos. Ele viu como o mar, a morte e o Hades entregaram os seus mortos. Com isso não fica excluído nenhum lugar e nenhum estado onde ainda pudessem se encontrar mortos. A morte e o Hades são lançados no lago de fogo, com o que o último inimigo, a morte, chega ao seu fim (1 Coríntios 15:26).

A primeira morte, ou seja, a morte corporal, então já não existirá, porque depois da última ressurreição já não haverá mortos no sentido da separação entre espírito-alma e corpo. Por isso o Hades, como lugar dos mortos, já não será necessário. A terrível conclusão desse fato é que os injustos, ou seja, os perdidos, sofrerão com o seu corpo a segunda morte, o lago de fogo. O Senhor Jesus diz que se deve temer aquele “que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28). Dessas palavras se depreende inequivocamente que o ser humano irá com alma e corpo para o inferno, que é o lago de fogo.

Assim, essa segunda ressurreição acontece unicamente com o propósito de que os injustos sejam banidos com o seu corpo para o inferno. A sua perdição não atingirá só a sua alma, mas também o seu corpo. Com isso os mortos, depois da sua ressurreição e do juízo, entram no estado definitivo e eterno.

Pergunta para aprofundamento

- Distinga as diferentes fases (ou momentos) da ressurreição de crentes e incrédulos!

6 O ser humano na eternidade

O começo do estado eterno, o início de uma criação totalmente nova (Apocalipse 21:1), é a consumação dos caminhos de Deus com o mundo. A história da salvação, depois de longo tempo, está concluída. Deus, no fim, alcançou o Seu objetivo e levou à consumação o Seu conselho eterno. Nisso Ele será glorificado. Ele fez tudo e deu tudo para que o ser humano, Sua criatura e Sua imagem, possa experimentar a bem-aventurança e a alegria eterna.

Se, em relação à vida após a morte, dependemos totalmente da revelação da Palavra de Deus, o mesmo vale quando se trata do ser humano na eternidade. Também nessa questão precisamos da revelação de Deus. Devemos à grande graça de Deus o fato de Ele nos revelar também isso numa medida tal que podemos tirar daí conclusões importantes para a nossa vida. O objetivo de Deus é sempre que o estudo das coisas futuras não apenas satisfaça a nossa curiosidade, mas tenha também um efeito sobre a nossa vida diária.

Na eternidade haverá, exatamente como hoje, dois grupos de pessoas: os que têm vida de Deus e os que não têm vida de Deus. Nisso está a relação com o nosso tema, a existência eterna do ser humano, ou, dito de outra forma, a imortalidade da alma. Se se parte do princípio de que o ser humano, depois da morte – ainda que apenas temporariamente –, perde a sua existência, então se poderia chegar à conclusão de que em algum momento ele perderá a sua existência definitivamente. Por isso encontra-se, entre os que creem que a alma é mortal, a opinião de que os incrédulos um dia serão aniquilados. As doutrinas da mortalidade da alma e da aniquilação do ser humano costumam aparecer juntas, porque a mortalidade da alma é naturalmente o pressuposto para a aniquilação do ser humano. Mas nós constatamos, com base na Sagrada Escritura, que o ser humano tem uma existência eterna e que, por isso, os incrédulos nunca serão aniquilados.

No mais tardar na análise a seguir ficará claro que a verdade da imortalidade da alma, ou da existência eterna do ser humano, não é secundária nem de importância menor. Não se pode varrê-la para debaixo do tapete em favor da unidade entre os cristãos. Quando se abre mão dessa verdade, a imagem do

ensino bíblico é distorcida (Romanos 6:17) e a mensagem do evangelho é diminuída.

6.1 Os crentes na eternidade

Pouquíssimos crentes duvidam de que têm um futuro eterno. Ainda que existam opiniões diferentes sobre o “onde” e o “como”, todos vão ao encontro da eternidade com alegre expectativa. Aguardamos a vinda do dia de Deus e novos céus e nova terra (2 Pedro 3:11-13).

Deus nos chamou em Cristo Jesus para a Sua glória eterna (1 Pedro 5:10). Fomos chamados para o Seu próprio reino e a Sua própria glória (1 Tessalonicenses 2:12). Uma glória indizível está preparada para nós, que ultrapassará em muito a nossa imaginação (por exemplo, Romanos 8:18, 21, 29-30; 2 Timóteo 2:10).

“No céu, tudo o que aqui na terra torna a vida difícil estará superado para sempre. Os habitantes desse lugar nunca mais terão de suportar dor, tristeza, abatimento, doença, morte, pecado, egoísmo, cansaço ou sofrimento, pois ‘as primeiras coisas passaram’ (cf. Apocalipse 21:4; 22:3). O céu será um lugar de amor indescritível, de beleza, de paz, de alegria, de aventura e de comunhão com Deus (Apocalipse 21:4). Dificilmente conseguimos imaginar o que um Deus infinitamente amoroso, todo-poderoso e onisciente fará na eternidade por aqueles pelos quais Ele de bom grado sacrificou o Seu único Filho (cf. Romanos 8:32; 1 Coríntios 2:9; 3:21-23). A vida ali ultrapassará em muito as nossas ideias. Se no céu falta tudo o que é negativo, então esse lugar deve estar repleto de tudo o que é novo e positivo: ‘E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras’ (Apocalipse 21:5).”¹⁴⁴

Vale a pena continuar refletindo sobre essas glórias e bênçãos celestiais do cristão, e eu gostaria muito de continuar a me ocupar disso agora. Mas aqui não está em questão a existência eterna dos crentes. Disso ninguém duvida. É diferente com os incrédulos e o seu futuro. Aqui as opiniões divergem fundamentalmente.

144. John Ankerberg e John Weldon, *Fakten über Sterbeerlebnisse*, Pfäffikon (Verlag Mitternachtsruf), 2001, p. 67.

6.2 Os incrédulos na eternidade

Os incrédulos, que não se arrependeram e não têm o perdão dos seus pecados, morrerão no seu pecado (João 8:21). Depois disso os aguarda o juízo (Hebreus 9:27). Eles caem nas mãos do Deus vivo (Hebreus 10:31), que é absolutamente santo e, por isso, odeia e abomina o pecado. A ressurreição dos incrédulos acontece, por isso, somente para o juízo (João 5:29). Esse é um fato inegável, fundamentado nas afirmações da Palavra de Deus: a ira do Deus santo permanecerá para sempre sobre os incrédulos (João 3:36).

Perguntamos com o apóstolo Pedro: “qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (1 Pedro 4:17-18). A Palavra de Deus não nos deixa no escuro a esse respeito. Mas, antes de dar uma resposta a essa pergunta, quero lembrar mais uma vez que o Deus Salvador, na oferta do Seu Filho unigênito, fez tudo para salvar pecadores perdidos. Não é a vontade de Deus que o pecador se perca (1 Timóteo 2:4; 2 Pedro 3:9), mas que viva e seja salvo da morte eterna. Deus se empenha por todo ser humano e procura alcançá-lo no Seu amor divino. Nenhum ser humano jamais poderá culpar a Deus pelo seu destino eterno. A condenação eterna atingirá todas aquelas pessoas que não honraram a Deus, o Criador, e rejeitaram o Seu Filho.

O apóstolo Paulo fala do agir justo de Deus, tanto na graça como no juízo (traduzido da versão alemã Elberfelder): “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, da sua paciência e da sua longanimidade, e não sabes que a bondade de Deus te conduz ao arrependimento? Mas, segundo a tua obstinação e o teu coração impenitente, acumulas ira contra ti mesmo para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras: aos que, perseverando na boa obra, buscam glória, honra e incorruptibilidade, a vida eterna; mas aos que são contenciosos e desobedientes à verdade, mas obedientes à injustiça, ira e indignação. Tribulação e angústia sobre toda alma de ser humano que pratica o mal” (Romanos 2:4-9).

Ira, indignação, tribulação e angústia são aqui expressões para o justo juízo de Deus sobre o pecador impenitente. A Sagrada Escritura fala de modo inequívoco do juízo futuro e eterno. Ela não omite a realidade da ira de Deus sobre o pecado, como infelizmente muitas vezes se faz hoje. A santidade e a justiça de Deus, que entregam o pecador ao inferno, não se encaixam no pensamento da maioria das pessoas e, infelizmente, também não no de muitos

cristãos. Com demasiada frequência se crê, ou se espera, que Deus estaria disposto a fazer concessões e que, em graça, faria vista grossa ao pecado. Essa suposição, porém, não ajuda ninguém, pois engana o ser humano a respeito da natureza de Deus e da natureza do pecado e, com isso, também a respeito do seu próprio destino eterno.¹⁴⁵

A Sagrada Escritura usa diferentes designações e imagens ou comparações drásticas para descrever o juízo eterno da forma mais impressionante possível. Elas devem mostrar ao ser humano quão a sério Deus leva o pecado e quanto Ele deve ser temido no juízo. A Bíblia fala do céu e do inferno como lugares realmente existentes e usa uma linguagem figurada para descrevê-los. Não duvidamos da realidade do céu pelo fato de ele ser descrito por imagens (ver o Apocalipse de João) e, por isso, também não podemos duvidar da realidade do inferno.

Examinemos os três termos e imagens essenciais que falam desse juízo. São o inferno, o lago de fogo e a segunda morte.

6.2.1 O inferno (Geena)

O próprio Senhor Jesus Cristo fala onze vezes do inferno nos Evangelhos (Mateus 5:22, 29-30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Marcos 9:43, 45, 47; Lucas 12:5; no Novo Testamento, além disso, só em Tiago 3:6). O inferno é o lugar onde os injustos, em plena consciência da sua culpa, são deixados sozinhos para sempre e julgados por Deus.

É notável que seja o próprio Senhor Jesus Cristo quem mais fala do inferno, o lugar do juízo terrível, embora Ele mesmo seja a revelação do amor de Deus. Ninguém conhecia o amor de Deus como Ele, e Ele tinha vindo para revelá-lo. Mas como é possível que o amor de Deus seja compatível com um juízo tão terrível? Porque também ninguém conhecia a santidade de Deus como Ele. O apóstolo João diz: “Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 João 1:5). A expressão *lux* representa aqui a santidade de Deus, em contraste com as trevas, uma expressão para o pecado e para tudo o que tem a ver com ele.

145. A banalização e a rejeição do tormento eterno se manifestam em diferentes variantes: 1. universalismo e reconciliação universal: todos os seres humanos serão salvos no fim; 2. condicionalismo, ou imortalidade condicional: os não redimidos serão aniquilados – também chamado “aniquilacionismo”; 3. possibilidade de conversão e salvação após a morte (condicionalismo hipotético). Cada uma dessas doutrinas deve ser rejeitada como antibíblica e como um esvaziamento da fé.

Os judeus do tempo de Jesus tinham uma certa ideia do que se devia entender por “inferno” (grego: *gehenna*). Essa ideia derivava de um lugar conhecido e da sua história. A palavra grega corresponde à palavra hebraica *gehinnom*. Ela designa o vale de Hinom, que desce ao sul da cidade de Jerusalém (Josué 15:8; 18:16). Na história de Israel, sob os reis Acáz (2 Reis 16:3) e Manassés (2 Reis 21:6), esse foi o lugar da mais abominável idolatria. Ali se sacrificavam crianças ao ídolo Moloque (2 Crônicas 28:3; 33:6). Elas eram queimadas ao som de tambores, para abafar os seus gritos. Deus anunciou um juízo terrível para essas abominações (Jeremias 7:32; 19:5-9; 32:35).

Durante o avivamento sob o rei Josias, esse lugar foi destruído e transformado num monte de ruínas (2 Reis 23:10). Mais tarde esse lugar se tornou um depósito de entulho e de lixo. Para lá eram levados os resíduos e a imundície da cidade de Jerusalém. Também os cadáveres de criminosos executados eram levados para lá, para serem queimados. Era um lixão, no qual ardia constantemente fogo para eliminar o lixo. Os vermes encontravam no lixo comida suficiente para poderem viver ali. Por isso, em ligação com o inferno, fala-se muitas vezes também do verme que não morre e do fogo que não se apaga (Marcos 9:43-48; Isaías 30:33; 66:24).

Nos escritos dos judeus, o que acontecia nesse lugar é comparado com o juízo punitivo dos injustos, no fim dos tempos e eterno.¹⁴⁶ O Senhor Jesus Cristo se liga aqui à ideia judaica daqueles dias. As Suas palavras, ao contrário da ideia dos judeus, são uma revelação da verdade divina. Duas coisas Ele destaca de modo especial:

- O ser humano inteiro é entregue ao juízo do inferno: “temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28; cf. Lucas 12:5). O juízo do inferno (Mateus 5:29-30) atingirá a alma tanto quanto o corpo (Lucas 12:47).
- O inferno está ligado inseparavelmente ao fogo: “e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo” (Mateus 5:22). “É melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga” (Marcos 9:43-44; cf. Mateus 5:29).

146. Strack / Billerbeck, *Exkurs: Scheol, Gehinnom u. Garten Eden*, München (Verlag C.H. Beck) p. 1029-1037.
G.W. Bromiley, *Theological Dictionary of the NT*, Grand Rapids (Eerdmans) 1985, p. 113.

O ser humano teme o fogo. No inferno, o juízo atinge o corpo, a alma e o espírito. A imagem do fogo fala de tormento e de angústia. Não conseguimos imaginar isso. A imagem é impressionante o bastante. É uma advertência que não poderia ser mais insistente. O fogo é muitas vezes usado como expressão do juízo de Deus, que, no dia do juízo, se dirige contra tudo o que não está em harmonia com Deus (Gênesis 19:24; Levítico 10:2; Números 16:35; 1 Coríntios 3:13; 2 Tessalonicenses 1:8; Hebreus 10:27; 2 Pedro 3:7; Apocalipse 20:9; 21:8).

Outros versículos que não mencionam o termo “inferno”, mas descrevem o mesmo juízo, são:

“Melhor é entrares na vida aleijado ou coxo do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno” (Mateus 18:8).

“... e os [os filhos do maligno] lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 13:42; cf. 8:12).

Judas diz: “sofrendo punição do fogo eterno” (Judas 7).

6.2.2 O lago de fogo

O lago de fogo é, em concordância com os versículos acima, outra designação para o inferno (Apocalipse 19:20; 20:10, 14-15). Desse lugar são mencionados apenas poucos detalhes. É o lugar onde o pecador jamais encontrará descanso por toda a eternidade. O lago, assim como o mar, sugere uma inquietação perpétua (Apocalipse 14:11).

Primeiro, a besta e o falso profeta (duas pessoas do tempo do fim, ver Apocalipse 13) são lançados no lago de fogo (Apocalipse 19:20). Vivos, eles vão para esse lugar que arde com fogo e enxofre. 1000 anos depois, o diabo é lançado no lago de fogo, para ser atormentado dia e noite pelos séculos dos séculos (20:10).

O lago de fogo, o fogo eterno, foi preparado para o diabo e seus anjos – não para o ser humano! (Mateus 25:41). Mas, porque o ser humano seguiu o diabo, tomou o mesmo caminho da desobediência e não quis se submeter a Deus, também ele encontrará ali o seu destino eterno (Apocalipse 20:10, 14-15; 14:10).

O fogo existe para queimar e eliminar algo, como acontecia também com o lixo no vale de Hinom. No juízo do inferno, porém, não se trata de queima no sentido de aniquilação.

Além da doutrina da aniquilação completa do ser humano, existe também a opinião de uma permanência limitada no tempo no inferno. Ela serviria para

cumprir uma pena limitada ou até para a purificação no sentido do purgatório. Se a imagem do fogo fosse interpretada nesse sentido, todos os ímpios seriam queimados instantaneamente e de imediato ao serem expostos a esse fogo. Eles não têm nem vida nova nem qualquer coisa boa que pudesse restar numa purificação. Do inferno não há escapatória; ele tem apenas uma entrada, mas nenhuma saída.

O fogo, como ardia no vale de Hinom, é uma imagem da realidade do inferno, na medida em que descreve os tormentos do pecador.

6.2.3 A segunda morte

Já constatamos que a morte não é o fim da existência do ser humano, mas, fundamentalmente, uma mudança na forma de existência. Além disso, a morte sempre provoca uma separação. A segunda e, com isso, última morte (Apocalipse 20:6, 14) é a separação definitiva do pecador em relação a Deus. Nisso consiste o juízo eterno do pecador. Por isso Paulo chama esse juízo de “eterna destruição, *banidos da face do Senhor*” (2 Tessalonicenses 1:9). Como Deus não pode ver o pecado, Ele precisa banir o pecador para sempre da Sua presença (Mateus 7:23; 25:12), já que a luz e as trevas não podem ter comunhão uma com a outra (2 Coríntios 6:14). O pecador é banido para as trevas exteriores. Ele sabe então que Deus não pode aceitá-lo com o seu pecado (Mateus 22:13; Lucas 13:22-28; 2 Pedro 2:17; Judas 13). Muitas pessoas não querem ter nada a ver com Deus – então também ficarão para sempre sem Deus. Esse fato nos faz estremecer diante daquilo que, para sempre e sem fim, será a parte dos pecadores.

O afastamento e a ausência definitivos de Deus significam estar nas mais extremas trevas da morte – uma perdição que nunca termina.

Pergunta para aprofundamento

- Com que imagens o Novo Testamento descreve o destino eterno dos incrédulos?

6.3 Quanto tempo dura o castigo?

Essa é uma pergunta importante e muito discutida ao longo dos séculos da história da Igreja até hoje. Aqui as opiniões de muitos cristãos divergem. Uns afirmam que o castigo é limitado no tempo. Quando o ser humano tiver cumprido a sua pena, será aniquilado para sempre ou entrará no céu. Os outros,

entre eles também o autor, estão convencidos, com base na Palavra de Deus, de que o castigo nunca terminará.

A pergunta não pode ser respondida de modo objetivo quando ideias (e desejos) e sentimentos humanos têm direito a voto. A Sagrada Escritura tem de ser a única autoridade. As afirmações da Bíblia deixam inequivocamente claro que o castigo e o tormento dos ímpios serão eternos, ou seja, ilimitados no tempo. Isso fica claro nas seguintes passagens da Escritura:

“É melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível” (Marcos 9:43; cf. Mateus 3:12; Isaías 66:24; Jeremias 17:4).

“Melhor é entrares na vida aleijado ou coxo do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno” (Mateus 18:8).

“Sofrendo punição do fogo eterno” (Judas 7).

“Também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite ...” (Apocalipse 14:10-11; cf. 20:10).

O fogo arde eternamente, isto é, é inextinguível. A duração da eternidade, inimaginável para os seres humanos (“pelos séculos dos séculos”), é aqui comparada – para nos tornar isso mais concreto – com a sucessão infinda e incessante de dia e noite.

“E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mateus 25:46). “O ensino ... do juízo eterno” (Hebreus 6:2). “Eterna destruição, banidos da face do Senhor” (2 Tessalonicenses 1:9). “Para os quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre” (Judas 13; cf. 2 Pedro 2:17). “Pelo contrário, sobre ele permanece a ira de Deus” (João 3:36).

“Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão *para sempre*, mas é réu de pecado *eterno*” (Marcos 3:29; Mateus 6:15; 12:32). Onde não houver perdão do pecado para sempre, haverá também eternamente o juízo de Deus sobre o pecado. Independentemente da questão de quais pessoas são essas que blasfemam contra o Espírito Santo, também este versículo deixa claro que na eternidade haverá pessoas que não têm o perdão do pecado e sobre as quais a ira de Deus permanecerá eternamente.

Objeta-se, porém, que as palavras “eterno” e “eternidade” nem sempre descrevem um período infinito, mas podem descrever também um período finito. Por isso precisamos examinar qual é o significado dessas palavras no Novo Testamento em relação ao juízo.

6.3.1 “Eternidade” e “eterno” no Novo Testamento

A palavra “eternidade” corresponde ao grego *aion*. Essa palavra pode ter o significado de um determinado período de tempo ou de uma época limitada: ver Mateus 12:32; 24:3; 28:20; Lucas 16:8; 20:34; Romanos 12:2; 1 Coríntios 1:20; 2 Coríntios 4:4; Gálatas 1:4; 1 Timóteo 6:17; 2 Timóteo 4:10; Tito 2:12; Hebreus 9:26.

Esses versículos deixam claro que não se trata apenas do tempo como tal, mas das características morais pelas quais a época ou o curso do tempo é caracterizado.

“Eternidade” é também – na maioria das passagens – um período infinito:

- “Para sempre” (grego: *eis ton aionā*). Essa expressão ocorre nos seguintes versículos: Mateus 21:19; Marcos 3:29; 11:14; Lucas 1:55; João 4:14; 6:51, 58; 8:35, 51-52; 10:28; 11:26; 12:34; 13:8; 14:16; 1 Coríntios 8:13; 2 Coríntios 9:9; Hebreus 5:6; 6:20; 7:17, 21, 24, 28; 1 Pedro 1:25; 1 João 2:17; 2 João 2.
- “Para as eternidades” (*eis tous aionas*). Ver as seguintes passagens: Lucas 1:33; Romanos 1:25; 9:5; 11:36; 16:27; 2 Coríntios 11:31; Hebreus 13:8.
- “Por todas as eternidades” (*eis pantas tous aionas*): Judas 25
- “Para a eternidade da eternidade” (*eis ton aiona tou aionos*): Hebreus 1:8.
- “Para as eternidades das eternidades” (*eis tous aionas ton aionon*). Essa expressão ocorre muitas vezes: Romanos 16:27; Gálatas 1:5; Filipenses 4:20; 1 Timóteo 1:17; 2 Timóteo 4:18; Hebreus 13:21; 1 Pedro 4:11; 5:11; Apocalipse 1:6, 18; 4:9-10; 5:13; 7:12; 10:6; 11:15; 14:11; 15:7; 19:3; 20:10; 22:5.

Em Apocalipse 14:11 e 20:10 encontramos uma expressão que não pode mais ser intensificada para a infinitude do castigo que atingirá o diabo, a besta e o falso profeta, mas também as pessoas que seguiram a besta. Eles serão atormentados “pelos séculos dos séculos”. No grego, “eternidade” está no plural. Literalmente, portanto, diz-se: “para as eternidades das eternidades”.

Também o adjetivo “eterno” aponta para a ausência de limite no tempo. Isso se pode ver claramente nas bênçãos “eternas” dos crentes. Os crentes possuem:

- a “salvação eterna” (Hebreus 5:9)
- a “eterna redenção” (Hebreus 9:12)
- a “eterna herança” (Hebreus 9:15)
- a “eterna glória” (2 Timóteo 2:10; 1 Pedro 5:10)
- a “casa eterna” (2 Coríntios 5:1)
- o “reino eterno” (2 Pedro 1:11).

Nenhum filho de Deus pensa que essas coisas sejam limitadas no tempo. Elas estão justamente em contraste com as coisas temporais e passageiras (2 Coríntios 4:17-18).

Em contraste com as bênçãos dos crentes está a sorte dos incrédulos:

- o “castigo eterno” (Mateus 25:46)
- o “fogo eterno” (Mateus 18:8; 25:41; Judas 7)
- o “juízo eterno” (Hebreus 6:2)
- a “eterna destruição” (2 Tessalonicenses 1:9).

Tanto as bênçãos dos crentes como o castigo dos ímpios são igualmente eternos, isto é, sem fim, como Mateus resume de forma breve e concisa: “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mateus 25:46).

Outro argumento contra o tormento eterno consiste em dizer que o adjetivo “eterno” não se refere à existência do pecador e à duração do seu juízo, mas deve ser limitado apenas ao efeito, ou efeito posterior, do juízo. A segunda morte, a morte eterna, seria então a aniquilação dos ímpios. Mas é possível falar de *aniquilação* do ser humano? “Perdição” significa o término da existência humana?

6.3.2 “Perdição”

Se a expressão “perdição” for entendida como aniquilação, isto é, como o fim da existência humana, então o castigo do inferno não seria infinito, mas finito. Essa opinião, porém, contradiz as passagens da Escritura já citadas. Se o ser humano realmente é aniquilado, como então a fumaça do seu tormento e da sua dor pode subir pelos séculos dos séculos (Apocalipse 14:11; 20:10)? Para que existe o castigo do fogo eterno, se já não há ninguém para quem esse fogo “arda” (Judas 7)? Por que o fogo do juízo é inextinguível (Marcos 9:43)?

Essas palavras da Escritura deixam claro que *perdição* não pode ter o significado de *aniquilação*. Isso também fica claro em outras passagens do Novo Testamento. O Novo Testamento grego tem várias palavras para perdição, das quais cito aqui as mais importantes, que também são usadas para o juízo dos ímpios na eternidade.

Substantivo “perdição” (apoleia)

Essa palavra ocorre 19 vezes e é traduzida de diferentes maneiras:

- “desperdício” ou “esbanjamento” (Mateus 26:8; Marcos 14:4)
- “entregar” (Atos 25:16)
- “filho da perdição” (João 17:12; 2 Tessalonicenses 2:3)
- “perdição” (Mateus 7:13; Romanos 9:22; Filipenses 1:28; 3:19; 1 Timóteo 6:9; Hebreus 10:39; 2 Pedro 2:1; 3:7; 3:16; Apocalipse 17:8, 11)

Verbo “perder, perecer” (apollymai)

O mesmo vale para o verbo “perder, perecer” (86 ocorrências no Novo Testamento):

- “destruição” da terra no dilúvio (2 Pedro 3:6; cf. Hebreus 1:11)
- “perecer, passar” (1 Pedro 1:8 entre outros)
- “matar” (Mateus 2:13; 12:24; 21:41; 27:26 entre outros)
- “perecer, morrer” (Mateus 5:29-30; 8:26; 26:52; Judas 11 entre outros)
- “perdido” em relação a pessoas, animais e coisas (Mateus 10:6; 15:24; 16:25; 18:11, 14; 2 Coríntios 2:15; 2 Tessalonicenses 2:10; 2 João 8 entre outros)
- “fazer perecer” o corpo e a alma no inferno (Mateus 10:28)
- “perder-se” dos odres de vinho (Mateus 9:17)
- “destruir” (Judas 5)

Substantivo “perdição, ruína” (olethros)

Essa palavra ocorre quatro vezes no Novo Testamento: 1 Coríntios 5:5; 1 Tessalonicenses 5:3; 2 Tessalonicenses 1:9; 1 Timóteo 6:9.

Em 2 Tessalonicenses 1:7-9 temos uma descrição impressionante do juízo do Senhor na Sua manifestação, mas ao mesmo tempo também do juízo eterno: “e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus

Cristo; estes sofrerão penalidade de eterna perdição, da [ou: banidos da] face do Senhor e da glória do seu poder.”

6.3.3 Resumo

Também esses termos, como a *vida eterna*, têm diferentes significados. Em algumas poucas passagens podem significar a destruição de uma coisa ou a remoção de pessoas de sobre a terra. Mas *perdição* nunca significa a aniquilação ou a extinção do ser humano. Pode significar a perda da vida terrena. Isso, porém, não é o fim da existência, mas apenas a passagem para outra forma de existência.

A perdição é a queda e a ruína moral, que não é aniquilação, mas a deterioração radical de um estado. Perdição nunca é a perda da existência, mas a perda de tudo o que dá valor à existência. Se nesses versículos se colocar, no lugar de “perdição”, a palavra “aniquilar” ou “aniquilação”, não só o sentido fica deformado – os versículos se tornam também totalmente incompreensíveis.

A perdição eterna dos ímpios consiste em que eles estarão para sempre cortados de Deus e expostos ao juízo. Eles estão perdidos e se encontram nas trevas exteriores (Mateus 8:12; 22:13; 25:30; Judas 13)

Perguntas para aprofundamento

- Como se pode responder às opiniões erradas de que ...
- os incrédulos, ou as suas almas, serão aniquilados?
- o seu castigo é limitado no tempo?

6.3.4 A justiça e a santidade de Deus

Para a compreensão e o sentimento humanos, é difícil imaginar que exista um juízo eterno e um castigo incessante do pecador. Muitas vezes, porém, só se vê o fim, sem atentar para como se chegou até ele. A nossa própria imaginação não pode nos guiar. Justamente nesta pergunta decisiva, a gente tende a dar às próprias ideias prioridade sobre a Palavra de Deus. Mas a Palavra de Deus é o único padrão, ao qual só podemos nos submeter com humildade em todas as questões.

Lembre-mos mais uma vez de que Deus não tem prazer em condenar o pecador: “porque não aflige, nem entristece de bom grado os filhos dos homens” (Lamentações 3:33). Mas por que, então, existe um juízo eterno? A resposta é: porque Deus não é só amor, mas também luz: Ele é um Deus de

justiça e santidade absolutas. A justiça de Deus exige o pagamento da dívida do pecado, o castigo do pecador. A santidade de Deus não pode tolerar o pecado e precisa remover e consumir tudo o que está ligado a ele (Josué 24:19).

O profeta Isaías diz: “Mas o SENHOR dos Exércitos é exaltado em juízo; e Deus, o Santo, é santificado em justiça” (Isaías 5:16).

Quem nega o juízo eterno coloca em questão a própria natureza de Deus. Deus é imutável na Sua natureza e nunca abre mão da Sua justiça e santidade. Além da imutabilidade de Deus, subestima-se também a natureza e o alcance do pecado. O pecado é o motivo do juízo eterno. E o que é o pecado aos olhos de Deus? O pecado não é nem fraqueza nem uma falta sem importância; “o pecado é a *transgressão da lei*” (1 João 3:4). A transgressão da lei (a ilegalidade) não é apenas a violação de um mandamento, mas a rejeição de toda lei divina, ou seja, vontade própria e a negação da autoridade de Deus. Isso é, em última análise, anarquia, o desprezo do direito do Criador sobre as Suas criaturas. O pecado é inimizade e rebelião contra Deus.

O pecado não se manifesta necessariamente em inimizade pública contra Deus, mas se faz valer de muitas formas. Pelo pecado, a majestade e a honra de Deus são ofendidas. Por isso Deus não deixará o pecado impune. Ele restaurará a Sua honra e cumprirá as exigências da Sua santidade. Os filhos de Deus têm a ver com o mesmo Deus, mas as exigências de Deus em relação a eles foram cumpridas pelo Filho de Deus na cruz.

Também o nosso sentimento como filhos de Deus é, infelizmente, influenciado e turvado pelo pecado. Nós mesmos éramos por natureza pecadores. Por isso não somos neutros no nosso julgamento¹⁴⁷ e não podemos ajustar a ira de Deus sobre o pecado ao nosso padrão. Que ideia temos do sentimento de Deus em relação ao pecado? Queremos prescrever-Lhe que Ele não pode castigar eternamente o pecador pelo seu pecado? Cabe única e exclusivamente a Deus decidir como Ele lida com o pecador. Ele nunca precisa de uma justificativa para o que faz e, no entanto, explica-nos essas coisas na Sua Palavra.

O juízo eterno não põe em questão o amor de Deus. Ele fez tudo e provou que o céu e a glória eterna estão abertos para todo ser humano. Por isso o Deus

147. É o esforço constante do Espírito Santo que entendamos o que é o pecado, para que o odiemos e o sintamos como Deus o sente (cf. 1 João 1:5–2:2).

santo e justo¹⁴⁸ não é injusto quando condena o pecador eternamente. Deus será glorificado também nisso. Deus é glorificado em santidade (Êxodo 15:11)!

O apóstolo Paulo diz: “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem, segundo está escrito: ‘Para seres justificado nas tuas palavras e venhas a vencer quando fores julgado.’ Mas, se a nossa injustiça traz a lume a justiça de Deus, que diremos? Porventura, será Deus injusto por aplicar a sua ira?” (Romanos 3:4-5).

6.3.5 A cruz do Gólgota

Como chegamos agora ao fim deste livro, queremos, sob a impressão do terrível juízo que aguarda o pecador, lançar um olhar sobre as horas mais importantes da história da humanidade.

Constatamos que Deus nunca abre mão da Sua justiça e santidade em favor do Seu amor e da Sua graça. A cruz do Gólgota nos fornece a prova mais impressionante disso. A cruz nos lembra a santidade e a justiça de Deus, que não fizeram exceção nem mesmo com o Filho de Deus quando Ele se entregou a si mesmo pelos nossos pecados: uma obra divinamente perfeita, realizada por uma pessoa divina, para nos libertar de um juízo infinito.

O Filho de Deus, que é sem pecado, assumiu em nosso lugar o juízo. Ele se apresentou com o nosso pecado diante do Deus santo, que por isso O castigou na cruz. Ele carregou os nossos pecados em Seu corpo sobre o madeiro (1 Pedro 2:24), Ele foi feito pecado em nosso lugar (2 Coríntios 5:21), Ele se tornou maldição por nós no madeiro (Gálatas 3:13).

Marc Tapernoux expressa isso com precisão: “Isso aconteceu para que o pecado fosse expiado e as exigências da justiça, da santidade e da glória de Deus fossem satisfeitas e, por outro lado, Deus pudesse perdoar pecadores. A grandeza desse sacrifício [Hebreus 10:1-18], o valor infinito d’Aquele [Mateus 3:17; 17:5] que expiou a culpa [1 João 2:2; 4:10], o peso do juízo que O atingiu [Mateus 27:46; Salmos 22; 42; 69] nos fazem compreender o peso do pecado a ser expiado e a extensão da perdição na qual ele lançou o ser humano: é uma perdição eterna.”¹⁴⁹

Quem diz que o castigo é limitado no tempo afirma com isso que o pecado, aos olhos de Deus, não é grave o bastante para acarretar um castigo eterno. Mas, se o pecado é tão inofensivo, por que então Deus julgou o Seu próprio

148. Apocalipse 16:5; Salmos 47:8; 119:137; Isaías 6:3.

149. Marc Tapernoux, *Das ewige Gericht*, Zürich (Beröa-Verlag), 1962, p. 5.

Filho de modo tão terrível na cruz? Por que O abandonou ali nas três horas de trevas? Por que O feriu tão terrivelmente (Isaías 53; Zacarias 13:7)?

Essa obra terrível teria sido necessária se tivéssemos de ser libertados apenas de uma certa soma de sofrimentos temporários? Certamente não. Ele não nos libertou de uma soma de sofrimentos limitados no tempo, mas da santa ira de Deus, que era tão terrível que nem mesmo o próprio Filho de Deus foi poupado dela (Romanos 5:8-10; 8:32).

Quando se afirma que o pecador perdido não será castigado eternamente, mas um dia será aniquilado, despreza-se o sofrimento do Filho de Deus! Essa é a consequência nefasta que resulta inevitavelmente dessa concepção. Se se tratasse apenas de nos libertar de um tormento passageiro, não teria sido necessário que o Filho de Deus viesse até nós e se oferecesse a si mesmo por nós. Mas, porque a ira de Deus e o juízo são eternos, somente uma pessoa divina podia suportá-los em nosso lugar e nos libertar deles.

Quando se nega o tormento eterno, as consequências são de tão grande alcance que com isso se atinge e se diminui até a obra da redenção de Jesus Cristo. Deus nos guarde de diminuir de qualquer forma o valor infinitamente grande desse sacrifício de grandeza divina! Apeguemo-nos ao fato de que o Filho de Deus tomou sobre si ali, em toda a sua extensão, o castigo que nos teria atingido eternamente.

Essa é a maior prova do amor infinito de Deus e, ao mesmo tempo, da santidade imutável de Deus.

É a eterna misericórdia,
que excede todo o pensar;
de quem, de braços bem abertos,
ao pecador se vem curvar;
que da maldição e morte nos livra
e à glória de Jesus nos leva.

Não era para nos perdermos,
Deus quer que sejamos salvos, sim;
por isso o Filho veio à terra
e ao céu subiu depois, por fim.
Do trono da graça vem, então,
pelo Filho a graça em profusão.

Ó graça, que todos os pecados
pelo sangue de Cristo pode apagar,
e agora faz por toda parte
perdão e paz a todos anunciar.
A salvação eterna já está pronta,
ó tempo da graça, maravilha sem conta!

7 Apêndice

7.1 O que a Sagrada Escritura ensina sobre o Sheol e o Hades?

Resposta a perguntas em Bible Treasury, volume N 9, página 79

Perguntas

A expressão “assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mateus 12:40) designa mais do que a sepultura, e a expressão “ele desceu às regiões inferiores da terra” (Efésios 4:9) designa mais do que a morte e a sepultura?

Está de acordo com a Escritura dizer que o Sheol ou Hades (incluindo o seio de Abraão e o paraíso) estão debaixo da terra, e que o Senhor Jesus desceu até lá e levou alguns consigo para o alto? Ou o paraíso, ou o seio de Abraão, esteve sempre no céu e nunca debaixo da terra, nem mesmo no tempo do Antigo Testamento?

O que significa a expressão “descer ao Sheol”?

O “abismo” é algo diferente do “Hades”?

As palavras Sheol ou Hades podem ser aplicadas ao céu, que afinal é uma parte do invisível?

J.C.B.

Resposta

A expressão do Antigo Testamento “Sheol” ocorre 65 vezes e na “Authorised Version” é traduzida 31 vezes por “sepultura”, 3 vezes por “cova” e 31 vezes por “inferno”. Isso mostra que a palavra pode ter diferentes significados. A mesma palavra foi traduzida na Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento) 31 vezes por “Hades”, duas vezes por “morte” (*thanatos*) (2 Samuel 22:6; Provérbios 23:14) e em duas passagens (Jó 24:19; Ezequiel 32:21) simplesmente não foi traduzida, porque a língua grega não conhece nenhuma palavra que pudesse reproduzir o significado nessas passagens.

Nas seguintes passagens – para citar apenas algumas –, Gênesis 37:35; 42:38; 44:29, 31; Números 16:30-31; 1 Reis 2:6, 9; Salmos 49:15; 141:7, “Sheol” significa simplesmente “sepultura” e assim foi traduzido também na edição inglesa, com exceção de Números 16, onde está “cova”, enquanto em todas as outras passagens a expressão “Sheol” designa o lugar dos espíritos que partiram.

A sepultura recebe o corpo sem vida. Em resumo, podemos dizer que a expressão do Antigo Testamento “Sheol” é usada tanto para a sepultura como para o lugar de permanência dos espíritos que partiram.

Quando nos voltamos agora para o Novo Testamento, esse duplo significado desaparece, pois a vida e a incorruptibilidade foram trazidas à luz pelo evangelho. A palavra “Hades”, que na verdade é a tradução grega da palavra hebraica “Sheol”, refere-se no Novo Testamento somente ao mundo dos espíritos que partiram, assim como as palavras “morte” e “sepultura” (Apocalipse 20) se referem somente ao corpo, e não à alma e ao espírito. É o corpo que morre, enquanto o espírito volta a Deus, que o deu. O espírito e a alma nunca deixam de existir. O Hades recebe somente mortos incrédulos. Quando o crente é chamado para o lar, ele não vai para o Hades, mas para o paraíso.

Alguns pensam que o Hades recebe, na morte, tanto crentes como incrédulos da mesma maneira e que essas duas classes, ainda assim, estão separadas por um grande abismo. A Escritura em parte alguma fala de crentes que vão para o Hades, mas, pelo contrário, de que estão longe dele (Lucas 16:23). Se o versículo 10 do Salmo 16, um versículo citado duas vezes em Atos 2, fosse base para a doutrina de que o Senhor, depois da Sua morte, desceu ao Sheol ou Hades e de que a Sua alma não foi deixada ali – mas sabemos que Ele foi para o paraíso, um jardim de delícias e não de trevas, onde também estava o malfeitor da cruz –, então ali teria de haver duas partes, para crentes e para incrédulos. Mas esse erro surgiu por causa de uma tradução errada desse versículo na edição inglesa. Esse versículo expressa: “Não deixarás a minha alma para o [não: no] Sheol (não a entregarás nem a relegarás para lá)”. Essa tradução correta é confirmada pelo “texto corrigido” de Atos 2:27, 31, reconhecido por Lachmann, Tischendorf, Tregelles, Westcott, Hort e outros tradutores.

A palavra “Hades” nunca é usada no Novo Testamento em sentido positivo. Se houvesse no Hades tanto uma área para crentes como uma para incrédulos, por que lemos sem exceção sobre o Hades em ligação com incrédulos e não encontramos uma única indicação de que um crente se encontre ali?

Com as expressões “no coração” ou “as regiões inferiores da terra” se quer dizer a sepultura. O nosso Senhor não só morreu, mas também foi sepultado e ressuscitado ao terceiro dia. Disso Jonas é uma figura. O Salmo 139:15 pode nos guardar de uma interpretação literal demais das palavras. Sem dúvida, aqui,

com as partes inferiores da terra, se quer dizer algo invisível ou oculto. A sepultura foi guardada por uma escolta depois de ter sido selada com uma pedra (Mateus 27:66). Nenhum olho humano podia olhar para dentro do recinto santo onde jazia o corpo de Jesus.

Antes da vinda de Cristo, a expressão “no seio de Abraão” era para o judeu piedoso a síntese da bem-aventurança, porque ele sabia que Abraão foi chamado “amigo de Deus”. Estar com Cristo é a perspectiva bem-aventurada de um cristão. Isso é lá em cima, no paraíso de Deus. Paraíso não é sinônimo de Hades. Abraão não estava no Hades, mas a alma atormentada, que estava no Hades, o viu “de longe”. É uma invenção humana que o Senhor esteve no Hades e libertou alguém de lá. O Senhor não foi para o Hades, mas para o paraíso. A Escritura não dá uma única indicação de uma libertação do Hades. As passagens Juízes 5:12; Salmos 68:18; Efésios 4:8 não falam da libertação de prisioneiros, mas da captura de poderes malignos, que aqui são chamados de cativoiro. Cristo despojou os principados e as potestades e os expôs publicamente ao desprezo, triunfando sobre eles (Colossenses 2:15). Ele levou cativo o cativoiro. Isso não se refere à libertação de prisioneiros do inferno, como alguns o interpretam.

“Descer ao Sheol” se refere à sepultura ou à cova. Ambas estão debaixo da terra.

O abismo (Apocalipse 20) é um lugar aonde nenhum ser humano vai, mas onde Satanás estará preso por mil anos, antes de ser lançado definitivamente, por toda a eternidade, no lago de fogo. O Hades, ao contrário, recebe a alma e o espírito daqueles que morreram sem reconciliação com Deus, ou seja, dos mortos incrédulos, cujo espírito um dia habitou no corpo mortal. A alma e o espírito vão para o Hades, enquanto o corpo, formado do pó, encontra um lugar na sepultura (no mar ou na terra) e aguarda a ressurreição do juízo. Quando o ser humano for ressuscitado – então o céu e a terra já não existirão –, ele não será lançado no Hades (que então já não existe), mas no lago de fogo, que não foi preparado para os seres humanos, mas para o diabo e seus anjos (Mateus 25:41). O crente que adormeceu não é ressuscitado para o juízo, mas para a glória (Filipenses 3:20-21).

As palavras “Sheol” ou “Hades” não podem ser aplicadas ao céu, pois estão em oposição a ele.

Nota do tradutor

A palavra Hades ocorre no Novo Testamento nas seguintes passagens:

Mateus 11:23 (Lucas 10:15): nessas duas passagens, o Hades está em clara oposição ao céu. O Senhor fala de que Cafarnaum será precipitada até o Hades. O significado negativo é evidente.

Mateus 16:18: aqui o Senhor fala de que aquele que, pelo novo nascimento e pela fé, se tornou uma pedra viva na casa de Deus não pode ser vencido pelas portas do Hades, ou seja, nunca vai para o Hades. Também esta passagem é claramente negativa, ao dizer o Senhor o que não pode acontecer.

Lucas 16:23: o rico levanta os olhos no Hades e está ali em tormentos. Não se diz que Lázaro também estava no Hades. Ao contrário, o homem rico vê Lázaro no seio de Abraão. O seio de Abraão, ou o paraíso, não é uma parte do Hades; os dois são lugares claramente distintos, e é impossível passar de um lugar para o outro. “E, além de tudo isso, está posto um grande abismo entre nós e vós.”

Atos 2:27, 31: a tradução da citação do Salmo 16:10 em Atos 2:27, 31 não está correta, a meu ver. Na Septuaginta está literalmente *enkataleipbes eis haden* (“deixar para o Hades”). A forma básica do verbo é *enkataleipo* e em outro lugar é traduzida melhor por “entregar” (ou: “abandonar”). Essa palavra *enkataleipo* ocorre no Novo Testamento, além de Atos 2:27, 31, mais 8 vezes e foi traduzida 6 vezes por “abandonar” (Mateus 27:46; Marcos 15:34; 2 Coríntios 4:9; 2 Timóteo 4:10, 16; Hebreus 13:5), uma vez por “deixar restar” (Romanos 9:29) e uma vez por “deixar de” ou “abandonar” (Hebreus 10:25). O decisivo é que aqui não está *en haden* (dativo, como em Lucas 16:23), mas *eis haden* (“para o Hades”, acusativo). A preposição *eis* (“em, para”) só aparece com o acusativo. O acusativo indica, no grego como no alemão, movimento ou direção. Se no texto original estivesse *en haden*, *enkataleipbes* poderia ser traduzido por “deixar para trás”. A expressão *eis haden* exclui essa possibilidade. Aqui não se trata de uma questão de variantes textuais, mas claramente de uma questão de tradução¹⁵⁰ (cf.

150. Essa opinião, no entanto, diverge da visão de J.N. Darby, que traduziu essas passagens de outra forma (cf. o prefácio da tradução Elberfelder sobre Hades e inferno, que é de J.N. Darby, *Coll. Writings*, vol. 13).

as observações detalhadas de W. Kelly nos seus livros *An Exposition of the Acts of the Apostles* e *The Preaching to the Spirits in Prison*).¹⁵¹

A preposição *eis* ocorre, entre outras passagens, em Mateus 18:20: “reunidos em (literalmente: para) o meu nome”; depois em ligação com o batismo, por exemplo, Romanos 6:3-4; 1 Coríntios 10:2 etc. (cf. o prefácio da tradução Elberfelder [tradução alemã da Bíblia] a respeito do batismo).

Pedro cita em Atos 2 o Salmo 16:10 justamente para provar que Deus ressuscitou aquele que, pela mão de iníquos, tinha sido pregado na cruz e morto. Não era possível que o Senhor permanecesse na morte e fosse retido por ela. Com essa citação nos versículos 25-27, Pedro quer dizer que o Senhor nunca esteve no Hades. Deus não podia permitir que a alma do Senhor estivesse no Hades durante o tempo em que o Seu corpo jazia no sepulcro. Assim como o Seu corpo não viu a corrupção, a Sua alma não foi relegada ao Hades. Os iníquos teriam feito isso, se estivesse em seu poder. Mas Deus pensava de outra forma, porque o Senhor Jesus tinha todo o agrado de Deus. Isso Deus provou então também da maneira mais clara, ressuscitando o Senhor. Existe alguma passagem que deixe mais claro o caráter negativo do Hades?

Apocalipse 1:18: aqui vemos que o Senhor tem as chaves da morte e do Hades. O Senhor nos é apresentado neste versículo como o Juiz, como também O vemos em Apocalipse 20:11-15, onde Ele julga todos os mortos. Ali a morte e o Hades precisam devolver todos os mortos, para que sejam julgados. Satanás

151. W. Kelly, *The Preaching to the Spirits in Prison, 1 Peter III. 18-20*, Sunbury (Belivers Bookshelf), p. 133, 134: “A palavra hebraica no Salmo 16:10 não significa ‘no’, mas ‘para o’ Sheol; ela não implica nenhuma descida, assim como também Atos 2:27 no texto crítico (*eis haden*) de Alford, Lachmann, Tischendorf, Tregelles, Wordsworth, Westcott e Hort. Assim, a Revised Version traduz corretamente o hebraico: ‘Não deixarás a minha alma para o Sheol [não a entregarás ao Sheol]’ etc., embora traduza erroneamente o grego por ‘em’ em vez de ‘para’.

Quando o nosso Senhor morreu, entregou o Seu espírito nas mãos de Seu Pai, que com certeza está no céu; e o ladrão convertido, por mais tarde que isso tenha acontecido, esteve naquele mesmo dia com Ele no paraíso (Lucas 23). Já vimos agora que o paraíso, em vez de estar no Hades, está no céu e, como foi dito, é a sua parte mais gloriosa. Um apóstolo o liga ao ‘terceiro céu’ (2 Coríntios 12:3-4); e o nosso Senhor diz, por meio de outro, que aquele que vencer (na glorificação) dará a comer da árvore da vida – certamente não no Hades (Apocalipse 2:7). No Antigo Testamento, o Hades, assim como a morte, a vida e a incorruptibilidade, permaneciam indefinidos; mas essas coisas e muito mais foram trazidas à luz pelo evangelho. Por isso o nosso Senhor, na última parábola de Lucas 16, descreve o homem rico, que não tinha nem fé nem amor, levantando os olhos no Hades depois da morte – e o crente Lázaro, por sua vez, abençoado junto ao fiel Abraão. Um abismo tão grande estava posto que excluía a passagem de qualquer dos lados. O Hades estava de fato ‘longe’; e estar lá significa estar ‘em tormentos’. Não se diz nem uma palavra sequer de que Lázaro estivesse lá; ele estava no seio de Abraão.

não devolve os mortos voluntariamente. Mas o Senhor tem também sobre a morte e o Hades o poder final.

Apocalipse 6:8: o Hades segue o cavalo amarelo, no qual está montada a morte. Essa passagem está ligada aos juízos que atingirão a terra depois do arrebatamento. Aqueles que a morte mata, o Hades recebe imediatamente – naturalmente só a alma e o espírito dos mortos. Os judeus fiéis que morrem durante esse tempo encontram-se, ao contrário, debaixo do altar (capítulo 6:9).

Apocalipse 20:13-14: aqui a morte e o Hades são lançados no lago de fogo. A morte e o Hades são a última coisa que está em oposição a Deus e que, por isso, é lançada no lago de fogo. Haveria Deus de relegar o espírito e a alma de um crente, que já estão salvos, a um lugar que está em oposição a Ele? Isso é impossível! A morte, é verdade, também está em oposição a Deus, mas para o crente é a porta para o invisível. Se o Senhor não vier antes, também nós ainda teremos de passar pela morte, porque o corpo do pecado ainda não foi salvo. Mas a nossa esperança é que o Senhor venha, e que venha logo, e “transforme o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas” (Filipenses 3:21).

Werner Mücher

7.2 Tabela com os diferentes termos

Designação	Passagens bíblicas	Significado
Sheol (hebraico)	65 vezes no Antigo Testamento; por exemplo, Gênesis 37:35; 42:38; 44:29, 31; Números 16:30-33; 1 Reis 2:6, 9; Salmos 49:15; 141:7 etc.	Antes de tudo, a sepultura, a cova na terra. Mas depois também o reino dos mortos, sem distinção entre o lugar de permanência de pessoas crentes ou incrédulas
Hades (grego)	Mateus 11:23; 16:18; Lucas 10:15; 16:23; Atos 2:27, 31; Apocalipse 1:18; 6:8; 20:13-14	Lugar de permanência dos mortos incrédulos. Lugar de tormentos. No Novo Testamento, o Hades tem sempre um significado negativo

Paraíso	Lucas 23:43; 2 Coríntios 12:4; Apocalipse 2:7	Lugar dos crentes que adormeceram, em alegria consciente
Seio de Abraão	Lucas 16:22-23	Outra designação para o paraíso
Lago de fogo – lago que arde com fogo e enxofre	Apocalipse 19:20; 20:14-15; 21:8 (cf. “castigo eterno” em Mateus 25:46)	Lugar de permanência dos seres humanos, de Satanás e dos seus demônios, que experimentarão incessantemente, por toda a eternidade, os tormentos do juízo. Até hoje ninguém está no lago de fogo. Os primeiros a ser banidos para lá serão a besta e o falso profeta; Satanás, só 1000 anos depois; e com ele, então, todos os incrédulos.
Inferno (grego: <i>gehenna</i>)	Mateus 5:22, 29-30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Marcos 9:43, 45, 47; Lucas 12:5; Tiago 3:6	Outro nome para o lago de fogo
Abismo (hebraico: <i>abbaddon</i>)	Jó 26:6; 28:22; 31:12; Salmos 88:11; Provérbios 15:11; 27:20; Lucas 8:31; Romanos 10:7; 2 Pedro 2:4; Apocalipse 9:1, 11; 11:7; 17:8; 20:1, 3	O abismo é, entre outras coisas, o lugar de detenção dos anjos caídos, que Deus mantém presos até o juízo definitivo.
Céu	mais de 700 vezes na Bíblia	A Bíblia distingue entre o 1º céu (= céu atmosférico), o 2º céu (universo, espaço interestelar) e o 3º céu, onde estão o trono de Deus e o paraíso (2 Coríntios 12)
Casa do Pai	João 14:2	Céu não criado, no qual as três pessoas da Divindade habitaram desde sempre e no

qual entrarão todos os crentes da assembleia (igreja) de Deus

8 Bibliografia

- Ankerberg, J., *Fakten über das Leben nach dem Tod*, Pfäffikon (Verlag Mitternachtsruf) 2001
- Ankerberg, J., *Fakten über Sterbeerlebnisse*, Pfäffikon (Verlag Mitternachtsruf) 2001
- Bergmann, G., *Leben nach dem Tod?*, Gladbeck 1960
- Brand, Reinhard, Godzik, Peter *Die gemeinsame christliche Hoffnung über den Tod hinaus und ihre unterschiedliche Auslegung*, 1992
- Brinke, G. R., *Jenseitiges und Zukünftiges*, Frutigen
- Brockhaus, R., *Botschafter des Heils in Christo*, “Unsterblichkeit der Seele, Seelenschlaf und Verdammnis”, 1919
- Bouter, H., *Onnaspeurlijke Rijkdom, Bijbelstudies over het Paradijs van God*, Gouda, 2003
- Cremer, H., *Jenseits des Grabes*, 1886, Gießen (TVG) 1987
- Darby, J. N., *Die ewige Pein*, Neustadt (E.-P. Verlag)
- Fijnvandraat, J. G., *Wiedergeboren – in Ewigkeit?*, Schwelm 1980
- Grant, F. W., *Facts and Theories as to a future state*, North Carolina 1889
- Hallesby, O., *Himmel, Tod und Hölle*, Wuppertal (Rudolf Brockhaus Verlag)
- Hauke, Dr., Rainer, *Wo sind unsere Toten? Ein vernachlässigter Aspekt der individuellen Eschatologie* (palestra de habilitação)
- Heidler, F., *Die biblische Lehre von der Unsterblichkeit der Seele* (Beiträge zur systematischen Theologie), Vandenhoeck & Ruprecht
- Hole, F. B., *Das Feuer, das nicht erlischt*, Hückeswagen (CSV) 1987
- Ironside, H. A., *Death and afterwards*, Neptune (Loizeaux Brothers) 1924
- Jennings, F. C., *The Human Body, Its Source, History and Destiny*, Essex 1927
- Lockyer, H., *Was geschieht nach dem Tod*, Wetzlar (Verlag Hermann Schulte) 1976
- Lutzer, E. W., *Fünf Minuten nach dem Tod*, Dillenburg (CVD) 1999
- Ouweneel, W. J., *Das ewige Leben*, Neustadt (E.-P. Verlag) 1980
- Ouweneel, W. J., *Herz und Seele*, Dillenburg (CVD) 1991
- Ouweneel, W. J., *De leer van de mens*, Buiten & Schipperheijn, 1986
- Ouweneel, W. J., *Ende gut – alle(s) gut?*, Bielefeld (CLV) 1993

- Pache, R., *Das Jenseits*, Wuppertal (Verlag Sonne und Schild) 1957
 Pfannmüller, G., *Tod, Jenseits und Unsterblichkeit*
 Pollock, A. J., *Eternal Life*, London
 Rawlings, M., *Zur Hölle und zurück*, Hamburg (C. M. Fliß) 1996
 Rienecker, F., *Das Schönste kommt noch I, II*, Wuppertal (Verlag Sonne und Schild) 1964
 Rincke, H. W., *Vom Zustand nach dem Tode*, Basel, 1885
 Schwengeler, B., org. *Sterbeerlebnisse, Ufo, Anthroposophie*, Berneck, 1981
 Steinmeister, A., *Auferstehung – Realität oder Illusion*, Wuppertal (Telos) 1989
 Swihart, P. J., *Der Tod – wirklich anders?*, Bad Liebenzell, 1979
 Tapernoux, Marc, *Das ewige Gericht*, Zürich (Beröa Verlag) 1962
 Zodiates, S., *Leben nach dem Tod*, Dillenburg (CVD) 1978

Os seguintes livros representam, total ou parcialmente, a posição contrária

- Cullmann, O., *Unsterblichkeit der Seele oder Auferstehung der Toten*, Stuttgart (Quell Verlag) 1986
 Custance, A. C., *Journey out of time*, A study of the interval between death and resurrection of the body, Ontario (Doorway Publication)
 Le Seur, P., *Die Zukunft der Toten*, Wuppertal (Aussaat Verlag) 1974
 Jukes, A., *Der zweite Tod und die Wiederbringung aller Dinge*, 1912 (1987)
 Magner, J., *Zukunft ohne Tod*, Hamburg (Saatkorn Verlag)
 Petry, P., *Allaussöhnung, Tod und letzte Dinge*, Pforzheim (Konkordanter Verlag) 1986
 Raiber, H., *Wir werden was wir sind* (Chiron Verlag) 1986
 Tobler, G., *Wann beginnt das ewige Leben*, Zürich (Advent-Verlag)
Tod und Leben, Studien zur christlichen Anthropologie, Genf (Edition Oikumene) 1840
 Tomasi, M., *Tod und Auferstehung, Himmel und Hölle*, Zürich (Advent Verlag)
77 Fragen an die Gemeinschaft der Siebenten-Tags-Adventisten, 1988

Obras de referência

- Handreichungen aus dem Worte Gottes*, revista mensal 1913-1938, Bielefeld (CLV)
Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch, C. H. Beck, München (Strack & Billerbeck),

Texte der Kirchenväter, München (Kösel Verlag) 1963

The Bible Treasury, edited by William Kelly 1856-1920, Winschoten (H. L. Heijkop Verlag)

The Collected Writings of John Nelson Darby, Winschoten, (H.L. Heijkoop Verlag) reimpressão 1972

Revistas

An Outline of Sound Words, W. C. Reid, Edingburgh

Bibel und Gemeinde, revista do Bibelbund

De Bode van het heil in Christus, Vassen (Uitgeverij H. P. Medema)

Comentários bíblicos

Best, E., *Second Corinthians, A Bible Commentary for Teaching and Preaching*, Atlanta (John Knox Press)

de Boor, W., *Der zweite Brief des Paulus an die Korinther*, Wuppertal (R. Brockhaus Verlag) 1972

Godet, F., *Kommentar zu dem Evangelium des Lukas*, TVG

Godet, F., *Kommentar zum 1. Brief an die Korinther*, TVG

Grosheide, F.W., *Paulus eerste Brief aan de Kerk te Korinthe*, Korte Verklaring der Heilige Schrift, Kampen

Kelly, W., *Notes on the second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians with a new Translation*, London

McDonald, W., *2 Corinthians* (Emmaus Bible School), 1961,

Ouweneel, W. J., *Wij zien Jezus, Bijbelstudies over de Brief aan de Hebreëen*

Ouweneel, W. J., *De Openbaring van Jezus Christus, deel 1 en 2*

Rienecker, F. *Lukas, Wuppertaler Studienbibel*, Wuppertal (Brockhaus Verlag)

Zahn, T., *Das Evangelium des Lukas*, TVG

Auxílios de estudo

Begriffslexikon zum Neuen Testament, TVG

Bibleworkshop, Computer-Bibel, media C

Bromiley, G. W., *Theological Dictionary of the New Testament*, Eerdmans

Metzger, B. M., *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, London, New York (United Bible Societies), 1971

Rienecker, *Sprachlicher Schlüssel zum griechischen Neuen Testament*

Vine, W. E., *Expository Dictionary of New Testament Words*, Fleming H. Revell
Wigram, G., *Publishing Englishmans Greek Concordance*

Literatura geral

Bruce, F. F., *Zeitgeschichte des Neuen Testaments*, Wuppertal (TVG) 1986
Gitt, W., *Und die anderen Religionen?*, Bielefeld (CLV)
Gitt, W., *Schuf Gott durch Evolution?*, Bielefeld (CLV)
Hunt, D., *Whatever happened to heaven*, Harvest House Publishers, Eugene, 1988
Josephus, F., *Geschichte des Jüdischen Krieges*, Wiesbaden (Fourier Verlag)
Josephus, F., *Jüdische Altertümer*, Wiesbaden (Fourier Verlag)
Scott, W., *Doctrinal Summaries*, Glasgow (G. T. Publications) 1982
Walvoord, J., *The Prophecy Knowledge Handbook*, Wheaton (Victor Books) 1990

Notas

Brochura

W. & M. Deppe

Auswege oder Wege ins Aus? [Saídas – ou caminhos para lugar nenhum?]

320 páginas

ISBN 3-89397-290-0

Comunidades de gurus, seitas, cultos de mistério e grupos psicológicos gozam de crescente popularidade e de um número cada vez maior de membros no mundo ocidental.

Além disso, desde os anos oitenta somos inundados por uma onda esotérica impossível de abarcar.

Quase ao mesmo tempo acontece o que durante séculos foi inimaginável – em todo o mundo começam diálogos entre as grandes religiões mundiais!

A consequência disso é que os cristãos são confrontados cada vez mais com pessoas que misturaram ideias cristãs com elementos de outras religiões, e são chamados, mais do que nunca, a se ocupar com as diversas correntes do nosso tempo.

Este livro é uma boa ajuda de orientação no labirinto da diversidade religiosa!

Os mortos vivem – ou a morte é o fim de toda existência? O ser humano cai num sono da alma – ou tem consciência além da morte? São perguntas que ocupam todo ser humano. Responder a essas perguntas, mas também transmitir esperança, é o objetivo deste livro, no qual a questão da imortalidade da alma constitui o tema central. Mortos que vivem – a Bíblia resolve o paradoxo: a morte não é o fim, mas o começo de uma vida que nunca mais termina. A verdade dessa afirmação é garantida por uma ...